

## OS RETIRANTES

José do Patrocínio

### PRIMEIRA PARTE

## A Paróquia Abandonada

### I

Tinha acabado a missa conventual e só à tarde sairia a procissão de prece: a imagem da Senhora da Piedade no seu andor armado de damasco e festões de flores, carregado por virgens; o Cristo de lividez poética na sua cruz negra e desornada.

A população de *B. V.*, pequena paróquia cearense, achava-se bem, como quem retesa os músculos depois de um pesadelo; espanejava-se num contentamento largo como um romper da alva. A maior parte dos paroquianos estava reunida a rir e a galhofar e acentuava insistentemente o contraste entre o seu aspecto de hoje e o da véspera.

- Olé! - exclamavam uns para os outros. - Você a modo que ouviu o ronco dos guáibas ou o zunzum da Itaquiara?

A diferença era de fato enorme. Desde dezembro uma tristeza, densa como um nevoeiro, tinha empanado os espíritos ao verem a florescência dos cajueiros desperdiçada aos calores crus do estio. Nem um suor de tempestade embaciou a atmosfera, sempre de limpidez cristalina. Começou desta data a devoção solene, mas foi inteiramente vão o apelo para o céu diante da misantropia da natureza. Os dias secos e ardentes continuaram a devastar o gado, as plantações e as pastagens, ao passo que os rios e os açudes empobreciam como fidalgos pródigos.

Também as preces, em vez de levantar os ânimos, copiaram a desolação da terra e tornaram-se a ceva mística do desalento. Quando as procissões recolhiam ao som das monodias religiosas, e extinguíam-se os archotes, e apagavam-se as velas dos altares, escureciam igualmente o templo e as consciências. A claridade elétrica do luar, caindo então sobre a comum tristeza, parecia o olhar esgazeadado de miséria a magnetizar o povoado.

É que o pânico feriu, de improviso, a energia das populações de sudoeste, assim como a de toda a Província do Ceará. Estatelavam todas ante a perspectiva hostil do futuro, numa resignação de faquir que se imola, e, como se tivessem um prurido de angústias, recontavam-se histórias de outras épocas horrorosamente calamitosas. Demais, a superstição abriu logo as longas asas de corvo e pairou sobre os espíritos acovardados. Um círculo alourado em torno da lua, a queda de um meteoro, as cores do crepúsculo, tudo foi considerado prenúncio da esperada desgraça. O templo substituiu a consolação pela ameaça, a esperança pelo desconforto. Assim é que o vigário Paula, conhecido até então como pouco severo, transformou a calma desleixada do seu olhar numa austeridade fria de juiz; o tom vulgar de suas práticas de outrora numa entoação cava de agouro. As donzelas tiritavam o velo; a sua estola, roxa como o rebordo de uma chaga, e a sobrepeliz, alva como os cogumelos novos, lembravam-lhes o caixão e a mortalha, e a boca do sacerdote afigurava-se-lhes a entrada da cova inexorável.

A paróquia tornou-se um imenso beatério, que se angustiava profundamente ao ouvir explicado, com os pormenores da perversidade, um hieróglifo escrito na memória de todos por um missionário capuchinho. O vigário o repetia pausadamente:

*- Em 77 muito rasto e pouco pasto; em 78 muito pasto e pouco rasto.*

E explicava em seguida:

- É que haveis de fugir de vossas moradas, como a caça acuada, tendo horror ao próprio som das vossas pisadas. A seca, porém, vos seguirá os passos como um cão destro, e para onde quer que fujais, lá encontrareis o desabrigo, a fome e a morte.

Estava-se já em princípios de março, e a fatalidade parecia ratificar a crueza de tais predições. Do alto da colina, em que está a sede da paróquia, com suas casas esparsas pela extensão das ruas embrionárias e pelo contorno da praça; com a sua igreja caiada, sem torres, tendo um telheiro por campanário, viam-se os incalculáveis estragos do verão. Era um espetáculo solene e tristonho. A planície estendia-se amplamente, semelhante a uma cicatriz enorme no meio do verdor sadio das carnaubeiras novas e das grandes touceiras de mandacarus, cujos grupamentos de estolhos semelhavam-se a órgãos de esmeralda encravados na charneca. Os pequenos casais, que apareciam ao longe, com os seus tetos de palha, as suas paredes caiadas, e os currais de pau-a-pique, desertos e negros de estrume, recordavam outras tantas tendas da penúria. O rio Jaguaribe, perdida a abundância hiberna, estava reduzido a algumas poças. As suas ribanceiras descobertas, altas como dois muros; o seu leito despido em vastas coroas de areia, amarelas como o âmbar, pareciam uma vala de cemitério, babando viva gula de cadáveres. Uma nuvem de urubus, que, dividindo-se e subdividindo-se, ora pousava nas capoeiras ou no solo, servia de outros tantos marcos à morte. É que o gado caía por centenas, como num matadouro, ou, faminto e sedento, cambaleava a fraqueza das suas ossadas a roer folhas mortas pela intensidade da canícula.

Foi, pois, com uma violência selvagem que, na véspera do outono, dia de São José, a alegria irrompeu do seio da paróquia. O sertanejo não desarmou a rede nem arranjou o mocó para partir; vestiu-se de gala, porque o verão simulou chegar ao seu termo. Fria e sombria madrugada quebrou a monotonia das auroras enfartadas de sol; uma bafagem úmida bruniu a copa empoeirada das árvores e cochichou nos capoeirões sussurros de temporal. As nuvens obesas de chuveiros alegravam como a carranca mais feia na festa dos bobos, e a paisagem tomou o ar descanoado do convalescente a respirar o ambiente oxigenado de uma hora, ainda úmida da rega matutina.

A igreja acompanhou-a na brusca mutação. Já não dobrava como por finados; os sinos, festivamente tangidos, entoavam uma aleluia àquelas vastas ruínas, e os seus repiques prolongados penetravam pelas casas com um ruído jovial de irmãos recém-chegados, sacudindo os sonolentos e acordando-os em sobressalto feliz. Também, à hora da missa, não se via uma população mesta e combalida, mas o povo com a sua alma sonora, enchendo as ruas e a praça de uma praseria anárquica.

Cerca de uma hora da tarde, porém, a sede paroquial ficou silenciosa e quase deserta. A multidão, tomando a ladeira norte da colina, escoou-se alvoroçada aspirando os sons de um búzio, três vezes repetidos. Foram como um pedaço de ímã, caído sobre um monte de limalha, aqueles sons cabalísticos; atraíram, arrastaram os grupos, que irresistivelmente correram de encontro a eles. Nem as pessoas mais graduadas, as que não tinham estadiado na praça, puderam conter-se. O próprio vigário Paula, reunido à família do professor público Francisco de Queiroz e à do velho criador Rogério Monte, seguiu alegremente ao encalço da multidão.

Havia neste grupo a dignidade da proeminência social. O vigário com seu chapéu redondo de

grandes borlas pretas, a sua batina lilás, colhida na cintura pelos alamares da seda, levava pelo braço, com um passo cadenciado, a filha mais velha de Queiroz. Chamava-se Eulália e era uma rapariga de 20 anos, porte direito como a palma da acácia, andar firme e resoluto, ao de leve sacudido, como o ramo do ingazeiro que molha a ponta na correnteza. Rebutavam-lhe os seios com o vigor pujante da puberdade, tomando o corpinho branco e justo a conformação das graviolas verdes. Deles o colo enérgico tirava a curva das estátuas, e como que a cintura desbastava mais a circunferência de cone truncado junto ao ápice. Coroava-lhe o tronco forte uma cabeça sibilina, sumida artisticamente numa cabeleira negra, farta e lustrosa, enquadrando um rosto oval, moreno, corado e carnudo, recebendo um tom de nobreza principesca dos olhos à flor das pálpebras, vividos, maliciosos, e das narinas graciosamente vincadas. Ia pensativa, contra o seu hábito que era uma ponta de estroinice, desfeita em risadas de uma alegria clara, como as pojaduras de leite.

O vigário, por sua vez, guardava um retraimento cavalheiresco, de quem não quer incomodar. Só de vez em quando demorava o passo, e com uma voz meio autoritária, meio meiga, fazia notar as devastações da seca.

Estava ao natural. Era frio como as pedras de ara, pouco familiar no trato, exceto para com Eulália e o professor, com o qual havia colegiado - bom tempo de que um velho muro guardava a recordação numa frase obscena. O corpo atlético, mas proporcional e correto, ostentava músculos demais, que no entanto não impediam que se lhe sentisse facilmente o estremecimento do coração. O rosto de puro tipo indígena, embutido numa cabeleira dura e corredia, bebia nos negros olhos fundos, extraordinariamente brilhantes, uma expressão entre o escárnio e a piedade. A sua arma predileta era o desprezo, e, quando lhe chegava aos ouvidos alguma murmuração desagradável, movia desdenhosamente os ombros para não se desculpar.

Já em meio da ladeira, Eulália, que se tinha limitado a concordar com o seu companheiro, dirigiu-lhe por sua vez a palavra.

- Quero pedir-lhe um favor - disse. - Durante todo esse tempo de prece, o senhor nunca se lembrou de mim para fazer parte das virgens, que levam o andor de Nossa Senhora. Peço-lhe que me dê hoje um lugar entre elas.

- Não pode ser - respondeu secamente o vigário.

- Por quê? - interrompeu-o Eulália, corando com todo o pudor dos seus 20 anos.

- Por quê? - repetiu ele com o arrependimento no olhar e meiguice extrema na voz. - Os seus ombros ficariam magoados.

- Não, não é esta a razão - respondeu sorrindo ao galanteio. - Eu não sou melhor do que as outras. Irena é mais fraca e não se tem magoado; já vê que posso.

- Mas que pecados tem você cometido para querer fazer este sacrifício?

- Isto é o que se há de dizer, para notar que eu não fui incluída no número das virgens de Nossa Senhora.

- Pois bem - tartamudeou precipitadamente o vigário - diga-lhes que eu não a convidei, porque entre você e a imagem, esta é que deve carregá-la...

Eulália fitou-o assombrada, mas já a frieza natural do vigário havia-lhe extinguido o arrebatamento e um sorriso paternal substituíra o grito do coração.

- Não se entristeça por ninharias, minha filha. Quer ser uma das virgens? Se-lo-á. Está satisfeita agora?

Ela meneou afirmativamente a cabeça, mas conservou baixos os olhos, que tinham descaído num enleio pudico, e pôs-se a demorar o passo para ficar mais próximo da família. Queria evitar que ainda uma vez ouvisse alguma frase que a impressionasse pela afoiteza estranha. Já, em poucas horas, era a segunda vez que o vigário assim se lhe dirigia: em casa, jogando as prendas, conheceu que vinha dele uma sentença que a tornou pensativa: "Está na berlinda porque faz pecar sobre a terra". Agora, num assomo sacrílego dissera-lhe... nem sabia o quê.

Paula, compreendendo que a sua ousadia magoara a companheira, e sem saber como distraí-la, apontou para o cemitério que se estendia ao lado, como um vasto supedâneo de um cruzeiro negro, em cujos braços alvejava uma coroa de espinhos. Próximo à base do cruzeiro branqueava uma carneira toscamente acabada.

- Ali dorme o velho vigário, descansado da sua asma -disse ele. - Lembra-se de que, em pequena, tinha muito medo da sua tosse e dos seus olhos esbugalhados?

Eulália sorriu, olhando para o cemitério como uma criança consolada, e o vigário acrescentou:

- Tanto medo como teve ainda agora de mim, não é verdade?

A moça continuou a sorrir, e as suas feições asserenaram. A voz dos outros companheiros veio envolvê-los, restituindo assim a paz àquele espírito timorato.

Em breve chegaram à planície, e permearam a multidão, que lhes abria alas, cortejando-os e descobrindo-se reverentemente.

- Aí está o que lhes agrada - disse o vigário, assinalando a multidão. - Deus é só para os apertos.

Os sons do búzio estrugiram com toda a sua aspereza selvagem.

Entraram em um barracão vastíssimo, ruína de um antigo engenho que pertenceu ao patrimônio dos Montes. Era um lugar triste como o abandono, e acreditavam que servia de ponto de reunião as almas penadas e de entrevistas de bruxas e demônios.

Muita gente viu aí, por horas mortas, tripúdios tetérrimos de esqueletos à luz de fogos-fátuos, cadenciados por uivos de cães e pios de noitibós. Cavava-se um enorme abismo que substituíra o solo do casarão por um ambiente visível, de um colorido luminoso como as chamas de álcool num vaso de cobre. Então, como a poeira no raio de sol coado por uma fresta, a aluvião de fantasmas, movendo os maxilares num cântico sem eco, ondeava, baralhava-se, passava daqui para ali, e tomava a catadura marcial dos guerreiros nos baixos-revelos assírios. Depois vinham meiguices e ameaças, atitudes humilhadas e blasfemas, calmas de lago e cóleras de fera.

Não era também raro contar que se tinha ouvido, à noite, o estrépito soturno de um desmoronamento. Sentia-se o cavo som do baque das paredes, e depois o prolongado estralar de telhas que se quebravam. E toda a gente acreditava que era o Engenho mal-assombrado que tinha vindo ao chão. No entanto, no dia seguinte, lá estava ele de pé, com os mesmos buracos no

telhado, com os mesmos esteios negros enfileirados como um pelotão de gigantes.

A imaginação popular sancionava estas criações supersticiosas por uma lenda que habitava o isolamento do triste edifício, enchendo-o de par com o vôo das revoadas negras dos morcegos. Narrava a lenda sombria uma festa esplêndida, em que se casavam rufos de adufes e cantigas de violeiros, os trilos das violas com os sapateados e palmas dos dançadores. No meio da festa, porém, uma horda de facínoras, gente dos Feitosas, entrou e, apunhalando o hospedeiro, constrangeu a sua esposa formosa a dançar em torno do cadáver ensangüentado, baldão e ludúbrio dos assassinos. Hoje, as danças dos duendes reproduziam no seu horror aquela cena medonha.

Tal era o lugar em que se achava a multidão, trepada sobre caieiras de entulho das paredes desabadas, que tornavam côncava a superfície do solo. Trouxera-a aí uma curiosidade bárbara, um apetite de desastre e de horror: o espetáculo das cobras com o Feiticeiro.

- Hum! - ponderavam alguns. - Esse demônio bate a bota brincando.

- Que o leve o diabo! - respondiam outros. - Ele faz-se besta com bichos.

- Quem sabe se as cobras têm dentes?

- No Crato houve quem duvidasse e pagou com a vida a experiência.

- Olhem, está-se mesmo a ver que ele tem parte com o diabo - apontavam outros. - Que olhos!

Do meio da grande massa popular destacavam-se dois indivíduos, que havia mais de um mês habitavam a ruína. Um, ainda criança, teria 12 para 13 anos e era robusto, muito esperto, de olhos cheios de vivacidade, boca rasgada entre os lábios grossos, e gengivas vermelhas como cardos, em que se embutiam dentes alvos e sãos; os da frente, no maxilar superior, agudos como os caninos. O outro era um homem de corpo desenvolvido, fisionomia carrancuda, antipática, olhares suspeitosos, gestos untuosos de emboscado, palavra humilde e atenciosa. Levava uma vida misteriosa, sempre em lugares tristes e de má fama. Filho do norte da Província, contavam que, a primeira vez que foi visto, saía da Bajara, a casa encantada que mãos ignoradas cavaram no maciço da Serra Grande, muito espaçosa, com grandes mesas e bancos talhados na homogeneidade da rocha. Quase toda a Província o conhecia e tinha-lhe medo pela sua profissão incrível: brincar com um bando de cascavéis. Chamavam-no por isso o Feiticeiro.

A voz da multidão punha no recinto um sussurro de mosqueiro; as mulheres conchegavam-se, os homens punham-se em bicos de pés e tiravam os chapeirões para não incomodar os vizinhos. O pequeno, o Cabrazinho, conforme o chamavam, pôs-se a intermear o povo e a receber no seu chapéu de couro moedas de cobre. Finda a miúda cobrança, começou o desejado espetáculo, na plenitude do seu assombro.

No meio do barracão havia uma espécie de abajur, feito de um estreito traçado de taquara, dentro do qual podia-se estar de pé, à vontade, e girar numa área de vinte palmos. Para aí entraram o Feiticeiro e o pequeno, ambos carregando gaiolas onde se viam os corpos das cascavéis, grossas como um antebraço atlético, medonhas apesar do seu fino colorido marrom hidrargirado. O pequeno veio depois colocar-se fora, junto à portinhola que servia de entrada, e aí recebia as gaiolas, esvaziadas pelo Feiticeiro, que sacudia no chão os seus venenosos artistas.

O terror começou a invadir a multidão, que silenciou e ficou a olhar embasbacada para aquele ente privilegiado, sereno, embora rodeado pela morte. A musculação forte das omoplatas como

que tinha cintilações sobrenaturais; as nuas barrigas das suas pernas esgalgadas pareciam ter concentrado toda a força vivaz da agilidade. As cascavéis fitavam-no com a submissão de cães amigos.

O Feiticeiro rugiu então seu maracá, e aos sons do bater das pedras na esfera da lata, corno que se propagou uma alucinação geral. Os espectadores davam-se vaivéns para se arrumarem em bom lugar; as cascavéis, que estavam enroscadas e como que receosas, davam botes e queriam investir. Mas o maracá parou de súbito, e os oito monstros, raivando nas suas enormes rodilhas, por sua vez principiaram a chocalhar, vibrando as pontas das caudas, conformadas como a extremidade dos sabugos de milho.

O maracá ressoou novamente, instigando-lhes a fúria. Corria-lhes pelo corpo um arrepio de cólera, que lhes dava às cabeças contrações epiléticas, e lhes descerrava convulsamente os queixos, abrindo saída às línguas trífidas e vermelhas, rápidas como relâmpagos. O Feiticeiro, postado junto às malhas da rede, olhava-as com desdém e dizia frases de palhaço, repassadas de escárnio boçal. Os espectadores tremiam e tinham os sorrisos desenxabidos de quem dissimula o medo. Mas os demônios do sertão pareciam rezear e apenas continuavam nos seus botes céleres e repetidos, que não atingiam o alvo.

- Coisas ruins! - disse por entre os dentes o Feiticeiro. - E tirando da cinta uma varinha e fustigando-as: - Fora! Não prestam para nada.

O desprezo como que doeu às terríveis envenenadoras. Desenroscando-se e levantando-se ao meio corpo, atiraram-se ao provocador. Neste momento, porém, saltou dentro do circo o pequeno caboclo, e, seminu como seu pai, pôs-se como ele a agitar o seu pequeno maracá, Possessos e furibundos, os monstros acometeram o tememário, impetuosos como se o fossem estrangular.

- Devagar! Devagar! - bradou o Feiticeiro. - Devagar!

O terror tinha invadido até a medula dos espectadores boquiabertos: alguns tentaram fugir; as mulheres tiritavam e chamavam baixinho por Jesus. Nas imaginações exaltadas, viam já estrebuchando por terra a pobre criança, talvez violentada a tamanha temeridade. O pequeno, porém, sorria, enquanto as cascavéis trepavam-lhe pelo corpo e enovelavam-se-lhe pelas pernas, pela cintura e pelos braços. O terror aumentava, a morte afigurava-se iminente; mas as cascavéis, em vez de crivarem-no de dentadas, limitaram-se a lambe-lhe o pescoço e as curvas, com a brandura de um cão a afagar seu dono. O rapazinho, encolhendo-se, assim como quem sente frio, continuava a rir sossegado, dentro de sua túnica de veneno, sonora como um *chichard* de guizos.

O Feiticeiro aproximou-se então, e, fitando os monstros com o seu olhar magnético, prosseguiu a enfurecê-los pelo rugir do maracá. Como que afadigadas, as cascavéis, longe de se irritarem, deitaram as cabeças submissamente. Então o Feiticeiro, semelhante ao hortelão desentrançando videiras, pôs-se a desenleá-las e a fechá-las nas gaiolas. Duas apenas, as maiores, ficaram fora, prontas como duas armas engatilhadas.

Depois que o rapazinho saiu do circo entre os aplausos da multidão, o maracá rugiu veementemente, provocando nas duas cobras, gigantescas, cólera de energúmeno com espasmos de histeria. Partiram com setas e, ora acometendo, ora enovelando-se, moviam as línguas nervosamente, começando já a querer morder os próprios corpos.

O Feiticeiro, sacudindo-se cadenciadamente ao som do rude instrumento, numa dança selvagem, resmoneava uma canção lúgubre; os espectadores olhavam com o olhar os pesadelos.

Afinal, o homem sobrenatural acorrou-se ante as duas possesas que o fitavam, agitando-se quase imperceptivelmente, como os gatos, quando face a face se encaram a ensaiar carícias brutais dos seus brutais amores. O instrumento selvagem continuou a espalhar o seu fermento de guerra, até que foi vibrado como ameaça. Num salto rápido e temeroso, as cascavéis galgaram a distância que se lhes interpunham, e com expansibilidade de uma cólera explosiva, agarraram-se aos braços do seu provocador.

- Quem compra miçangas?! gritou o caboclo, com um sorriso mau.

Mas, em seguida, deixando-se cair por terra, gemeu sentidamente:

- Ai! E desta vez que eu morro.

Rompeu então em estrebuchamentos convulsos, compungentes, que não tinham força entretanto para desvencilhá-lo das vingativas dentadas. O pequeno, junto da portinhola, tinha um olhar amedrontado, ao passo que seu pai ia aos poucos diminuindo os movimentos e caindo num relaxamento muscular assustador.

- Está morto! Está morto - gritaram. - Desencantou; fuja quem não quer morrer!

E a multidão inteira alvorotou-se, e acotovelando-se, atropelando-se, fugiu do medonho lugar, enquanto o pequeno, rindo muito, penetrava no circo para desembaraçar os braços de seu pai dos venenosos ornatos.

- Malvados! - disse o Feiticeiro levantando-se. - Deixar-me-iam morrer como um cachorro!

No meio do rebuliço e pânico geral, que esvaziara, como que por encanto, o vasto casarão, deixando-o entregue à sua habitual tristeza de esfinge, só um homem se manteve diferente ao que se passara - o vigário Paula. Durante o espetáculo persistira em seguir com o olhar um rapaz claro, de barbas e cabelos louros, corpo desbastado e esbelto, e cujos olhos insistiam em uma atenção contemplativa ao grupo formado pela filhas de Queiroz e Irena Monte. Em uma das ocasiões o olhar do vigário encontrou-se com o do moço, e este mostrou-se dominado por um vexame profundo.

- Conhece o Augusto Feitosa? - perguntou ele a Eulália.

- Sim, muito - respondeu-lhe a moça distraidamente - já o vi aqui.

Paula concluiu logo que a pertinácia daquela contemplação tinha Eulália por alvo. Lembrou-se de que entre Irena e o rapaz interpunham-se dois séculos de ódio incansável entre as suas famílias; as outras filhas de Queiroz não pensavam ainda em corresponder a galanteios. A sua suspeita, pois, não demorou em tornar-se uma certeza dolorosa, e o vigário ficou sombrio como quem acaba de ouvir as derradeiras palavras de um ente caro.

No jantar em casa de Queiroz, enquanto os outros, mastigando com o apetite sertanejo grandes pedaços de assados, riam comentando o espetáculo, ele se conservava mudo a olhar indiferente.

- Estou incomodado dos nervos - pretextou para explicar a tristeza.

À tardinha, quando na igreja distribuiu os lugares do andor da Virgem, ao passo que se dirigiu a todas com meiguice, dizendo palavras amáveis, ao chegar a Eulália, os seus olhos fuzilaram, e foi com um tom repreensivo e um gesto de contrariedade que lhe disse bruscamente:

- A senhora também.

Ela o ouviu com estranheza, mas agradecida: não seria apontada, estava entre as virgens de Nossa Senhora. E sentia-se feliz caminhando para esse lugar de honra.

A procissão desfilou esplêndida no seu luxo de fé e contrição, sob os olhos do vigário que espiava de preferência o andor da Virgem, sobre os ombros de quatro donzelas. Entre elas figuravam Irena e Eulália, esta agora livre do olhar contemplativo de Feitosa. Paula estava tranqüilo, mas de repente parou e, brandindo o crucifixo que tinha entre as mãos, resmungou com uma entoação angustiada:

- Ainda aqui, e eu não posso matá-lo!

Esta explosão de cólera tinha sido provocada por Augusto Feitosa, que se colocara ao lado do andor, e, contrastando com a fúria do vigário, abandonava-se à grande paz da multidão, que percorria devotamente as ruas do povoado.

Era um espetáculo imponente de singeleza; a crença mergulhava os espíritos num enlevo, que era como um esquecimento da vida, uma aspiração infinita de um sono profundo, como deve ser o dos arcanjos na tepidez das suas asas brancas, na calma da bem-aventurança. Os cânticos, com as notas finais muito prolongadas, trêmulas de contrição, aumentavam esse gozo suave, abafando os ruídos do vento nas árvores e os mugidos tristes das boiadas famintas das cercanias.

O crepúsculo trepou em vão pela face da sombra a ostentar o seu corpo vermelho como um campo de recente batalha, e em vão nele dissolveu os tons variegados, vivos, de cambiante indescritível. A alma do sertanejo, deixando escoar toda a sombra que, havia três meses, a escurecia, empanava todo esse brilho, toda essa grandiosa ostentação fidalga e caprichosa de colorido e luz. Para ele se conservava ainda a escuridão promissora, cheia de encantos para sua imaginação, como as faces da rainha de Sabá para a delirante paixão do rei-poeta. A treva era um prêmio da sua fé, a condensação das suas preces tristonhas, e estas ainda ele as conservava inteiras e vivazes.

Não via senão as imagens do Cristo e da Virgem, e estas exalavam tanta doçura, tanta consolação, de seus olhos amortecidos pela dor, das suas faces maceradas pela resignação, que era impossível alguém pensar nas ameaças temerosas do verão.

Mas, ao dobrar uma das esquinas, a procissão quase que recuou. Estava de pé um homem, alto e magro, dessa magreza que é o extrato da robustez. Seus olhos negros, esbotados, como grandes laivos de sangue, tinham a vivacidade convulsiva da loucura; os cabelos grandes, emaranhados e muito grisalhos, atufavam-se sobre a cabeça, como um turbante de estopa. Descalço, com as roupas estilhaçadas e sórdidas, esse homem parecia um vômito da penúria deposto aí para envilecer a devoção.

- Mau, mau - rosnava-se -, vizinhança de doidos é como traseira de poldro xucro; cuidado! - diziam os fiéis, desviando-se dele receosos.

- Coitado! - murmuravam as mulheres - Como anda agora desprezado o pobre Joaquim Maluco!

A gente não sabe para que tem filhos.

- Qual coitado nem meio coitado - respondia-se-lhes. - Está com o diabo no corpo: te esconjuro!

Hirto, embasbacado, a alguma distância das casas da rua, braços cruzados sobre as costas, imóvel como uma estátua, o doido contemplou por largo espaço o desdobramento luminoso do préstito; mas, quando passou o primeiro grupo de virgens, vestidas de branco, com as cabeças cobertas com toalhas alvíssimas, sobressaltou-se e, fundindo em lágrimas, rompendo em soluços, ajoelhou-se com as mãos postas levantadas sobre a cabeça.

- São os anjos - repetia o desgraçado -, são os anjos que vêm buscar minha filha.

A sua voz, com a inflexão despedaçada do desespero, mudou o temor geral em compaixão; todos esqueceram a antipatia supersticiosa para homologar a sua angústia.

- Não se esquecerá nunca, o desgraçado! - diziam os paroquianos.

E contavam o caso baixinho aos que não sabiam:

O velho era o Joaquim Mateiro, honrado como os que o são. Um dia soube-se na sua casa que a filha mais velha estava grávida e confessava que o seu amante era o defunto vigário, que a seduzira pela quaresma, ao confessá-la no dia das Dores. O Joaquinzinho, irmão da seduzida, calou-se e saiu com a sua espingarda de caça. A matriz estava aberta e o vigário celebrava a missa, já no ponto de levantar a hóstia. Impelido pela alucinação, o moço levou a arma ao rosto e desfechou um tiro contra o vigário, mas a bala apenas varou a hóstia e foi cravar-se na imagem de Nossa Senhora, que estava em frente. Desarmado, perseguido, doido de indignação, o moço correu até a casa, e, no meio da estupefação geral, armou-se com a sua faca de mateiro e cravou-a até o fim da lâmina no coração da irmã. O suicídio concluiu essa tremenda tragédia, e o pai, não podendo resistir a tamanha dor, enlouqueceu.

Os grupos de virgens continuaram a desfilar, e o velho, sempre de joelhos, repetia a sua frase de alucinado, sentida e comovente. Subitamente, porém, levantou-se e, caminhando até o meio da ala, atirou para o andor da Senhora da Piedade uma blasfêmia horripilante:

- Parem; os anjos da minha filha, os anjos de Deus não devem carregar esta alcoviteira do vigário. Parem, parem!

- Virgem Mãe de Deus! - bradaram centenas de vozes.

- Perdão, perdão!

- Mãe de Deus, não! Não! - gritou o doido. - Foi ela, a malvada, quem disse à minha filha: "vai, escuta o vigário".

Os cânticos cessaram, e a massa popular inteira caiu de joelhos, enquanto um grupo arrastava para fora o doido, que se debatia com a força de um tigre uivando amordaçado por mão possante.

As claridades do sol posto bruxuleavam no ocaso como uma fresta iluminada por onde algum ente sobrenatural espiasse para a terra. Reinava um silêncio tumular em torno das imagens, que pareciam mais tristes.

- *Agnus Dei qui tolis peccata mundi* - cantou por vezes o vigário, com voz trêmula e comovida,

até que o povo lhe respondeu com uma entoação dolorosa:

- *Miserere nobis.*

Passou finalmente o estupor e a procissão prosseguiu, envolta em cânticos tristes, repassados da fé ardente que a violenta comoção havia produzido. Sentia-se a contrição profunda dos espíritos no tom das singelas melopéias, que buscavam dar à Virgem um desagravo solene; e foi sob o influxo deste sentimento que o préstito entrou no templo, já noite fechada, à luz ondeante dos archotes.

Soprava esperto vento de leste, pondo um farfalho tépido nas gravioleiras dos quintais. A pardacenta homogeneidade das nuvens rompera-se em grandes rasgões, onde luziam estrelas com o alegre contraste das moitas de mimoteias no escuro dos brejos. Dir-se-ia, enfim, que desde o crepúsculo tinha cessado a hospedagem divina, tanto o aspecto do céu prognosticava agora a volta dos luares imaculados e dos dias ardentes, de um esplendor perdulário.

Mas a cegueira benéfica da fé adiou a dolorosa desilusão. Embebida nas harmonias acariciadoras dos salmos melancólicos, torturada pela cena do agravo da Virgem, mas certa do perdão, a multidão voltou às suas moradas sem reparar que o dia de São José tinha passado sem chuva. A contrição e a esperança enchiam-lhe o pensamento.

O vigário, porém, saiu da igreja sombrio e intratável, sem ter feito prédica.

- Tenho o inferno na cabeça - disse ao sacristão. - Arrebento.

- Como não, sr. vigário? Aquele endemoninhado...

- Sim, o endemoninhado; mas há piores do que ele, e não obstante vivem.

Quando chegou a casa, o seu coração de misantropo sangrava como as veias de um estóico dentro do banho suicida. Os movimentos automáticos traíam a inconsciência do delírio; as pupilas negras nas córneas avermelhadas lembravam manchas de gangrena e pareciam querer saltar das órbitas. Estouvado e brutal atirou com o chapéu sobre a mesa; bateu com as janelas, e pisando forte e compassadamente, pôs-se a passear com uma regularidade de pêndulo. A mobília pobre de jacarandá lustrado, com o seu canapé forrado de sola, parecia ter medo. A mesa grande, no meio da sala, como que recuava diante dos seus passos. Um pequeno, que vinha sempre ajudá-lo a despir-se, entrou e, sem ousar interrogá-lo, saiu deixando um castiçal sobre a mesa.

Só, estrangulando-se com o seu despeito, o vigário, com o olhar fixo de um gato à espreita, andava, de extremidade a extremidade da sala, de quando em quando segurando a batina, sacudindo-a como um tigre os varões de ferro da sua gaiola.

De repente, porém, parou, levantou os punhos cerrados e a cabeça com uma expressão compungente de desespero e de angústia. Como se pulsos de aço o impelisses e subjugassem, cobriu o rosto com as mãos espalmadas e deixou-se cair sobre uma cadeira, com a fronte sobre a mesa.

- Sr. vigário - murmurou da porta o pequeno - mandam chamar vosmecê da casa do sr. Queiroz.

- Diga que estou doente; não posso ir a pagodes. Não me traga mais recados; safe-se.

O pequeno, estremecendo de susto, retirou-se de pronto, mas, antes que tivesse chegado à porta

da rua, ouviu de novo a rude voz do seu amo, já menos colérica:

- Ouça; pergunte de quem trouxeram o recado.

- Da sinhá Eulália - respondeu de fora uma voz de mulher.

- Estou doente - repetiu. - Demais não faço falta - e sacudindo a cabeça -; quer divertir-se à minha custa. Víbora!

A última palavra foi proferida com um engasgo de cólera demente, e o vigário, como que admirado de si mesmo, cruzou os braços sobre o peito e ficou a olhar estatelado.

## II

Eulália recebeu o recado no seu quarto de dormir, para onde se recolhera com Irena. Tinham mudado a roupa, e sentadas, Eulália sobre uma caixa de cedro, Irena encostada na rede, conversavam pequenas futilidades, enquanto descansavam das fadigas da devoção.

Uma vela escura de carnaúba, num castiçal de ferro, ardia na extremidade da caixa; um espelho de guarnição de pinho forrado de papel com ramagens verdes e umas flores de miolo amarelo e corola acinerada, reproduzia de quando em quando os traços de Irena aos morosos vaivéns da rede. O desalinho das saias brancas muito engomadas, um vago cheiro de alfazema, a pobreza asseada do quarto, acirravam nas duas moças a necessidade de contarem intimamente o que viram, o que sentiram:

A freguesia nunca estivera tão bonita; como que não tinha ficado uma só pessoa em casa. Estavam todos fora de si; quanto contentamento! As mães e as irmãs nem davam pelo peso dos marmanjões que traziam nos braços. É que eram muito fortes e sadias. A praça parecia uma caldeira fervendo; que barulho enorme! Os homens vestidos de ceroulas aniladas, a que se sobrepunham as fraldas das camisas, também, muito azuis do anil, com os seus chapeirões de couro, os pés grandes e esparramados nas alpargatas, faziam rir com a sua originalidade primitiva. Os outros, vestidos de perneiras, véstia e guarda-peito de couro muito cheios de bordados, com o chapeirão no alto a cabeça, lembravam dias de ferra, em que todos perdiam a cabeça, e doidos metiam a galope os cavalos, em risco de serem varados pelos chifres do gado barbatão. Mas nada como as matutas com os seus cabelos longos, corredios e lustrosos, muito negros, trançados em cruz do alto da cabeça à nuca! Que dentes tão alvos, tão pontiagudos, tão bem limados! E que bem feitos corpos, modelados pela compressão das barbatanas na cassa muito viva dos seus vestidos afogados, de mangas curtas, deixando ver completamente nus os seus braços carnudos! Na igreja e durante a procissão, escondidas as cabeças em toalhas muito rendadas, eram todas formosas. Só se lhes via os rostos num oval traçado por junto das órbitas até a ponta do queixo, e assim ficavam mais salientes os seus negros olhos piedosos, as narinas intumescidas, os lábios grossos e rubros, os traços rudes, mais nobres, de mulheres enérgicas. Mas o pior fora o doido; por que o deixavam sair? Por que o não acariciavam em casa, coitado? Era digno de dó; ficou maluco por amor dos filhos; deviam tratá-lo melhor os seus parentes.

Foi, interrompendo esta conversação amiga, que as duas moças ouviram o recado de Paula, transmitido com uma fidelidade grosseira; e ambas surpreendidas perguntaram qual a doença do vigário.

- Parece que é raiva; ele batia muito com os pés; gritou com o José, e disse que não lhe

trouxessem mais recados.

- Há de ser doença, a vista do doido talvez - ponderou Irena quando ficaram de novo sós -, ele nem pregou o sermão.

Eulália conservou-se silenciosa por algum tempo, a sacudir as pernas que rugiam na saia engomada, e a olha distraidamente com as pálpebras meio cerradas. Os olhos azuis de Irena, preguiçosos como águas represadas, muito fundos no seu rosto sóbrio de carnação, como os dos arcanjos de mármore, e muito proporcionado à sua estatura mediana e corpo franzino; os olhos de Irena envolveram Eulália numa tácita interrogação.

Não havia entre elas segredo, eram amigas desde pequenas, porque foi como pensionista de Francisco de Queiroz que Irena aprendeu a ler. Desde então a vivacidade de uma temperava-se com a bonomia da outra, e Irena tonificava o seu ânimo predisposto a ser dominado com a altivez de Eulália, que era a sua força, a sua inspiração, a sua consciência. Tinham intimidades desveladas, maiores do que as de irmãs, e não obstante Eulália calava-se!

- O que tem você? - perguntou Irena admirada. - O vigário deu-lhe alguma penitência má?

- Nem eu mesma sei o que tenho - respondeu com alguma demora. - Estou a pensar no vigário, na sua raiva, e, de mistura com ela, no Joaquim Maluco.

- Então a raiva é com você?

- Parece.

Pôs-se então a contar a cena da igreja, a ida para o Engenho mal-assombrado, os galanteios, as delicadezas excessivas que por muitas vezes a tinham feito pensar, mas que nunca a impressionaram muito, porque todos que viam e ouviam aplaudiam muito o vigário. Agora todas essas bondades tinham-se mudado repentinamente em grosserias para com ela, em maneiras desabridamente descorteses. Entretanto nunca o desrespeitara; tinha crescido aos seus olhos, estimava-o, e ainda hoje beijava-lhe as mãos. Seu pai repetia-lhe sempre que o vigário era o seu maior amigo, e contava-lhe que tinha sido seu decurião; que viveram sempre como viviam elas duas. "Há quem murmure do Paula - tinha-lhe por várias vezes dito -, mas é que o não conhecem bem; chamaram-no frio e mau, porque é reservado e sério; no fundo, porém, muito boa alma."

- Eu, pois - concluiu Eulália -, não lhe podia dar motivo para ser maltratada, e por isso mesmo ressinto-me.

- Mas não dê importância; é que ele anda aborrecido. Trata você como filha, e não repara no que diz e no que faz.

- Seja - respondeu Eulália, sacudindo os ombros. - E mudando de tom: - Não sei por que estou só a pensar no Joaquim Maluco.

- É outra asneira; o que ele diz não ofende a Deus; é doido.

Chamaram por elas; saíram, pois, dissimulando os vestígios da pequena contrariedade. Mais uma vez na sala, no calor do jogo de prendas, no esquecimento do "medir fitas", do "tirar do poço", do "se minha boca fora condessa", da "caixinha dos três desejos", Eulália retraiu-se e conservou-se pensativa.

Sofria sem saber por que, mas sofria; e como que se sentiu aliviada de um peso na hora em que a reunião se dissolveu entre felicitações pela chegada do inverno.

- Não pense mais no vigário nem no doido - disse-lhe Irena ao sair -, sonhe comigo.

Eulália acolheu bondosamente o pedido da amiga, e passado pouco tempo, resguardando apenas pela camisa de morim fino o seu pudor virginal à curiosidade do espelho, sacudia os ombros, alongando o lábio desdenhosamente, e metia-se na sua rede para dormir.

Lá fora luziam as estrelas com a tranqüilidade de um emboscado seguro do descuido da vítima.

### III

Quando já não se ouvia o som de nenhuma passada de transeunte, um jato de luz entornou-se na sombra da praça. Escoara-se da janela da casa do vigário, que vinha de quando em quando debruçar-se ao peitoril, interrompendo assim um passeio automático. O seu semblante, se bem já alguma cousa serenado, dizia que ele ainda estava sob a mesma impressão; que o seu pensamento continuava a pairar sobre a imagem de Eulália, profanando-a com um beijo de sátiro.

Cálculos temerosos enovelaram-se e desdobraram-se-lhe no cismar delirante; às vezes parava de chofre e sorria, outras vezes tomava o ar grave de quem aconselha, ou o aspecto carrancudo de quem ameaça; finalmente, ajoelhando-se, exclamou, como quem calcula o efeito de uma cena romântica:

- Responder-lhe-ei: porque te amo

Este epílogo era inteiramente real. O coração frio de Paula fora aquecido aos poucos, insensivelmente, como num banho-maria, à luz dos olhos vivos de Eulália. Íntimo de Francisco de Queiroz, acompanhara todas fases do desenvolvimento daquela formosura lapidar de estátua grega. Quando voltou dos estudos no seminário tinha 22 anos e Eulália apenas cinco. Era então muito dada com todos, muito afável, e gostava de sentar-se no colo dos hóspedes para correr-lhe a mão macia pela barba. Foi crescendo, crescendo, e, sempre a dobrar de beleza e de afabilidade, ainda aos 11 anos vinha intrometer-se entre os joelhos de Paula, então coadjutor da paróquia. Ele, acariciando-a, corria-lhe a mão pelos cabelos, pela face e pelo colo, onde a demorava, sentindo-o intumescido pela primeira efusão da puberdade. Ela pagava-lhe os afagos, encostando-lhe a face morena sobre o ombro, e perguntando-lhe com um olhar de cordeiro e um tom muito suave, por que é que ele não tinha uma filha para brincar comigo; gostaria mais dela do que das bonecas que lhe davam e que suas irmãs pequenas quebravam. Depois vira-a, à medida que seus vestidos iam aumentando, diminuir as suas carícias, tomá-la um retraimento delicado, limitar-se a um beijo na sua mão grande de atleta e às perguntas pela sua saúde e pela concorrência às missas. Então este beijo, aquecido por um hálito perfumado, enfeixava, como raios num foco, tudo quanto ela lhe dera nas despreocupações da meninice.

Viveu assim satisfeito, sob o domínio de uma paixão acomodada, cujo egoísmo se limitava a uma espécie de fanatismo religioso, mas calmo, semelhante aos dos monges pelas santas dos seus conventos. Mais tarde sobressaltou-se muito: Eulália estava com 16 anos, e seu próprio pai falou-lhe em casá-la.

Todas as torturas do ciúme assaltaram-no inopinadamente com o ímpeto de uma legião, com o desespero da impotência ofendida. Mas a sua boa estrela veio-lhe em auxílio: a mulher de

Queiroz morreu de parto, e Eulália jurou não casar-se antes que sua irmãzinha estivesse criada: um marido podia tirá-la de junto do berço da órfã, e isto mata-la-ia.

Paula descansou na resolução de Eulália; conhecia a energia do seu caráter, ardente como o sol, e infalível como ele. A heroicidade do seu voto havia já quatro anos embalsamava-lhe a virgindade e nunca a mais insignificante falha sobreviera. Dai aumentar-se o culto silencioso do vigário, que só ultimamente começava a querer patenteá-lo à maioria da sua amada. Era, pois, sincero, quando, de joelhos, exclamou

- Porque te amo.

Veio então recostar-se à janela, enxugando, com a ponta dos dedos, talvez as primeiras lágrimas que tinha chorado depois do dia em que fora sagrado sacerdote. O vento soprava com maior intensidade; era quase violento, dissolvendo as nuvens ou acumulando-as em castelos opalados na curva do ocaso. Já não havia escuridão, mas um leve esfumado, através do qual via-se o profundo azul do céu nítido e estrelado, como a cauda de um pavão enorme.

A solidão esbatia-se na sua esmagadora integridade, cheia de evocações misteriosas e de temores sobrenaturais, e do meio dela levantava-se, negra, como o futuro, silenciosa como o além-túmulo, a massa agigantada do cruzeiro do cemitério, nu e desornado, com os seus paus-a-pique muito conchegados, como se fossem um quadro de esqueletos pulverulentos acostados e unidos para se aquecerem da frialdade do relento. A paróquia inteira parecia dormir. Só uma criança da vizinhança esgoelava um choro birrento, estrídulo, inconsolável, apesar de uma acalentação monótona, paciente como de um sonâmbulo, que se ouvia quando o berreiro descaía em soluços.

Jazeu aí por largo tempo; mas as corujas com os seus ululos tristes começaram a chamar-se para os amores nas trevas; os cavalos puseram-se a soprar os seus bufos rumorosos, e batendo os chocalhos, enchiam o espaço de estridentes relinchos, enquanto os galos da vizinhança cantavam profiada e prolongadamente.

Paula estremeceu involuntariamente e, endireitando-se, aprumando-se em toda a sua estatura, olhou para o céu, já sem as pegadas da tormenta, e com a voz rude, repassada de perversidade satânica, resmungou, balanceando o corpo:

- Bom, não temos inverno, ai vêm a fome e as epidemias; isto vai ficar um inferno. Mas também quanto orgulho vai ser quebrado - acrescentou sorrindo -, quanta baixeza surgir!

Fechou pacificamente as duas janelas, e tomando da vela, que já se aproximava do fim, entrou no seu quarto, que abria sobre a sala. Já em trajes de dormir, sentou-se à beira da sua rede, de grandes franjas azuladas, pouco suspensa do chão, e persignou-se olhando de face um Cristo esgrouviado, sarapintado das moscas, e que parecia não querer encará-lo, tão pendida tinha a cabeça.

Alguns minutos depois o vigário resfolegava a respiração compassada de quem dorme um sono tranqüilo. A vela ardendo dentro do bocal, ora abatia a chama, ora exalava clarões esverdeados como a luzerna de um vaga-lume.

#### IV

A placidez do sono desdobrou-se-lhe por sobre os atos do dia.

De manhã o vigário levou a aconselhar fé e resignação aos seus vizinhos, que se mostravam aterrorados vendo o estio restituído à sua ominosa soberania, constringindo a vegetação com a força dos arrochos da jibóia. Mostravam-lhe o céu límpido, o sol triunfante, e ao longe as maçarandubas desfolhadas, com os galhos pendentes como os braços de um cadáver levantado pela cintura.

Não era mais possível a esperança; urgia tomar destino.

- Até junho, objetava ele, não há de que desesperar; não virão grandes chuvas, mas sempre darão para plantar vazantes de feijão e milho; já não se morrerá de fome. Haverá penúria, é verdade, porém maior castigo merecem os nossos pecados.

Foi dizer a missa muito sereno, e, cheio de bom humor, ouviu na sacristia as lamentações do velho sacristão, queixando-se de que os pobres já não podiam viver. Ainda ontem comprara rapaduras à pataca; hoje lhe pediram um cruzado, e era se ele quisesse, apesar de serem salobras. Comia-se já a farinha com parcimônia do mariscar dos pintos, e a carne estava pela hora da morte. Ainda o que lhe valia era algum dinheiro que o sr. vigário dava à sua afilhada; mas, se a seca não parasse, já estava prevendo que morreriam de fome.

O vigário consolava-o com bonomia: - A paciência é a maior das virtudes. De hora em hora Deus melhora.

Já a sair pela porta lateral, Paula teve um movimento brusco, e gritou para o sacristão:

- Ó Marciano! Pode começar a desarmar os andores e pôr os santos nos seus nichos.

- Então o sr. vigário espera...

- Sim, sim, havemos de ter inverno.

E saiu com o seu passo demorado e firme, dando a mão a beijar aos pequenos que iam para a escola, e, descobrindo-se ao vê-lo, corriam ao seu encontro como para um pai.

Na porta da venda do Antão Ramos, um sovina que se valia da sua autoridade de inspetor para cobrar dívidas, parou ao ver a rusguenta autoridade com um chapéu de palha à cabeça, mangas arregaçadas, vendendo aguardente a dois cabras.

- Bom dia, sr. inspetor - disse sorrindo. - Vai cobrar agora os fiados, hein? Felizardo! A vida é para você.

- Muito bom dia, sr. vigário... Mas eu não espero; o inverno não parece ainda vir desta.

- É por isto mesmo; a seca é o seu inverno; com ela chove-lhe mais em casa.

- Qual! Outros serão os felizes.

- Vá, vá chorando; lá diz o ditado: quem não chora...

- ... não mama - concluiu o inspetor Antão a rir e a endireitar as ceroulas, levantando-se em bicos de pés sobre os tamancos e pendendo-se ao umbral, para onde viera. - Antes falasse pela boca de um anjo, sr. vigário.

- Para que houvesse seca, hein?

- Não, senhor; para que me chovesse em casa.

- Tire o telhado, sr. *cauíla*.

Antão e os fregueses riram muito desse pedacinho do sr. vigário: muito boa saída.

- É assim às vezes - ponderou Antão. - Mas quando anda casmurro, não dá nem palavra.

- Mas é homem de repentina - ponderou um freguês.

- Dizendo um sermão - acrescentou o inspetor - é de fazer tremer e chorar um homem. Danado! A gente nem se lembra do que rosnam dele com a filha mais velha do sacristão; chora mesmo para aí.

- Isto, quanto mais desabusados, mais temíveis.

O vigário, sempre no seu passo demorado e firme, continuou a andar pela mesma face da praça, até que parou a uma das janelas da casa de Queiroz.

Uma toada alegre escoava-se: era um unísono de vozes infantis, cristalinas e ternas, solfejo do A, B, C, essa escala singela das grandes composições do gênio. Os meninos, sentados em longos bancos de pau, já muito gastos pelo tempo, faziam movimentos ocultos de desatenção, moviam os lábios, por detrás do livro aberto, em conversas rápidas, que terminavam às vezes por visíveis ameaças, tentavam beliscar-se, careteavam, mas a toada impulsiva dissolvia tudo isso, deixando apenas substituir o eco do alfabeto, da tabuada e das leituras do Catecismo e do Expositor, como um hino grandioso ao trabalho.

Ao fundo da sala, numa alta cadeira de braços, junto a uma grande mesa, em torno da qual assentavam-se alguns meninos escrevendo e fazendo contas em lousas negras, Francisco de Queiroz, dobrado o corpo numa curva ampla, proferia censuras aqui e gabos ali, maquinalmente, com o hábito de 22 anos de ensino. Os seus olhos negros, metidos numa órbita muito funda, que lhe tornavam as pomalhas ainda mais salientes, jorravam luz e confusão no espírito das crianças. A voz alteava-se-lhe com a severidade claustral dos velhos mestres, e sua mão desenvolvida, de quarentão reforçado, empunhava uma régua com movimentos nervosos de impaciência.

- Deus esteja nesta casa - exclamou o vigário. E como os colegiais se pusessem em pé: - Deus os abençoe; continuem a trabalhar.

- Entra, Paula, já vou lá ter - disse o professor.

O vigário atravessou a sala e entrou na de jantar, que ficava próxima.

As filhas de Queiroz trabalhavam também: as duas menores lendo muito atentas junto da mesa, Eulália e Chiquinha crivando em travesseirinhas vermelhas. Só a pequenita, a caçula, brincava sentada numa banca a ninar uma boneca, de vez em quando dirigindo a sua velha tia, que fazia renda ao pé de si, observações sobre a filhinha manhosa. Um desalinho asseado revestia da respeitabilidade do lar as pessoas e os objetos.

Paula cumprimentou-as com o melhor dos seus sorrisos, a receber beijos na mão grande e carnuda.

- Pensei que estava mal conosco - disse Eulália. - Não quis vir tomar café ontem.
- Ah! Sim, ontem estive doente; os miolos estalavam-me; não sabia o que dizia; fiquei quase doido.
- Pareceu-me que o sr. vigário padecia desde a tarde, antes da procissão.
- Antes, muito antes; adoeci lá no Engenho; aquele espetáculo. .
- Pois nós todos gostamos e muito - interveio Chiquinha.
- É verdade, faz medo, mas é bonito - acrescentou Eulália. - Hei de ir sempre ver.
- Quem vai a senhora ver? - disse Paula fingindo-se distraído.
- O Feiticeiro.
- Não vale a pena o trabalho: feiticeiros encontra-os a cada canto.

O vigário refreava-se, mas nem por isso a inflexão da sua voz passou despercebida para Eulália, que levantou os olhos das suas carreiras de crivo, e fitou-o penetrantemente. A dissimulação, porém, fechou de todo o pensamento do vigário no incompreensível, e Eulália, sorrindo maliciosamente, calou-se.

A conversação travou-se então entre o vigário e d. Ana, a respeito da seca, e Paula profetizou como irredutível o tremendo flagelo.

- Vai ser um ano de penúria e de fome. Não há que ver, julgue por hoje: são dez horas, e o sol já queima como brasa; olhe para tudo e note: as árvores têm o ar de quem se despede.
- Mas Deus é piedoso, sr. vigário - disse a boa da velha com a sua voz de apática; - ele há de ouvir os nossos rogos.
- Ouvir?! Para isto era preciso que não o fizessem surdo com os pecados; mas não é assim infelizmente. Nem junto ao andor da Virgem Mãe de Deus, d. Ana, nem aí há respeito pela religião!...
- Ah! Sr. vigário, é um doido, um endemoninhado.
- Não é dos doidos que falo, é dos que têm juízo.

Eulália corou como se fosse ré, ao passo que suas irmãs e a velha d. Ana encararam o vigário e olharam-se mutuamente, enquanto Paula regozijava-se com o efeito da sua perversidade. Tinha ferido fundo, a julgar pelo espanto geral e a mudança rápida de Eulália. E então aquela alma ulcerada pelo despeito, com a autoridade da hipocrisia respeitada, sedenta de vingança, gulosa de crueldade, repetiu solenemente:

- É o que lhes digo, junto do andor da Mãe de Deus falta-se com o respeito à religião!

Eulália continuou com a cabeça baixa; o moreno corado das suas faces tomou um colorido ictérico, os olhos arrasaram-se-lhe de lágrimas, a sua respiração começou a fazer-se a longos haustos, e a força de dissimular o que sofria quase a obrigou a dar um grito. Sentia ódio e desprezo pelo vigário, e, encarando-o sorratamente, mostrava que a impelia o desejo de

esbofeteá-lo, calcá-lo aos pés como um inseto asqueroso. Aquelas palavras, que lhe eram dirigidas, tinham a hediondez da calúnia, a frieza da infâmia, a perversidade calculada da cobra, que se enrolava nas moitas da estrada para morder o caminheiro. Queria visivelmente ofendê-la, torturá-la, infamá-la. Se não fosse esta a verdade, por que lhe regateara um lugar sob o andor de Nossa Senhora, e, só no dia em que de mau humor lho dera, lembrou-se de que faltava-se com o respeito à religião?!

- E não de crer que é uma das pessoas mais queridas do lugar? - ponderou o sacerdote. - Muito pode o pecado!

O silêncio dos ouvintes era profundo; com a cabeça inclinada sobre os seus trabalhos parecia procurarem adivinhar quem seria esse ente perverso. Por fim a velha d. Ana, com a sua voz muito cantada, abanando a cabeça, disse:

- Não pode ser, sr. vigário; foi por força engano de quem contou-lhe; na procissão de ontem, foi engano por força.

- Não... eu vi - respondeu Paula tranqüilamente - com estes que a terra há de comer.

E arregalou os olhos abaixando as pálpebras inferiores com a ponta dos dedos.

Um sorriso vitorioso pairou-lhe nos lábios. O despeito da véspera esmagou-lhe o coração, sugou-lhe o que lhe restava de puro; abismou-o em torturas cruas, inquisitoriais. Todas as fúrias do ciúme tinham-se levantado de improviso diante de si, e umas apunhalavam-no enquanto outras riam; umas lhe mostravam uma câmara nupcial, com um par feliz, tímido da própria liberdade, com medo do seu direito suave subterfúgio para prolongar a ventura; outras para vilipendiá-lo, para zombar dos ímpetus do seu amor ultrajado, levantavam um crucifixo entre os seus e os olhos do noivo, e o Cristo assumia então um tamanho disforme, enchia com o seu peito o resto do aposento, como se lhe quisesse dizer que, para chegar até os noivos, ele, sacerdote, seu ministro, havia primeiro de atirá-lo em terra sacrilegamente. Então como que se sentia morrer, enquanto que nos braços do seu rival Eulália deixava-se afagar sem resistência. Vingava agora a sua noite de angústias; estavam agora trocados os quadros dos seus pesadelos; ele podia rir, olhar em face, ao passo que ela baixava os olhos como culpada, e não ousava rir, porque sabia que o seu riso acabaria em lágrimas.

Deu-se por satisfeito; o seu quarto de hora matinal, consagrado ao amigo, estava aproveitado; podia partir.

- Bem, bem - disse ele -, não posso demorar-me; vou almoçar; até logo!

Passando junto à mesa, parou um pouco e, inclinando-se sobre as pequenas que escreviam:

- Sim, senhoras - resmungou -, estão com umas letras muito bonitas, parecidas com as donas.

- Então o que é isto? Vocês conversam calados? - disse o professor assomando à porta da sala. - Parece que estão fazendo quarto a defunto

- Ficaram admiradas de um sacrilégio que lhes contei.

- Ora você, padre-mestre, não há de perder este sestro de me pregar sermões em casa, homem? Quer converter isto em ninho de beatas?! Até Eulália já parece inclinada!

- Quais beatas, se elas são suas filhas ?

- *Gratias agamus Domino Deo nostro* - respondeu Queiroz, curvando-se e batendo no peito com grande força; - *dignus et justus est*.

Riram-se todos; o próprio vigário sorriu meneando a cabeça. Eulália, porém, não mudou de atitude, e, ela que era a mais expansiva, conservou-se calada e indiferente.

- Estás sentindo alguma coisa, minha filha? - perguntou Queiroz, suspendendo-lhe a cabeça por uma pressão carinhosa sobre a testa.

- Eu? - respondeu ela, fitando-o tristemente. E sufocou-se numa explosão de soluços.

- Vê? - observou Queiroz ao vigário. - O seu sermão fez-lhe mal.

- Ora, uma história à-toa; há de ser nervos.

E saiu com o seu passo firme e pausado.

## V

As consolações do sr. vigário, na sua manhã de inexplicável bom humor, dissiparam-se como líquido volátil. A desolação veio sentar-se silenciosa no meio da paróquia, enquanto os últimos dias de março rolavam como avalanchas de luz, deixando após si um rastro de desilusões e pânico.

A população nem mais ousou implorar; a última esperança terminou o seu sonho de prosperidade no vestíbulo da miséria, e o céu pareceu impenetrável como um edifício bloqueado pelo incêndio. Para que levantar preces, que não voltariam à terra convertidas na piedade divina, como os vapores da terra em chuvas benfazejas? Os espíritos afizeram-se ao horror do seu destino, semelhantes às revoadas dos corvos, os hóspedes negros da podridão, ao mau cheiro da carniça. A dor atrofiou os corações, e a sensibilidade enlerdou-os com a anestesia nojosa dos cães, que morrinhavam a digestão de carnes podres, em sono pesado na areia morna do terreiro.

- É tempo de desarmar a rede e arrumar o mocó - já se dizia baixinho. - Não se pode mais esperar.

- Amanhã, infalivelmente amanhã! - exclamavam, sempre que ouviam o soturno clamor do vento da tarde, lúgubre como se fosse o uivo longínquo da fome.

Mas a terra do berço não perdia o seu encanto; despida das galas da fortuna, adquiria o prestígio da desgraça, e os pobres paroquianos deixavam-se ficar no meio da tristeza dantesca, esmagadora, que os rodeava, como os braços de mãe moribunda. A saudade descobria sempre um pretexto: junho ainda vinha longe; os cajueiros ainda tinham uns farrapos de copa com que farfalhassem ao vento agoureiro; à sombra do carnaubal ainda se respigavam frutos.

Tais eram as condições da paróquia em meados de abril, quando foi acabrunhada por mais um presságio da próxima calamidade, objeto dos prós e contras de um grupo que esparecia conversando à porta de Antão Ramos.

- A prova da seca é aqui o sr. inspetor com o preço dos seus gêneros.

- É - desculpava-se Antão -, vocês se esquecem que daqui ao Aracati é um queijo, e paga-se bom

dinheiro para ter quem ponha cá os gêneros. Deus os livre dos freiteiros!

- Por isso é que Vossa Mercê carrega nos pobres; eles são a sua tropa.

- Negócio é negócio, mas eu não sou o que vocês dizem de mim; uma bolacha para os pobres, com a graça de Deus, sempre hei de ter.

- Que os anjos digam amém, porque, até hoje, ninguém lhe viu os cunhos à moeda.

- Ó sr. Antão, diga-me cá, não está à espera de um cargueiro?

- Olaré, e de bem boa soma.

- Veja se aquilo que ali vem não faz parte da carga.

Voltaram-se todos e olharam para a banda ocidental da praça. Dois homens caminhavam aceleradamente pelo meio do largo e, de um grosso pau atravessado sobre os seus ombros robustos, bojava uma rede de algodão enegrecida pela poeira.

- Muito boa graça! - exclamou amuado todo o grupo. -É algum doente ou defunto: é muito boa graça!

Puseram-se então a observar para ver se conheciam os homens que transportavam a rede; e como eles tomassem a direção da igreja, Antão e os seus conversadores seguiram também para lá. À porta do templo os dois homens depuseram no chão a sua pesada carga e, arfando de cansaço, limpando com o indicador a testa, de onde borbulhava suor a lhes escorrer pelas espessas barbas negras, cortejaram os curiosos. O inspetor e os seus companheiros olharam-se assombrados e apiedados corresponderam. Os homens, empoeirados, maltrapilhos, emagrecidos, semimortos de fadiga, pareceram-lhes dois destroços do medonho desmoronamento do sertão.

- Vossas Mercês me inculcam onde mora o sr. vigário? -perguntou um dos recém-chegados.

- E acolá - ensinou-lhes Antão Ramos, assinalando com o dedo a casa do Paula. - O mais certo, porém, é que ele esteja ali.

E mostrou o casebre em que residia o sacristão.

- E o lugar mais certo - justificaram os outros com malignidade; - é a toca.

- Doença ou morte? - perguntou Antão Ramos apontando para a rede.

- E morte, sim senhor - respondeu o recém-chegado -, e nós queríamos ver se o sr. vigário encomendava e mandava fazer o enterro.

- Pois é ir acolá, enquanto é dia - ponderou o inspetor; - é ir num pé.

O sertanejo partiu.

Começaram logo as perguntas habituais na província, onde a fraternidade é um sentimento profundo, e o outro sertanejo, que ficou de guarda ao cadáver, desfiou ingenuamente as respostas:

Eram de Inhamuns, mesmo do interior do sertão; tinham abandonado um pedacinho de terra que possuíam, porque Inhamuns era hoje o mesmo que uma fornalha. A gente, de alpargatas, sentia

tanto calor nos pés como se estivesse descalço sobre brasas. Ia para 30 dias que o defunto, a quem Deus falasse na alma, tinha chegado a Inhamuns. Era de muito longe; morava lá para Maria Pereira, por esses bibocões do mundo, e, muito sabido no entendimento do tempo, não quis mais esperar para ver em que dava o verão. O velho meteu a cara e veio de cabeça baixa, navegando por esses estradões fora que até, Virgem! era um desconforme. Ele vinha a ser sogro daquele que foi chamar o vigário, que era irmão do narrador. Contara o velho que lá em Maria Pereira estava tudo que era uma desgraça, e por isso tinha vindo de mudança. Pelos seus cálculos o Ceará estava perdido. Há duas pedras na serra Grande, a Itaquatiara e a que ele chamava Rei do Fogo. Quando a Itaquatiara fala com a sua voz de pedra, há inverno; mas quando por alta noite o Rei do Fogo acende o seu penacho de luz muito azul e cor de ouro, é um ano de seca. O velho soube que por três vezes brilhou a chama do facho que ninguém acende, e fugiu aos três anos de seca, de epidemia e de morte. Inhamuns, porém, estava já muito crestado da seca, e o pouco que o narrador e seu irmão tinham dava mal para sustentar as suas famílias. Extinguiu-se logo depois da chegada do velho com a sua gente, e então para fugir à fome resolveram partir. O velho coitado, não pôde resistir às longas jornadas, e nesse dia pela madrugada tinha morrido, deixando uma ninhada de dez filhos.

- Mas já está tudo tão mau por lá, que é preciso fugir? - perguntou Antão Ramos.

- Já para um ano - continuou o narrador - não pousam em bando sobre as ramagens da oiticica as nuvens de papagaios e periquitos, e há mais de seis meses come-se a farinha ralada do miolo da carnaúba. A terra está rachada de secura, e da gadaria não resta mais do que a ossada branca. Nós só deixamos a nossa terra, quando não tínhamos nem mais uma cabeça de bezerro; o último boi que apuramos é que nos tem servido para comer na viagem. Está tudo num desespero, e vem aí para baixo um povaréu de meter medo.

- Que desgraça! Santo Deus, que desgraça! - repetiram os ouvintes.

O narrador ia prosseguir para satisfazer o crescido número de curiosos que o ouviam comiserados, porque a sorte de Inhamuns era a da sua paróquia, e, talvez, a de toda a província. Mas o vigário acabava de chegar, e força era interromper-se a narração.

Os recém-chegados colocaram de novo a rede sobre os ombros e, precedidos pelo vigário, seguidos pelos curiosos, entraram na igreja, cujas portas foram no momento abertas pelo sacristão, com o seu mau humor habitual.

Dentro em pouco Paula voltou, e parando junto ao cadáver, em cujo rosto a convulsão da morte estampara o último soluço, principiou a encomendação com os gestos maquinais do homem de ofício, que tem pressa e quer aviar-se. Manejando o hissope com rudeza de pintor a sacudir a brocha, engrolou, com o adjutório do velho sacristão, a mesta solenidade, e rapidamente pronunciou, já de costas para o cadáver, o *requiescat in pace*.

- Que pitada deu-me o bicho! - disse voltando-se para o sacristão. - E que cara tem ele!

Os parentes do morto choravam sentidamente, limpando os olhos vermelhos nas mangas sórdidas da camisa. Paula olhou-os com a sua frieza marmórea, e com a mais acentuada indiferença:

- Venham daí - disse-lhes; - falta ainda o assentamento e... pagar a cova - acrescentou baixinho, dirigindo-se ao sacristão.

Os homens acompanharam-no até a sacristia, onde sobre uma velha mesa um Cristo amarelecia o corpo e empoeirava as chagas ao desabrigo.

- Sabem que têm de pagar a cova? - perguntou Paula, recostando-se no espaldar da sua cadeira.

- Sim, senhor; mas nós vamos de viagem, e só temos dez tostões para as despesas.

- Isto é pouco - refletiu o vigário, olhando para o tinteiro e batendo com a caneta na beirada da mesa -, com dez tostões não se enterra um homem em sagrado.

- Mas é o que nós temos.

- Pois, meus ricos, o que querem que lhes faça? Vocês podiam ter enterrado o homem no caminho: punham-lhe uma cruz em cima, e livravam-me de incômodos.

Os dois sertanejos fundiram-se em lágrimas, e um deles, com uma acentuação triste, respondeu:

- É que a gente, com ser pobre, pensa que deve ser enterrado como cristão.

- É, mas precisa pagar a cova. Eu já dispenso a encomendação.

Os infelizes, com os olhos baixos e fazendo girar nas mãos os seus chapeirões de couro, calaram-se, abafando os soluços que lhes rompiam em bando. Paula, porém, não mudou de atitude; tamanha dor não teve força para impressioná-lo.

- Em que ficamos? - perguntou depois de algum tempo de espera. - Está quase a anoitecer, e não posso estar aqui até amanhã.

O genro do morto meteu a mão precipitadamente dentro de um bernal, que trazia a tiracolo. Quando a tirou, trouxe suspenso um pequeno cordão de ouro, de cuja extremidade pendia uma cruz.

- Isto chega para pagar a cova, sr. vigário? - perguntou timidamente. E acrescentou. - o mais que eu tenho.

O vigário tomou desdenhosamente o objeto, e depois de examiná-lo por miúdo, escovando na lila da sua batina a pequena cruz:

- Chega! - disse molhando a pena. - Ficaré para Nossa Senhora da Piedade, e sairá da minha algibeira ~ dinheiro da cova. Diga o nome.

Pôs-se a lançar o assentamento, e depois, dirigindo-se ao sacristão, fez-lhe sinal para acompanhar os dois fregueses.

- Avie-se, Marciano; eu fico esperando-o aqui.

- É num pulo - resmungou o velho sacristão.

Paula foi debruçar-se à janela, cantarolando e enrolando um cigarro descansadamente.

As últimas claridades do dia confundiam-se já com os primeiros brilhos do luar. Pairava no ambiente uma tristeza sobrenatural, que se podia chamar a melancolia de Deus. O carnaubal distante, já invadido pela noite, vergando com uma branda flexão aos assopros do vento

vespertino, espalhava uns frêmitos convulsivos e tristes, como se ele fosse a boca por onde se espalhassem os soluços da esterilidade. Os bois magros e trôpegos desciam para o leito do Jaguaribe à procura de água, semelhantes a um bando de esqueletos recolhendo-se a vala mortuária, e junto das poças, com as ventas muito dilatadas, bebendo a longos haustos e ruminando a não satisfeita gula do pasto, mugiam longamente a sua fome, entristecendo ainda mais a hora melancólica da tarde.

O vigário, porém, indiferente ao que lhe ia em torno, fumava a longas baforadas, imerso numa distração profunda. Tinha os olhos pregados na casa de Queiroz, onde Eulália e suas irmãs apascentavam também a sua curiosidade no grupo formado à porta do templo. Esse olhar agudo, cheio de lubricidade de sátiro, como que rompia todos os arcanos do pudor de Eulália, e mergulhava o observador no delírio de uma festa orgíaca. Balançando-se nas pernas encurvadas e bambas, acendendo cigarros uns após outros, o seu semblante reproduzia o contentamento do tigre aspirando o cruor quente da vítima. Sentia-se bem naquela preguiça que o deixava na posse inteira do seu desejo, sem que o mais leve temor o perturbasse e o desviasse da sua contemplação. Vendo diversas pessoas correrem para o lado da igreja, sorriu agradecido: era um novo fomento à curiosidade da moça, e mais algum tempo de gozo que lhe era dado ao coração de condenado. A noite, porém, interpôs-se, e o encanto rompeu-se bruscamente.

- Está pronto, sr. vigário; lá ficou o homem - disse Marciano.

- Bem, vamo-nos embora; leve aquele cordão para a sua Mundica e diga-lhe que me guarde o café logo mais.

- Muito obrigado, muito obrigado - repetiu o sacristão, que estava acendendo uma vela -, Deus é quem o há de pagar.

Na parede caiada, a sombra do velho esgroviado reproduziu-lhe com um desenvolvimento gigantesco a zumbaia da desonra.

E saíram ambos. Marciano na frente, deixando retinir uma cambada de chaves, alumiava e fechava com estrépito as portas e janelas da sacristia. Paula seguia-o a alguma distância com o seu chapéu redondo na mão. As pisadas rijas do vigário e o chap-chap demorado, raspado pelos chinelos do sacristão no soalho tosco, reboavam.

Quando a chama da vela abriu-se, semelhante a uma pupila enorme, na escuridão da nave, aumentou-se um burburinho que vinha da porta principal, e no corpo da igreja ressoaram passadas em tropel.

- O que teremos mais? - perguntou Paula. - Quer ver que nos trazem outro demônio a encomendar?

- Macacos me mordam, se eu duvido - respondeu o sacristão. - Os homens disseram-me que a sua gente vinha pousar na freguesia, e como estão todos a morrer de fome..

- Entendem que eu hei de estar aqui às ordens para encomendá-los um por um! Não se façam bestas.

A claridade esbateu-se em cheio sobre parte dos que entravam, enquanto os outros formavam círculo em torno do vigário e do velho Marciano. Destacava-se da massa um grupo de vinte e poucas pessoas, entre as quais dois sertanejos já conhecidos do vigário. Dir-se-ia um volvo da

miséria trazida ao templo acintosamente, e ao vê-lo misturava-se a comiseração com o nojo. Nos rostos escaveirados, a máscara da fome estagnava-lhes os olhares numa quietação comatosa, e dava-lhes às fisionomias a acentuação do idiotismo. O desleixo enxovalhava a mocidade; envilecia a velhice e deformava a meninice. Uma velhinha de pele pergaminhada, já não podendo sustentar-se nas pernas fatigadas, sentou-se covando um colo e mostrando os pés inchados, com profundos vincos das correias das alpargatas. Pestanejando silenciosa, com os braços descaídos, lembrava-se a gente das parcas sombrias que o cinzel assenta sobre os túmulos. Duas mulheres, que traziam nos braços os filhos cobertos com uns farrapos, esforçavam-se debalde por acalentá-los: as crianças, ao contato daqueles seios muxibentos, vagiam com o ruído fraco e triste dos sapos magnetizados. As moças, meio corpo em camisa, deixando a descoberto os colos queimados pelas soalheiras e empastados por escuras mascarras de suor e poeira, pareciam as personificações do desânimo. Os seus olhos cearenses, olhos cheios de erupções de altivez, ou de humildades de escrava, conservavam-se baixos, como se quisessem defender-lhes os seios virgens, que tufavam no morim encardido das camisas puídas. As crianças completavam o quadro: vestidas com umas camisolas que mal lhes cobriam os ventres hidrópicos, cabelos emaranhados e piolhosos, olhos ictéricos, o tórax deprimido, braços e pernas atrofiados, pés inchados até os artelhos, assemelhavam-se a rãs mortas. Perfiladas e seguras aos vestidos das mulheres, chupando gulosamente os dedos, narravam no seu semblante bisonho uma longa história de sofrimento.

- Sr. vigário - disse Antão Ramos, que aproveitava todo ensejo de mostrar-se autoridade -, este povaréu pede uma pousada. É uma pobre gente de Inhamuns, lá para os confins daquele sertão.

- É uma obra de caridade dar pousada aos peregrinos - disse o vigário.

- Mas são 23 pessoas; custam a arrancar-se. Nós nos lembramos de Vossa Mercê, por ser na paróquia a pessoa que tem menor família. Eles pedem só para dormir.

- Lá está a casa - respondeu Paula, dissimulando a contrariedade com um sorriso -, mas não será só por uma noite, porque as crianças e os grandes mesmo não resistem a mais jornadas sem descansar, pelo menos, quatro dias.

Muitas vozes concordaram; estavam dizendo justamente isto. Se os retirantes não parassem para descansar, talvez não deitassem mais duas jornadas fora, sem ficar algum pelo caminho.

- O melhor, portanto - continuou Paula serenamente -, é fazê-los acomodarem-se no Engenho: ficarão à vontade, e o tempo que quiserem.

- Mas hoje não podem ir para lá - interrompeu Antão Ramos. - Aquilo está um monturo.

- Na verdade, aquilo está um monturão - repetiram os circunstantes -, até hão de morar cobras nos entulhos. Demais, o Feiticeiro é má vizinhança.

- A minha casa lá está, já o disse - acentuou o vigário.

- Somente hão de dormir sobre os ladrilhos, porque eu só disponho de dois armadores para redes.

- Três podem ser armadas na meia-água da minha casa, que já está às ordens - observou Antão Ramos.

- Mais de três podem ficar na minha bolandeira - disse Rogério Monte, que acabava de chegar.

- Graças - exclamou o vendeiro. - Está tudo arranjado...

E mais baixo:

- Fez-me não sei o que por dentro a cara desses cabras: isto é boa gente por força.

O sertanejo, que à tarde entregara ao vigário o cordão de ouro, teve um movimento brusco de contentamento, e, para testemunhar a sua gratidão, que era partilhada pela família inteira, inclinou-se e beijou a mão do vigário.

- Que lábia - resmungou o sacristão. - É que acha tolos.

O tom escarninho do velho impressionou profundamente os que o ouviram. Sabiam que Marciano era a crônica viva daquelas paragens, embora não tivesse arredado pé da paróquia havia mais de 30 anos. O pior é que dizia sempre a verdade, e que os seus olhos perspicazes como que viam, dentro de todos, os pensamentos os mais íntimos. Esta qualidade adquirira-lhe inimigos irreconciliáveis e antipatias invencíveis, no número das quais estava Antão Ramos.

O que é que está aí resmungando, velho Marciano? Lembre-se de que está com os pés na cova e tem filhas. Não é bom ser palmatória do mundo - disse o inspetor.

E, com mais severidade, acrescentou:

- Se você não escorropichasse galhetas, veria como não lhe sobrava o tempo para espiar a vida alheia.

Marciano caminhou direito para o sertanejo, e, pondo-lhe a mão na testa, exclamou, com um tom impertinente:

- Eis aqui por que eu falo; veja bem, sr. Antão, repare Vossa Mercê, antes de mostrar que tem quijila de mim.

A sua voz roufenha, incômoda, inclemente, alteou-se então, e, cortante como um punhal, fez ressoar esta tremenda injúria:

- É um ladrão que está aqui, uma corja de ladrões, uma ninhada de ladrões.

O efeito de tais palavras foi medonho; subitamente a piedade mudou-se em cólera, e os mesmos que pediam agasalho para os caminheiros gritavam agora que os pusessem fora e os acozassem até longe, como se faz às onças que não podem ser mortas.

O sertanejo, humilhado, cambaleando, levou maquinalmente a mão à frente, como se quisesse apagar daí o sinal infamatório, mas retirou-a logo com ligeireza de quem se queimasse num ferro em brasa. O pânico e o desespero injetaram-lhe os olhos de sangue e deixaram-no boquiaberto.

- É tarde já para esconder - chasqueou o sacristão. - Todos viram. É uma cruz, por sinal que é feita por mão de mestre e por uma ponta de faca bem afiada.

- Eis aí a pobre gente que, sem mais nem menos, queriam meter-me em casa - disse o vigário sorrindo. - Mais cuidado para outra vez, mestre Antão, quando oferecer a casa alheia.

O inspetor, olhando de revés para o sertanejo, apenas pôde responder humildemente:

- Tem Vossa Mercê toda a razão, sr. vigário, enganei-me.

- Eu juro por Nosso Senhor Jesus Cristo - soluçou o desventurado, a quem visavam as acusações.

- Não sou um ladrão.

E, caindo aos pés do impassível Paula, ajuntou:

- Deus, que nos está vendo, fulmine-me com um raio se eu minto...

A impaciência dos espectadores interrompeu-o: não queriam ouvi-lo, estavam fartos de lamentações iguais; que se pusesse fora com todos os seus e bem longe do povoado.

Em vão as mulheres sufocavam-se em soluços, e o Cristo, muito branco e triste, abria no lusco-fusco do templo o seu abraço de perdão: a palavra de Marciano tinha empedernido todos os corações.

Todos os episódios do quadro comovente daquela família fugitiva desapareceram para deixar lugar apenas à cruz infamatória, que se lhe desdobrava agora por toda a altura do porte e pela extensão dos seus braços abertos.

- Não acha que é hora de desatrarancar a igreja, sr. vigário? E já noite fechada - ponderou o velho impiedoso.

Paula meneou afirmativamente a cabeça e tentou seguir; mas o sertanejo, caindo de joelhos, abraçando-se-lhe às pernas e insistindo no juramento, constrangeu-o a parar. Quando viu que eram vãos os seus rogos, apelou para as crianças: não tinham culpa da sua desgraça; por ele nem pediria, mas as pobrezinhas tinham fome, precisavam descansar, e agora era impossível caminharem mais.

- As crianças - concluiu ele - não roubam.

O velho sacristão, sorrindo escarninhamente, aproximou-se de um dos meninos, e, segurando-lhe o queixo, resmoneou:

- Estezinho, pelos olhos, já devia ter também a sua cruz; já pode furtar galinhas.

O sertanejo levantou-se com a elasticidade de uma espiral de aço que deixa de ser comprimida, e, cego de cólera, mudada em delírio a resignação, precipitou-se sobre o provocador brutal. Braços possantes, porém, subjugaram-no, enquanto o seu irmão defendia a família das selvagens ameaças.

- Fora, assassino ! Fora, ladrão - gritavam impelindo-o brutalmente.

O desgraçado cedeu ao seu destino de precito. Desde que se lhe estampou na fronte aquela cruz aviltante, a sua sorte era amargar afrontas. Todas as portas negavam-lhe agasalho, todos os corações, piedade. Nem as suas lágrimas, nem as de todos os seus conseguiram apagar o estigma, que lhe circunscreveu todo o horizonte da vida. Em toda a parte ensinavam-se até às crianças a chamarem-no - ladrão!

Saiu, pois, trôpego e humilhado, seguido pela vergonha dos companheiros dos seus padecimentos, da impiedade dos paroquianos e da indiferença do ministro da religião, do perdão e do arrependimento. O céu desnublado vestia-se de um luar deslumbrante; uma viração

benfazeja refrigerava o ambiente cálido ainda das irradiações do sol; uns cajueiros esgalhados agitavam os ramos seminus como fazendo um sinal de convite.

- Vamos para acolá - disse o sertanejo -, talvez não nos ponham fora.

- Não - exclamou Rogério Monte, batendo no ombro do precito -, vamos para ali.

E apontou a sua casa, que alvejava em frente, modesta como a bondade.

Duas vozes feminis coroaram a piedade do velho Monte, que se viu colhido entre os seus braços.

- Muito bem, faz muito bem! disseram-lhe Irena e Eulália. - Não há de morrer por aí à toa.

- É como eu entendo também a caridade - disse Queiroz, que, atraído pelo barulho, conduzira as duas moças até a igreja. - Faze o bem e não olhes a quem.

- Está um lindo luar - observou o vigário, que se aproximava do grupo venerando -, dava-se agora um ótimo passeio.

## VI

O ato de Rogério para com os sertanejos não foi senão um lampejo da sua fidalguia moral. Vazado no velho molde dos primeiros povoadores e seus descendentes, o seu coração tinha a heroicidade sã da bondade e o desassombro calmo da justiça. Dois terços da paróquia agradeciam-lhe pão e agasalho, consolações na enfermidade, e a cova em que repousavam os entes queridos. Entre os dotes de Irena, a sua filha única, assinalava Monte as suas qualidades de enfermeira, a piedade com que pensava os doentes que vinham acolher-se muitas vezes ao abrigo desinteressado daqueles 16 anos.

Orgulhoso de ter calos nas suas mãos fidalgas, despreocupado da ambição de enriquecer, não podendo resistir ao impulso filantrópico e bom, que o levava a enxugar as lágrimas com que deparava em seu caminho, era chamado pródigo pelos seus amigos. Trabalhava de longa data, cerca de 40 anos, e, no entanto, a sua fortuna era apenas a sua fazenda de criação, fortuna precária que o sol do verão podia facilmente dissipar.

Os prejuízos do velho criador na quadra atual serviam de confirmação aos seus amigos, que, cheios de severidade, repetiam-lhe o ríflão: quem dá o que tem a pedir vem.

- Mas encontra quem lhe dê também - respondia Rogério tranqüilamente.

Não era, porém, um ente privilegiado; o seu caráter tinha uma enorme falha. O respeito supersticioso pelos seus maiores fazia-o conservar, como relíquia sagrada, ódio encanecido, invencível, intransigente à família dos Feitosas. Sua alma evangélica negar-lhes-ia um gole de água. Quando, na intimidade, fitava o Engenho mal-assombrado, Rogério deixava perceber que a ponta do punhal do facínora da noite lendária atingia-lhe o coração através de dois séculos, e, como que para vingar a dor da esposa alucinada, historiava a longa série de vinganças, de sevos desforços tomados pelos seus antepassados, com a exaltação de quem aplaude.

- Não me falem em Feitosa - dizia ele. - Este nome faz-me ficar perverso.

E o seu rosto magro, os olhos castanhos desassombrados, os seus movimentos e gestos sempre afáveis mudavam de súbito para uma acentuação frenética, e, apurando a sua estatura

desenvolvida, acrescentava:

- Tenho sangue-frio suficiente para atravessar-lhes o coração a um por um e beber o sangue a essas feras.

A história da província explica, se não justifica, o ódio secular das duas famílias, hoje desmembradas e espalhadas pela vastidão do território cearense, balda de fortuna e de prestígio. Todo o século 18 reboou com o ruído das batalhas desses poderosos rivais, que, de par com os Lyras, foram os Deucaliões do sul do Ceará. Ramos do mesmo tronco genealógico, uma questão de terras separou-os para sempre, e ambos puseram-se em campo, em guerra fratricida, guerra em que as crueldades assombram, as devastações aterroram. As tribos selvagens, assoldadas por eles, foram os executores dos seus tremendos veredictos, e basta isto para perceber-se a monstruosidade das execuções. Ao anoitecer a quietação claustral das fazendas era perturbada pelo toque dos instrumentos guerreiros. Uma seta inflamada atirava o cartel fatal aos moradores, e as labaredas vermelhas de um incêndio, rompendo a custo novelos densos de fumo, apelavam para um, combate sem tréguas. E, no meio da confusão, do alvoroço e do terror, barulhando-se na treva ou arquejando ao calor insuportável do incêndio, os dois exércitos encontravam-se braço a braço, depois de se terem crivado por nuvens de flechas, por descargas de mosquetaria, e ferozes, sanguissedentos, disputavam linha a linha a vitória, cujo coroamento era o sacrifício de mulheres, de crianças e de anciãos. Debalde as justiças da Metrópole tentaram pôr fim a essas contendidas ensangüentadas; as ciladas esperavam-nas, e a derrota das milícias era infalível diante dos poderosos sertanejos, senhores de barço e cutelo das povoações, influências invencíveis nos senados das câmaras, agasalho de perseguidos e facínoras. A rivalidade irreconciliável terminou por desmoronar essa grandeza colossal, intumescida de orgulho e de crimes, e no presente século as ruínas apenas sobrenadam ao vasto mar de sangue que teve por praias a extensão de um século.

Não obstante, os velhos descendentes não mudavam na adversidade a paixão dos tempos felizes.

O vigário Paula sintetizou um dia o caráter de Rogério numa das suas frases de fino espírito:

- É um bom homem, que há de ir parar no inferno a dar esmolos.

Queiroz, ouvindo-o proferir esta sentença contra o seu velho amigo, repeliu-a com azedume, admirado de que fosse Paula quem tal dissesse de um homem cujo valimento dera-lhe a paróquia.

- O que quer você, Queiroz? Eu digo o que sinto. A maior virtude do homem é o perdão, e Rogério não sabe perdoar.

- Ora, adeus, homem - respondeu-lhe o professor.

Mas, impressionado pelas palavras do vigário, tentou remover do coração do amigo aquela mancha, que tinha herdado aos seus maiores. Vão propósito: o ódio de Monte estava dissolvido no seu próprio sangue.

Tal era o homem, que não se arreceou de agasalhar a "corja de ladrões" com aplauso de Irena e Eulália e do bondoso Queiroz.

Os paroquianos, comentando a cena da igreja, mostravam-se arrependidos. No fim de contas aquela gente era desgraçada, merecia compaixão, e tanto que soube corresponder à bondade de Rogério cavalheirosamente. Desde o dia seguinte foi instalar-se no Engenho, na vizinhança do

Feiticeiro.

Abonançada a inquietação dos primeiros momentos, ninguém mais se lembrou de chamar temerário ao velho Rogério Monte, e a paróquia recaiu na sua vida monótona, dividida entre os comentários dos acontecimentos dos últimos dias e as antevisões dolorosas do seu destino, entre a devoção matinal e o sono letárgico logo ao cair da noite.

Paula continuou a dizer tranqüilamente as suas missas a meter-se três vezes à mesa durante o dia, a consolar o queixoso Marciano, a passar as tardes no casebre deste, a dar o seu quarto de hora de manhã à palestra e duas horas por noite à bisca na casa de Queiroz.

Estas duas horas e pouco eram o seu maior tormento e o seu maior prazer. Via Eulália, sempre confusa diante dele, como que amedrontada, a querer abrir-se em uma fraqueza, e a hesitar. O seu despeito folgava com essa tortura lenta, agravada pelo pudor de Eulália; mas o coração repercutia-lhe dolorosamente aquele sofrimento, que já ia alterando a fisionomia santa do seu ídolo, e então Paula custava a domar o desejo impetuoso de ajoelhar-se junto à moça, pedir-lhe que o perdoasse ou desprezasse, mas que vivesse feliz, despreocupada como outrora. Porém o hálito morno do beijo que lhe embalsamava a mão, sempre que entrava ou saía da casa do professor, alucinava-o de novo, e acordava-lhe, ruidosa como um temporal, a paixão que se estorcía na sombra como as torturas do Ugolino dantesco, venenosa como as serpentes, feroz como as panteras. Lábios que tinham hálito tão perfumoso, de uma tepidez tão suave, deviam dizer carícias angélicas, enquanto as mãos delicadas desfiassem afagos de fazer estremecer, como o rolar de uma gota de água pela medula. E que temeridade, que energia heróica não teria aquele amor, erupto de um coração que acordava com a violência da mocidade, depois de um sono cataléptico de quatro anos, consagrados somente à piedade filial? Não; não podia deixar que outrem frísse os gozos que a fatalidade, aquela batina cruel, que ele sacudia com as raivas do tigre, lhe proibia. Não seria sua, mas também não seria de ninguém!

E todos os dias, preocupado com a sua vingança recalcada pelas conveniências, frio como as escamas das cobras, calculava como irritar os brios de Eulália, e afastar para sempre Augusto Feitosa, ainda que para consegui-lo fosse preciso vê-la morta.

Uma tarde, a conversar com ela, na horta, achou ocasião de apunhalar-lhe pela terceira vez o mísero coração.

- Por que foge sempre de mim - perguntou-lhe -, ou fica tão contrafeita quando me vê?

Eulália admirou-se de ouvi-lo com uma entoação meiga e tanta bondade no olhar. Estava agora acostumada a outras maneiras, ao desabrimento brutal ou descortesia hipócrita, e por isso o tom manso e cordial do padre fê-la estremecer; mas logo, lembrando-se das palavras de Irena, alvoroçou-se de contentamento. Tratava-a, de feito, como seu pai, e por isso não percebia que às vezes a magoava muito.

- Eu? - respondeu-lhe. - O sr. vigário é que parece continuar mal comigo.

- Não hei de tratá-la com intimidade, quando a vejo esquivar-se...

- É desconfiança.

- É verdade; eu sou meio caboclo, e desconfio muito, principalmente de quem calcula.

- De quem... ? - perguntou a moça, que não ouviu bem a última palavra.

- Digo que - repetiu o vigário, sorrindo e sacudindo o seu longo indicador - não gosto de quem faz cálculos para fazer-se estimada.

- Mas é comigo que fala? - interrogou Eulália, corando muito.

- O padre sou eu, minha sonsinha - respondeu com bonomia. - Eu sou quem pode confessar; você apenas deve cumprir as penitências, de que precisa bem.

- Eu calculo, para ser estimada? ! Por quem?

- Há de ser por mim; pois por quem há de ser mais?. Aviso-a com o segredo do confessor.

E retirou-se, deixando-a humilhada, perplexa, diante da acusação que o seu recato de virgem considerava esmagadora.

- Eis aí por que me maltrata - disse ela; - eu vi logo a ponta da intriga: hei de desfazê-la.

E perdeu-se num mar de conjeturas, para atinar com a origem da ignóbil difamação.

Toda a paróquia com as suas pequenas murmurações, com os seus dichotes à meia voz, desfilou-lhe pelo pensamento, num préstito sombrio e lúgubre, a olhá-la vesgamente como para um ente abjeto. Deixava de ser a santa filha de Queiroz, alegre como o gazar dos pássaros, para ser a mulher sonsa a calcular com os seus encantos - diziam todos talvez a essa hora. Quando passasse, ouviria o cascalhar represso das risadas malignas, provocadas pela infame calúnia, que se insinuara sorratamente no ânimo da paróquia, e, sem que ela própria o sentisse, estampara-lhe na frente um ferrete ignominioso, quem sabe se indelével!

A calúnia era infame demais para que a revelasse e pedisse a seu honrado pai uma desafronta. Fora amargurar-lhe a existência, ferir-lhe no âmago a vida, enxovalhar-lhe a nobreza. Demais, o sr. vigário impusera-lhe o segredo do confessor.

Não havia, pois, outro remédio senão ficar abatida aos próprios olhos, deixando-se devorar em silêncio por aquela amargura, até que um dia a justiça do céu se incumbisse da sua reabilitação.

Apressou o passo, e chegando-se timidamente ao vigário:

- Mas o senhor não acredita nessa mentira, não é verdade? perguntou com acanhamento.

- A mulher perdeu o mundo - respondeu sorrindo... - Eu sei lá ... . mas se diz que não...

- Juro que não, pela alma de minha mãe!

- Não é bom falar nos mortos, d. Eulália - replicou austeramente; - não se deve profanar as sepulturas; errar é dos homens.

As lágrimas rebentaram em fios dos olhos tristes da moça, e os seus lábios trêmulos mal puderam tartamudear:

- Seja o que o sr. vigário quiser.

- As lágrimas fazem-na tão bonita, Eulália, que eu não tenho forças para deixar de acreditá-la! -

exclamou Paula com uma ternura infinita, apertando entre as suas a mão abandonada de Eulália.

Estremeceram ambos ao mesmo tempo, como se um olhar indiscreto os surpreendesse. A moça apertou o passo para entrar em casa, e Paula conservou-se imóvel a olhar para o chão, como se uma força ignota lhe violentasse o olhar.

Uma toada triste rumorejou então distante, com um eco soturno e lúgubre.

Era o Joaquim Maluco, pai inconsolável, que passava, cantando a sua desgraça na inconsciência da loucura.

- Será um aviso do céu?! - murmurou Paula perturbado.

Mas logo, sacudindo os ombros:

- Seja - continuou consigo. - Prefiro o inferno com ela!

## VII

De volta à sala de Queiroz, Eulália e Paula estavam apoderados de sentimentos diversos.

A filha do professor tinha medo de si mesma. Lembrava-se de que um enleio inexplicável avassalou-a e converteu-a em títere de um impulso ignoto, mas triunfante, que a entregaria ao vigário como escrava. O calor daquelas mãos, que apertaram as suas com um tremor carinhoso, coara-se-lhe como um veneno pelas veias; sentiu-se alquebrada, sem vontade, sem domínio sobre si, e deixar-se-ia até beijar se não fosse o canto providencial do doido.

Semelhante recordação afoqueava-lhe o pudor e obrigava-a a ocultar-se para esconder as lágrimas. Mas a solidão fazia-lhe medo; via-se fraca, dominável por tudo, inerte ao ponto de se deixar vencer até pelo raio do sol moribundo. O polido do espelho do seu quarto figurava-se-lhe uma lanterna que lhe acendiam dentro da consciência, a cuja luz não podia esconder que o vigário a impelia com um aceno, escravizava-a com um olhar. Lutava então contra o amargor de tão triste certeza, mas a imaginação baralhava-se-lhe num cismar cambiante como as vistas de um caleidoscópio. No entanto, não tinha forças para repreender-se severamente, porque o que sentia agora não era senão a reprodução do que sentira desde a infância pelo sr. vigário.

Recordava-se de que, em pequena, era de um gênio violento e excessivamente traquinas. Em vão as carícias paternas e as de sua boa mãe buscavam contê-la: continuava sempre, e, se a castigavam, cedia por temor, mas não por estar convencida de que fizera mal. Entretanto, se a ameaçavam dizendo que iam contar ao sr. vigário, aquietava-se logo, e, sem ressentir-se, distraía-se e ia ler ou amimar sua boneca. Depois de crescida, já mocinha, sentia uma satisfação untuosa, fresca como o contato de uma pele, ouvindo as prédicas daquele homem que fazia estremecer todos os corações, que falava em nome de Deus, e não obstante na sua casa desfazia-se em afagos e em meiguices para consigo. Depois foi gradativamente compreendendo que Paula era um homem de espírito, superior à gente rude da paróquia, que o maldizia porque não o entendia, e não se compenetrava de que o pároco, gravitando em outra esfera, não podia deleitar-se com os seus divertimentos grosseiros e com os seus costumes semi-selvagens. Este conceito exagerado, que cimentou-se com as repetidas afirmações de Queiroz, predispueram-na a deixar-se levar pelo vigário, a quem devotava uma afeição quase igual à que dava ao pai; afeição desinteressada, sem laços materiais, como se evidenciava do desassombro com que ouvia falar na filha do sacristão, a formosa Mundica.

Hoje, porém, descobrira em si fraqueza demais na sua afeição; fora obrigada a corar por ela, e sobressaltada, querendo fugir de si mesma, Eulália não tinha coragem de comunicar a ninguém o estado do seu espírito, e nem ao menos ousava repreender-se: fora confessar a si mesma um crime sem perdão.

Paula, ao contrário, deixava transparecer uma alegria serena, mas expansiva, que precisava de corrigir-se pelo seu hábito inveterado de conter-se, ainda nos momentos mais difíceis.

O seu espírito, orgulhoso do triunfo conseguido sobre Eulália, tinha necessidade de apossar-se de todo o horizonte, de ter a largueza de quem se espreguiça para afugentar os restos do sono.

O conchego da família do seu amigo era um círculo estreito para a sua respiração: abafava-o. Precisava de ar livre, da posse ampla do ambiente para que os seus pulmões resfolegassem com a amplitude do seu contentamento.

- Vou fazer uma obra de caridade - disse ele a Queiroz: - vou até o Engenho conversar com essa pobre gente que lá tem arranchado;

- É um belo passeio - ponderou-lhe Queiroz -, mas é um pouco distante e você voltará já com a noite.

- Que quer? É o meu ofício.

- O que vale é que faz luar.

- O dever não espera pelo escuro, nem pela claridade.

- Nem sempre - respondeu o professor, batendo-lhe no ombro.

Paula saiu com o seu passo firme e compassado, e enveredou pela ladeira norte da colina, a cumprimentar aqui e ali os paroquianos, que se descobriam todos ao vê-lo. Pouco demorou a estar fora do povoado e a ficar só, no isolamento sussurrante da estrada e no júbilo do seu amor, agora esperançado.

A soledade dava-lhe alguma coisa de fantástico: parecia o luto visitando a devastação. A sua batina negra como que distendia-se por diante do povoado, extensa como a espessa barreira de trevas em que a população inteira vinha abismar-se e asfixiar-se na desesperança e no pranto.

A vegetação combalida, agitada pelo vento da tarde, parecia estremecer ante o hóspede inesperado, as claridades do crepúsculo recuavam diante dele como diante da noite. O cruzeiro do cemitério, sobranceiro aos arbustos de copa emurchecida, envolvia-o com o seu olhar sem pupilas, o agudo olhar da crença que penetra no mais insondável do desconhecido. Mas Paula caminhava com o mesmo passo inalterável, tranqüilo, absorto na sua alegria, sentindo talvez nas suas o calor virginal da mão trêmula de Eulália.

A cerca do cemitério começou a aparecer diante dele, perfilada como um pelotão apresentando as armas ao seu superior, e Paula, estremecendo, malgrado seu, descobriu-se. Os zumbidos dos grilos, sobressaindo no profundo silêncio, avultavam como se fossem gemidos alados de dentro das sepulturas: um coro trépido vindo de além-túmulo.

A solenidade da morte, pairando sobre o terreno limpo do campo-santo, impunha-se com todo o seu respeito supersticioso. Paula sentia a conquista desse poder inexplicável, e tanto que, apesar

seu, apressava o passo e fazia ressoar pisadas mais fortes.

Em frente à cancela que fechava o cemitério um outro homem impressionava-se também e punha o ouvido à espreita. Era o Joaquim Maluco, o endemoninhado. Todas as noites o mísero pai vinha exacerbar a sua loucura com uma visita ao jazigo dos filhos, ou, como ele dizia, esperar o vigário, que tinha fugido para muito longe. Esta visita dolorosa foi principalmente a causa de o julgarem endemoninhado, porque havia noites em que, nas violências dos seus acessos, o velho Joaquim, depois de abraçar-se com o cruzeiro solitário, rogar-lhe piedade e justiça para a sua angústia, indignava-se contra o seu silêncio e concluía por um grito sacrílego:

- Ah! Não me respondes? Vou esbofetear-te, cuspir-te na face, filho daquela alcoviteira; espera!

E marinhava alucinado pelo madeiro nu, até chegar aos braços onde julgava encontrar o Cristo, para profaná-lo. Lá em cima, despeitado e receoso, o doido, escarranchando-se no cruzamento dos dois madeiros, atordoava o povoado com uma vozeria horrífica, misto de blasfêmias e de pedidos de socorro, seguido de gargalhadas medonhas.

- Fugiu; fugiu também com o vigário; ele também fugiu! Vejam, ele fugiu porque sabia que eu vinha cá em cima esbofeteá-lo!

O povoado inteiro abalava-se então, e, transido de terror, suplicava ao endemoninhado que descesse.

O Joaquim Maluco, certificando-se de que alguém se aproximava, levou o indicador aos lábios, e, acororando-se por detrás do esteio da cancela, esperou.

Quando Paula ia passar em frente, o doido, pulando com a elasticidade da loucura, veio colocar-se-lhe em frente, agachado como um tigre preparado para dar o bote.

- Pare aí, pare! - bradou o desventurado... - Então pensava que ela estava aqui sozinha como no confessionário? Vai morrer já, agora mesmo.

Paula, com os cabelos eriçados, a fisionomia descomposta pelo susto, estremeando convulsivamente, tinha estatelado em face do velho Joaquim. O doido aparecia-lhe com as cores sobrenaturais do remorso; o seu olhar esgarado subjugava-o com a força de um pulso de aço e deixava-o imóvel, mudo e passivo como um cadáver.

- Quer rezar primeiro? - perguntou-lhe o doido. - Venha rezar para morrer.

Travou-lhe violentamente do braço, puxou-o após si até junto do cruzeiro. Paula, tendo nas veias a anestesia do remorso, deixou-se ir, abandonado àquela fúria que, ao mesmo tempo que o torturava, fazia-lhe bem. A lembrança de Eulália, não tendo tido tempo de esvair-se, sobrestava-lhe o pensamento, radiante no abandono da cena da horta, prestes a vergar ao menor aceno audaz. Ser-lhe-ia agradável morrer assim; a morte viria como um desmaio suave, sob o contato carinhoso daquela imagem imaculada.

- Ajoelhe-se e reze - continuou o doido -, eu vou acordá-la; ela está acolá; há de gostar de vê-lo estrebuchar.

Retirou-se, olhando de vez em quando para o vigário, que, de pé, o fitava também, imóvel e silencioso. Mas a alguns passos deteve-se, e voltando-se rapidamente, veio de novo parar diante

de Paula.

- Ajoelhe-se - repetiu o desgraçado. - Tem medo da morte?... A minha filha adormeceu sorrindo; o meu filho, o que está ali fora de sentinela, não pestanejou quando teve de partir. Reze!

Livre da pressão do seu temível ameaçador, Paula foi pouco a pouco recobrando o seu sangue-frio habitual. Conservou-se de pé, olhando o doido que se afastava, e sorriu, meneando a cabeça piedosamente. Depois, cruzando os braços sobre o peito, relanceou os olhos pelo cemitério, como quem procura alguma coisa. Encostado à cerca, próximo à cancela, luzia o aço polido de uma enxada, como o olhar facínora, ávido de um crime.

Paula, com o seu sorriso de desprezo, encarou para o instrumento, e depois volveu o olhar à direção tomada pelo doido.

- Coitado, talvez eu tenha de feri-lo ou estrangulá-lo! -resmungou desdenhosamente.

Continuou imóvel à espera, sombrio como a premeditação nefanda de um crime hediondo. A perversidade daquela natureza avultava em todo o seu relevo, na plenitude dos seus contornos. As mangas largas da batina deixavam-lhe ver os pulsos sertanejos, grossos e achatados, traindo a força dos vaqueiros que derrubam com uma laçada os touros bravios, e semelhantes a duas jibóias enroscadas esperando presa. Mas Paula cansou por fim, e com o seu passo firme e pausado, relanceando o olhar em torno de si, retirou-se sem que fosse sentido.

O mísero pai, alucinado, de joelhos sobre uma sepultura na extremidade do cemitério, ocupava-se exclusivamente em acordar o esqueleto soterrado da filha.

Já o vigário estava no Engenho, sentado a conversar com os seus novos habitantes, e quem passasse pela frente do cemitério veria ainda o doido, ajoelhado, batendo com as mãos espalmadas na terra, e ouvi-lo-ia, com uma rouquidão carinhosa, exclamar repetidas vezes:

- Acorda, filha; vem, ele está ali; eu vou matá-lo.

À noite, Eulália e Irena estavam juntas, e, conforme o seu costume, fecharam-se por dentro, na alcova da primeira.

Mais do que a porta de cedro, separava-as do resto da família a abstração em que elas se achavam. A caçula dormia e os velhos, na sala das aulas, jogavam calorosamente a bisca, emparceirados com d. Ana e Chiquinha. Duas caboclas, que eram as criadas da casa, encostadas aos umbrais da porta, espiavam o jogo.

As duas moças, atravessadas na rede, que Eulália impelia de quando em quando, fincando no ladrilho a pontinha do pé, puseram-se a conversar.

- Tem-no visto? - perguntou Eulália.

Irena fitou significativamente a sua amiga e meneou a cabeça, afirmando.

- E não está alegre?

- Você bem sabe que eu não posso ficar alegre quando o vejo; cada olhar seu parece que me afasta de meu pai para sempre.

Estas palavras, proferidas com a sincera acentuação de uma dor verdadeira e profunda, foram seguidas por um longo silêncio, durante o qual as duas moças, balançando-se sem se encarar, olhavam com indiferença para o espelho que as refletia em frente.

- Você já sondou seu pai, Irena? Talvez não se zangue, ele estima-a tanto! - ponderou Eulália. - Cede por força.

- Acredita? Pois era o mesmo que dar-lhe uma facada.

E Irena, sentando-se, desfiou as razões da sua afirmação peremptória:

Tinha-o conversado sobre os Feitosas, a propósito das palavras do vigário; lembrara-lhe que mais de um rio de sangue já havia passado sobre as ofensas das duas famílias e nada mais devia existir entre os seus parentes e os seus rivais.

O velho pai respondeu-lhe, porém, com o laconismo da intransigência:

- Os Feitosas são homens que insultam mulheres, que assassinam as crianças dos seus inimigos; não serei eu, nem filho meu, que os perdoe.

- Então não há nenhuma esperança?

- Nenhuma - suspirou tristemente Irena -, e tenho vontade de dizer-lhe que o melhor para nós ambos é o esquecimento. Mas...

- Não pode - continuou Eulália. - E assim mesmo quando se encontra um embaraço.

- Não posso, minha amiga, não posso.

Pôs-se então a dizer com que profunda dedicação amava Feitosa. Foi através de dois séculos de ódio, separados por um rio de lágrimas e sangue, em cuja correnteza boiavam cabeças decepadas de anciãos, de mulheres e de crianças, recordações tristíssimas das cenas mais bárbaras, destroços de habitações,ovelos de fumo ainda prenes de labaredas de incêndio; foi através da antipatia mais arraigada que se viram. Foi isto em janeiro, em uma procissão de preces. Feitosa estava na paróquia havia poucos dias e era o alvo dos comentários de todos, e só por isso levantou os olhos para ele. Os seus olhares se encontraram, os seus cabelos loiros e a pele muito fina, suando sangue, impressionaram-na. Pareceu-lhe não ser um Feitosa, mas um gêmeo seu, com a mesma alma tímida, com a mesma índole condescendente. Desde logo Irena sentiu que ele também se impressionara consigo, e, de volta da procissão, olhavam-se com um olhar comunicativo, sem sombras, quase sem receio, prestes a ser íntimo.

Em fins de janeiro, Rogério Monte deixou por alguns dias o povoado, para ir até a fazenda, e Irena ficou em casa de Queiroz, onde, pela primeira vez, falou com Augusto Feitosa. As poucas palavras que trocaram entre si foram uma revelação invencível, espontânea, partida ao mesmo tempo de ambos, ardente, expansiva, irredutível. Só mais tarde, quando já a saudade alimentava-lhes a paixão, quando o impulso do coração desmoronava os brios tradicionais, pensaram na rivalidade das duas famílias. Feitosa jurou imediatamente contrapor a espontaneidade do seu afeto à resistência dos seus, mas Irena, certa de que era a única alegria do velho Rogério Monte, hesitou e tremeu pelo futuro. Deveria sacrificar ao egoísmo do coração a honra do pai? O amor respondia-lhe peremptoriamente - sim! Mas a piedade filial aconselhava-lhe que - não! Pensou então em suplicar-lhe, em demovê-lo do pensamento mau que

Ihe pairava como ave agoureira sobre a integridade do caráter, mas não teve coragem de levar por diante a sua tentativa, porque viu alevantar-se ameaçador, intransigente, o ódio vivaz com que o velho tinha sido aleitado, embalado na meninice, alimentado na mocidade. O seu espírito condescendente conciliou por um adiamento as dificuldades da sua posição, e Irena deliberou continuar clandestinamente a amar Feitosa, apesar de seu pai.

Um dia o noivo falou-lhe em fugir, e tremeu depois da sua revolta. Pediu-lhe que a deixasse, que não a quisesse perder, assassinando seu pai; mas aos poucos a certeza da intransigência paterna habituou-a com o triste pensamento, e foi ela mesma quem, mais tarde, disse que às vezes tinha vontade de fugir.

- E o que há de por fim acontecer - concluiu Irena, enxugando as lágrimas que lhe borbulharam incontinenti.

Osilêncio interpôs-se de novo à confidência, e os vaivéns da rede tornaram-se mais fortes, fazendo ranger a corda nos armadores. De espaço a espaço ouviam-se as risadas e os protestos de Chiquinha, arrebatada no calor do jogo, e a barulhada de todas as vozes, comentando a mão acabada.

- Penso mal, não é, Eulália?

- Não sei, filha; se não houver outro remédio!... Mas pense bem primeiro; talvez se faça por gosto dele: pense bem.

- Qual! - murmurou Irena, meneando a cabeça. - Meu pai não volta atrás o que diz.

- Você está resolvida então?

Irena afirmou com o gesto, mal contendo os soluços, e escondeu a cabeça nos punhos da rede, para ocultar da amiga o rosto envergonhado. Eulália calou-se amigavelmente e, inclinando-se sobre Irena, beijou-lhe a face escaldada pelo pudor.

- Eu também resolvi ainda agora uma coisa contra o vigário - disse Eulália. - Não o quero aturar mais.

- Continua com os seus modos? - perguntou Irena.

- Cada vez mais desabridos; eu sou o seu adufe.

- Mas de onde tirou o vigário estes modos com você, ele que a estimava ternamente?...

- Agora - disse Eulália, sorrindo tristemente -, eu calculo para ser estimada, como da outra vez eu faltava o respeito à religião junto do andor de Nossa Senhora.

- Você calcula? E que ele ainda está doente. Mas você por que não diz isto a seu pai?

- Eu?! - disse Eulália sobressaltada - Nem com você podia falar: foi um segredo do confessorário.

- Ah!

Quando reataram a conversação, Irena parecia alucinada; o seu coração impoluto, ferido pelo

golpe desfechado em sua amiga, atinou facilmente com a causa das descortesias insensatas do vigário. Foi com um abraço estreito, com um beijo, longo como o seu sofrimento, que ela começou a revelar à amiga a sua suspeita.

- Você vai ficar mal comigo, Eulália, vai abandonar-me.

- Está doida, menina! - respondeu Eulália, com uma erupção brusca de jovialidade. - Olhe, o melhor é abreviar antes de tresler.

- Antes estivesse doida; mas infelizmente sou eu quem está sendo motivo para seu sofrimento!

- Você?

- Sim; eu pelo Augusto.

- Ah! Que malvado é o tal sr. vigário!

- Você bem disse que nós somos bem infelizes! Eu sou a culpada do que você sofre.

- Você? Que culpa tem você de que eles julguem mal os outros? Deixa-os ! Eu serei sempre sua amiga.

- Mas é preciso desconvencer o vigário, dizer-lhe que se enganou.

- Se eu pronunciasse o nome de Augusto era pior ainda: aquele homem é um perverso.

A última frase foi acentuada com o amargor da convicção, e a fisionomia de Eulália testemunhava a sinceridade com que fora ela proferida. Dir-se-ia que a filha do professor estava pronta para abrir luta com o maior amigo de seu pai; que lhe pagaria ofensa por ofensa, descortesia por descortesia. Mas o eco da voz de Paula penetrou, como um espião, dentro do quarto, e trazia umas palavras cheias de doçuras para o coração de Eulália.

- Onde estão as meninas? - perguntara o vigário.

- Enterrando os vivos e desenterrando os mortos - respondeu Queiroz. - Estão fechadas no quarto a conversar... Aproveita a vaza, Ana, não há mais trunfo fora.

- Contou mal, contou mal! - gritou Chiquinha, rindo muito. - Cá está o valete.

- E aqui um reizinho, minha filha, e você bem sabe que o rei mata.

- Mas não faz a gagosa, não passou escoteira.

- Paciência, mas vocês tomaram capote.

- Boas! Conte.

A voz de Queiroz continuou a penetrar no quarto de Eulália, agora com ecos da contagem, e afinal exclamou o professor:

- E quatro, oitenta e nove, e dois, noventa e um! Passa o capote ali para o vigário.

- Que grande coisa! Quando se está infeliz, tudo acontece.

- Tem razão - interveio Paula -, eu ia ainda agora morrendo.

Eulália, contendo a tempo um grito, buscou esconder a Irena a sua comoção, e perguntou-lhe sorrindo, com a sensaboria da dissimulação:

- Ouve o que ele está dizendo? Que ia morrendo... Irena, que levantara os olhos para a amiga, ficou assombrada de ver como estava descomposta a sua fisionomia.

- O que tem você, Eulália?

- Nada!... não sinto nada.

- Mas está tão pálida!

- É que eu não posso ouvir mais a voz do vigário; mas isto passa. Vamos lavar o rosto, porque você também está com os olhos pisados.

- É como lhes digo - continuou Paula -, fui assaltado pelo Joaquim Maluco, que me obrigou a voltar acompanhado.

Eulália lavava-se sofregamente e apressava Irena, como se lhe quisesse comunicar a própria impaciência.

Quando acabaram:

- Vamos para a sala - disse ela -, antes que nos chamem. Evitamos alguma graça do sr. vigário; principalmente eu.

Entraram na sala e depuseram os seus beijos respeitosos na mão de Paula, que prosseguia em historiar a cena da tarde com o doido.

- Aquele é um perigo para você, vigário - ponderou Rogério.

- É pedreiro livre - riu Francisco de Queiroz -, inimigo do altar.

- Ora, o que se lhe há de fazer? Há maiores doidos que vivem e ninguém os incomoda. Não concorda, não pensa do mesmo modo, d. Eulália?

- Mas esses outros são mansos - respondeu a moça; não querem matar os outros de emboscada.

- É exato, há diversos modos de ser doido.

Quem olhasse atentamente para Eulália veria quanto fel semelhantes palavras lhe haviam coado no coração. Mas felizmente para o vigário só Irena compreendia o amargor que as repassava, e esta limitava-se a desesperar com a sua amiga.

Paula demorou-se pouco; viera só deixar a perplexidade no espírito de Eulália, de certo ainda impressionada pelo que se passara na horta. O efeito estava produzido com mais eficácia do que tinha calculado. Saiu, pois, satisfeito, com o seu passo firme e pausado.

Rogério Monte entendeu também que devia cessar o jogo, e tomou o chapéu.

- Perdoe-me o que eu lhe faço sofrer - disse Irena, mal contendo as lágrimas.

- Não me faça padecer mais, Irena; que tem você com isso ? Você faz-me detestar ainda mais aquele miserável.

## VIII

Maio entrou pela paróquia com a tristeza profunda de um féretro. Os dias ardentes, mas de uma claridade mesta como a chama dos brandões funerários, envileciam o seu brilho. esbatendo-se em quadros lutulentos.

Não havia pôr-de-sol em que o povoado não visse passar, sujos como as enxurradas do inverno, grupos de emigrantes misérrimos, em cujos semblantes transpareciam, com a mesma intensidade, as torturas da fome e da saudade do torrão natal abandonado.

O Engenho, com as suas lendas supersticiosas, com o seu aspecto sombrio de crasta alumiada por uma fraca lâmpada tornou-se ainda mais tristonho: parecia um corvo colossal cobrindo com a asa negra desmesurada a sua pútrida carniça. Os seus arredores exalavam o cheiro nauseabundo das sentinas não desinfetadas, o seu interior tresandava as exalações dos curtumes. Já não era a multidão despreocupada, sussurrante, feliz, ávida de contentamento, quem o enchia a transbordar, dando alma às ruínas, evocando-lhes o passado pletórico de vida dos tempos do poderio da família dos seus possuidores. Enchia-o agora a inundação da miséria, o vômito da esterilidade do sertão, gente seminua, cadavérica, faminta, que era atirada pelo cansaço por sobre os seus entulhos, como o náufrago moribundo cuspidado pelo mar no lodaçal de um mangue.

A vasta área, que serviu de cenário ao espetáculo do Feiticeiro, estava agora dividida em muitos cubículos, feitos pelo envaramento de ramagens, que recatavam-lhes o interior com a folhagem seca. Nos claros deixados, viam-se aqui e ali lareiras improvisadas por três pedras soltas, sobre as quais as panelas negras de fuligem ferviam para escaldar o tapichã, enquanto a lenha, apenas emurhecida, chiava, deitando novelos de fumaça, debaixo da qual a chama vacilava em crescer, como se o próprio fogo se houvera tornado preguiçoso. Em torno das lareiras ou dos borralhos extintos, as crianças quedando sentadas, com a resignação hereditária do cearense, lembravam grandes entranhas acoradas à beira do brejo.

O efeito moral da população adventícia no ânimo da paróquia prostrou-a num abatimento invencível, e, além disso, o tifo começou a tomar um desenvolvimento epidêmico. Pairou então sobre o povoado o ar consternado do penitente na noite do oratório. Via-se condenado a morrer por uma sentença irrevogável, porque a fatalidade pusera-lhe estreito cerco. De um lado, o sertão trasbordava, de outro lado, assustadoras notícias de Aracati diziam que, em quase todas as cidades e povoações, a morte engordava nas hecatombes da fome.

A intensidade do horror tinha sugerido uma crueldade atroz ao instinto de conservação da paróquia, tanto mais vivaz agora que a frialdade da cova já invadira, em parte, pelo terror.

O Feiticeiro e vários retirantes haviam abandonado o Engenho, deixando alguns deles a mísera família abandonada à desgraça, sem que ao menos lhe dessem, por despedida, uma palavra de conforto. Um pensamento ocorreu logo a todos e impôs-se como certeza. A fama dos Viriatos dos Cariris tomava grande vulto na voz pública; contavam-se já façanhas medonhas dessa quadrilha de ladrões, que se aliara com o flagelo da seca para levar a ruína e a miséria aos cearenses. Onde o sol abrasador, os ventos impetuosos e áridos não podiam chegar, penetravam as mãos dos bandidos; o que não conseguiam as moléstias reinantes, faziam os seus punhais cegos e desapiadados, que eram a guarda de honra que lhes garantiam as suas espoliações.

Falava-se muito também do desaparecimento de muitos homens de força provada, de agilidade aclamada. De um dia para outro ninguém mais os descobria: partiam sem deixar rasto, como se o chão os houvesse tragado. Começou-se, pois a suspeitar que esses homens eram voluntários que se iam alistar na temível quadrilha dos Cariris. A paróquia inteira, portanto, ao saber da fuga dos retirantes, volveu os olhos para as bandas de sudoeste, onde se levantavam com um azul de turquesa os picos da cordilheira infestada pelos Viriatos.

Alguns indícios apagados, mas ainda assim conducentes a justificar a suspeita, ficaram após os fugitivos. Durante muitos dias o Feiticeiro pareceu olvidar-se das suas cobras, que puderam dormir e enfurecer-se à vontade nas suas estreitas gaiolas. O homem misterioso tinha sido invadido por uma piedade estranha pelos miseráveis que co-habitavam o Engenho, e distribuía esmolas pelas crianças. A sua bolsa tornou-se o complemento da do velho Monte, a cujas expensas se mantinham os retirantes. Rompera-se carinhosamente o seu antipático silêncio; sorrisos paternais desbastavam-lhe a aspereza hostil do semblante: fizera-se conversador e tratável.

A seu convite, os homens mais valentes passavam as tardes a provar forças e travavam lutas corpo a corpo, porfiadas, e até algumas vezes ameaçadoras a ponto de ser necessária a intervenção do seu promotor.

- Eh! - resmungava o Feiticeiro. - Isto é só para desenferrujar para as viagens: não é de vida ou de morte.

Dois dias antes da fuga, o homem misterioso, conversando à tarde, tinha dito aos ouvintes:

- Homem! Vocês têm ouvido nomear uns tais Viriatos?... É gente para se ter respeito - continuou ele após a resposta afirmativa; - é gente de pegar: onde eles chegam, fecha-se o tempo.

- São ladrões desabusados - disseram entre os ouvintes -, má casta de gente.

- Vingam muitos pobres inocentes - replicou o Feiticeiro - chamados ladrões por tirar uma cana, e às vezes ratada.

- Lá isto é verdade - concordou o grupo.

- E aqui mesmo há exemplo - continuou o Feiticeiro -, há muita gente que passa por ladrão sem nunca ter furtado nem a porção de açúcar que uma formiga carrega.

- Muita verdade, muita verdade, tio Luís - responderam;

- lá em Inhamuns toda a gente fala no Virgulino; ele que o diga.

Os olhos voltaram-se todos para o homem que na sacristia entregara o cordão de ouro ao vigário Paula, em paga da sepultura do seu sogro.

- Ora o que lá vai, lá vai - ponderou Virgulino -, para que falar mais nisso?

A insistência do grupo obrigou-o, porém, a vir em auxílio das suas palavras

Tinha sido morador num sítio de criação, e ali nunca houve nenhum vaqueiro mais estimado. Era como um filho da casa, confiariam dele montes de ouro em pó. Todas as tardes o filho mais velho do situado vinha prosear no seu rancho e balançar-se na rede da sala, contando histórias

divertidas, muito de se ouvir, porque ele tinha ido a estudos na Fortaleza. Era, em suma, um *rapaz da praça*, bem falante e muito *floreador*. Virgulino recebia-o em casa sem diferença de irmão; ele e o Anacleto, que os ouvintes estavam vendo, eram uma e a mesma coisa. Mas, uma tarde, o moço adiantara-se com uma das irmãs de Virgulino, que, ao ver semelhante desacato ao seu pondonor de cearense, ainda teve prudência de lhe dizer acomodado:

- Mais devagar, amigo; guarde esses modos lá para a praça, quando for ao Ceará.

A resposta foi de ferver o sangue:

- Cala boca daí; tomara você que eu a queira.

Uma onda de indignação engoliu de um trago a prudência do vaqueiro, e, fora de si, rugindo injúrias pungentes, agrediu o rapaz temerário, espalmando-lhe uma tremenda bofetada.

O covarde vacilou, bamboleou e rodou por terra, onde o foi subjugar a cólera de Virgulino, que, por desprezo, cuspiu-lhe ainda na face. A vingança não demorou a se fazer sentir atroz, quanto fora brutal a afronta. O próprio pai do rapaz, o velho situado, abriu-lhe na frente a cruz infamatória, corrente fatal de galé que nada pode quebrar, porque os seus elos são fundidos com o próprio sangue do condenado.

- Eis ai por que eu sou apontado como ladrão - terminou Virgulino.

- Mirem-se agora neste espelho - exclamou o Feiticeiro - e tenham raiva aos Viriatos.

E, prosseguindo com a sua voz pausada, enrouquecida, o Feiticeiro comentou a cena da igreja e a pouca piedade da paróquia.

- O velho Monte não pode sozinho matar a fome a mais de cem pessoas; dá o que pode o bom do velho, mas os outros nem um real! O sr. vigário nem confessa a gente, e dá a comunhão; mas a hóstia santa e o gole de água não matam a fome ao cristão. Aqui é como se vê sempre: a presença do pobre não faz dó, mete medo; o rico pensa logo que o infeliz o vem roubar. Eu não vivo da esmola; vivo do veneno das cobras. O veneno é menos cruel do que a esmola. Não preciso de rogar o bocado para a boca. Por isso mesmo não me vexo com o desprezo de todos; não sinto que olhem para mim como para um pesteadado. Mas vocês...

A voz do Feiticeiro tomou então uma acentuação lúgubre. Enrugou-se-lhe a pele do rosto entre os supercílios, e os seus olhos vermelhos, meio ocultas as pupilas no sobreceño carregado, luziram como duas brasas.

- Não posso ver o que se está passando – continuou ele -, os homens são irmãos e um não deve morrer de fome à porta do outro. Nem ao menos dão o pano para mortalha; os mortos não merecem mais um bocadinho de respeito. Eis a razão por que eu não odeio os Viriatos; quem tem medo de dar uma cuia de farinha ao pobre, quem teme que esta obra de caridade lhe traga a fome em casa, é bem que perca tudo, e venha a sofrer o que os pobres sofrem. Os ouvintes ficaram profundamente impressionados; e alguns ponderaram, para significar a sua aprovação às palavras do Feiticeiro:

- E a verdade é que eles não fazem mal aos pobres.

- São o castigo de Deus - acrescentou o Feiticeiro.

Dois dias depois, dera-se a fuga, figurando no número dos fugitivos o Feiticeiro, Virgulino e seu irmão. O mistério do seu desaparecimento propagou o terror por todo o povoado, que não acreditava que fosse possível alguém abandonar a família moribunda, desamparada, a não ser pela alucinação de um crime.

O Feiticeiro passou, portanto, a ser considerado um ladrão, e o povoado ficou à espera para repelir o seu assalto.

Antão Ramos, que era o mais diretamente ameaçado, teve então uma idéia, que em outra qualquer ocasião ele mesmo só julgaria digna da fria perversidade de Marciano. O atemorizado inspetor passava os dias a olhar para as pilhas de carne e para os sacos de farinha, e estremezia, como se a sua imaginação lhe pintasse os ladrões sentados a rir, a mofar da sua consternação, enquanto os seus molares afiados mordiam os seus gêneros. Torturado por tão lutuoso temor, Antão Ramos foi ter com o vigário para merecer-lhe um conselho.

- Na minha qualidade de inspetor - perguntou ele -, não posso mandar retirar esta gente que está no Engenho?

- Homem, tudo se pode fazer; a questão é querer.

- Pois então eu vou fazê-lo; não é por desumanidade, sr. vigário, mas por cautela. Os outros fugiram, estes podem querer vir arranjar-se aqui mesmo no povoado. Não acha que previno um grande mal?

- E se os que fugiram estiverem aí por perto?

- Qual ! Nesta não caíam eles.

- Homem, lá diz o rifão: o melhor para o ladrão esconder-se é mesmo na casa em que roubou. Os homens viriam então saquear o povoado.

- Neste caso havemos de morrer aqui pesteados por esses diabos?!

- Há ainda um outro recurso.

- Qual é? Diga pelo amor de Deus, sr. vigário.

- Deitar fogo ao Engenho, deixá-los ao tempo - respondeu Paula serenamente.

O conselho de Paula avultou como um dom sobrenatural no espírito de Antão Ramos. Achou nobre, justa a monstruosidade sugerida e, num transporte de expansibilidade, atirou-se-lhe ao pescoço, a abraçá-lo calorosamente.

- Vossa Mercê é um homem de cabeça; está tudo feito exclamou o inspetor; - foi um excelente achado, uma riqueza.

- Não parece mau - ponderou Paula. - Eles cozinham debaixo do casarão; uma brasa esquecida, o Engenho muito velho, o vento da noite explicam tudo.

- E vão lá saber - sorriu o inspetor.

- A gente mostra-se triste, insiste com eles para que fiquem, eles relutam, partem e... acabou.

- Olhe que Vossa Mercê sempre é.... Melhor só Deus a engenhava. Muito boa!

E alegre, poçando o seu egoísmo em risadas e oferecimentos, Antão Ramos, com os braços cruzados sobre as costas, sacudindo-se morosamente, contemplava Paula. A fecunda espontaneidade dos seus alvites, que honrariam uma longa reflexão, espantava o inspetor, que não se fartava de olhá-lo muito e insistentemente.

- Olhe, sr. Antão, não vá pensar que lhe dei o conselho por ter mau coração!...

- Nem eu penso, nem ninguém. Vote! Pensar mal de quem nos livra dessas pestes? Nunca! Eu sei, eu conheço Vossa Mercê.

- Obrigado; mas saiba que eu não lhe aconselharia coisa alguma, se o Evangelho não dissesse: "A árvore, que não dá bom fruto, corta-se pela raiz".

- Sim, senhor; e ninguém pode negar que, se essa gente continuar aqui, o povoado está perdido. As febres já aí andam.

- Pois é ter coragem. Você é a única autoridade que ficou entre nós; proceda como deve.

Antão tomou o seu chapéu para sair, e estendeu ao vigário a sua mão de sertanejo robusto.

- Perdoe-me; são horas, e eu vim cá num pulo. Por entanto, sr. vigário, Deus lhe agradecerá.

- Amém - respondeu O vigário; faça-o, eu encarrego-me do mais.

- Por entanto...

- Adeus, Antão Ramos.

Depois da saída do inspetor, o vigário impressionou-se profundamente; mas não demorou a espairecer e a reintegrar-se na sua indiferença habitual. Recostou-se na rede a fumar e a cantarolar um salmo, e em pouco tempo adormeceu acalentando com os vaivens suaves a quebreira canicular.

Não o deixaram gozar por muito tempo o tranqüilo repouso. O velho Marciano veio procurá-lo, porque pediam o Sacramento para o Engenho, e o pequeno José, o timorato criado, entrou pé ante pé pelo quarto a fim de chamar Sua Mercê.

- Sr. vigário - murmurou o pequeno, vendo-o acordar meio estremunhado -, é o sr. Marciano quem está chamando para Vossa Mercê ir confessar no Engenho.

- Raios te partam, demônio. Não me acordes nunca para dizer tolices.

Marciano, que estava na sala, repetiu o chamado, e acrescentou:

- Tenha paciência, sr. vigário; quem se aluga a S. Miguel...

- Quer saber de uma coisa, Marciano? Nem sempre se está para brincar - respondeu Paula rudemente. - Diga lá a quem lhe trouxe o recado que eu não saio com esta soalheira; se quiser traga cá à igreja o doente.

- Foi isto o que eu disse ao portador. Não se zangue Vossa Mercê; eu vou já.

Marciano saiu cortejando o vigário com a inalterável boa vontade do seu aviltamento, e na porta de casa passou adiante as palavras desabridas do vigário.

- E se quiser - concluiu ele respondendo às objeções do portador do recado. O sr. vigário não há de ir por este sol fora dar tamanha caminhada.

- Mas a doente não pode também apanhar este sol: morrerá antes de chegar à igreja.

- Espere então para logo mais; com a fresca da tarde, talvez lhe faça bem. Até logo, ou até já, como quiser.

O portador voltou desconsoladamente ao Engenho, e, entrando em um dos cubículos, acercou-se de uma rede, onde uma pobre mulher arquejava sobre a umidade de dejeções disentéricas, e disse-lhe à meia voz:

- Não é melhor que você espere mais um pouco, até de tarde, para tomar o Nosso Pai?

A enferma sacudiu a cabeça, e a sua voz muito fraca murmurou tristemente:

- Já, já.

- Mas é preciso que a levemos lá; o sr. vigário não pode vir até cá: está muito quente o sol.

- Eu vou - disse a moribunda; - é melhor até ser na igreja, levem-me lá.

O homem, enxugando silenciosamente os olhos, saiu a pedir o auxílio de alguém, a procurar um companheiro. Os miseráveis habitantes do Engenho puseram-se todos à disposição do infeliz.

- Pronto - disse o primeiro a quem falou.

- Prontos - ofereceram-se os que o ouviram.

O nobre coração cearense revelava-se inteiro em tamanha espontaneidade. A desgraça encontrava ainda a fraternidade dos tempos prósperos, em que surpresas delicadas vinham honrar o trabalho e arraigar o sentimento de solidariedade entre os vizinhos. Corria a notícia de que um amigo andava a convidar gente para fazer uma derrubada. Calavam-se os vizinhos e, certos do dia em que devia começar o trabalho, lá iam de véspera invadir a mata com os golpes dos seus machados e foices, afiados pela amizade a mais sincera. Quando o proprietário levava a sua gente para o trabalho, mãos desconhecidas já o haviam feito.

Foi este sentimento o que ouviu o pedido do esposo da moribunda.

Os preparativos para a condução da mísera crente não demoraram. Dentro em meia hora dois homens colocavam sobre os ombros uma rede asseada, e, seguidos por quase todos os habitantes, subiam a colina, ao som do canto tristíssimo do *Bendito*.

A natureza em torno, silenciosa na sufocação da canícula, as carnaubeiras, perfiladas aqui e ali, pareciam grandes pontos de admiração, comentando a cena compungente. Os milhares de focozinhos radiantes, feitos pelo sol nos seixos do areal do Jaguaribe, pareciam miríades de olhos esgarados para verem o requinte da crueldade clerical. Mas os trapilhos, os exilados não participavam da indignação da natureza; absortos na assonância do cântico lúgubre e sentido, limitavam-se a invocar a piedade divina para a infeliz que se avizinhava do túmulo, e cantando,

pedindo e prometendo perdão, fizeram a sua entrada tristonha no povoado, que se consternava sem poder explicar o que via.

O vigário não se perturbou, apesar dos olhares interrogativos e dos cochichos que o hostilizavam na passagem pelo corpo da igreja. Relanceou o olhar indiferente sobre o grupo que cercava a rede, e disse:

- Tragam a doente para junto do confessionário.

O esposo infeliz ajoelhou-se para tomar nos braços a moribunda, e, como esta olhasse com uma fixidez assustadora, inclinou-se muito e perguntou-lhe quase ao ouvido:

- Não está melhor, não, minha velha?

E acrescentou em seguida:

- Vamos para junto do confessionário, sim?

A moribunda nada respondeu, e nem sequer pestanejou; os seus olhos, brilhantes como a malacacheta, conservaram-se imóveis, nessa estagnação contristadora que gera o pavor do túmulo e dá ao moribundo o ar de quem escuta atentamente um ruído longínquo.

- Eu creio que ela já não ouve - exclamou o marido; - não me responde. Chamem depressa o sr. vigário, depressa.

Um sussurro piedoso acolheu as palavras do infeliz, e diversas pessoas saíram apressadas para chamar o vigário.

Paula já havia saído da sacristia e, revestido com a sua sobrepeliz, atravessava o corredor que desembocava na capela-mor.

O sussurro promovido pelas palavras do retirante chegou-lhe aos ouvidos e fê-lo sorrir mofareiramente.

- O que vem a ser isto?

- Toleimas - respondeu o sacristão; - estavam a dizer que Vossa Mercê é que devia ir ao Engenho.

- Tanto melhor para eles - respondeu encolhendo os ombros; - não me faltava mais nada.

Paula caminhou até o confessionário e daí, com o seu tom rude, disse em voz alta:

- Então não trazem a doente?

Responderam-lhe que ela não podia mais ser ouvida de confissão; perdera a fala.

- Dá-se-lhe a extrema-unção - ponderou desdenhosamente.

E caminhou até junto da rede.

Comprimindo as narinas entre o polegar e o indicador, o vigário começou a administrar o sacramento, e, tendo de aplicar os santos óleos, disse dirigindo-se ao marido da infeliz:

- Veja se pode levantá-la.

- Hei de poder, sr. vigário, hei de poder; mas vou incomodar a coitada. Se Vossa Mercê pudesse agachar-se um nadinha?...

- Sim, sim, posso; incomodo-me eu.

Marciano sorriu quase imperceptivelmente, aprovando a ironia do protetor da sua filha mais velha e seu compadre. Os outros espectadores não tiveram tempo de perceber a finura da sátira característica do seu pastor espiritual.

Quando a cerimônia religiosa terminou, deixava um cadáver estendido sobre o pavimento do templo.

- Que fedentina - ponderou o vigário, desrevestindo-se na sacristia. - Vamos ficar com a igreja empestada. É preciso lavar aquele lugar e queimar incenso.

- Sim, sr. vigário - disse o sacristão -, mas se todos os dias vier algum doente confessar-se...

- Não, havemos de remediar isso; eu vou ver o que devemos fazer.

Neste momento o triste enviuvado parou à porta da sacristia, pedindo licença para entrar. Vinha pedir à Sua Mercê licença para que o corpo ficasse depositado na igreja. Era trabalho penoso reconduzi-lo para o Engenho. Não o dizia por si mas pelos seus companheiros que não tinham obrigação nenhuma. Já muito lhe haviam feito, subir de cabeça acima a colina, por este sol danado, carregando o peso de um corpo. O sr. vigário de certo lhe faria o grande favor de consentir que o corpo ficasse em depósito.

- Por mim, filho, pode ficar - retorquiu Paula -, mas não sou eu quem cuida de abrir e fechar as portas da igreja; é ali o Marciano; fale com ele.

O velho sacristão, que estava dobrando a sobrepeliz, voltou-se bruscamente, e, depois de olhar para o vigário que se fingia distraído, disse timidamente:

- Vossa Mercê bem sabe que eu não vivo só de ser sacristão; tenho outros ganchos, e não os posso perder para ficar vigiando a igreja. Mas Vossa Mercê manda...

- Eu nada tenho com isso; é lá entre vocês dois - respondeu o vigário.

E tomando o seu chapéu redondo, de grandes borlas pretas, afastou-se batendo cadenciadamente com os tacões um passo firme e regular.

No corpo da igreja, porém, Paula foi obrigado a parar para falar com Rogério Monte que, depois de cumprimentá-lo, pediu-lhe para consentir que o cadáver ficasse depositado na igreja, pelo menos até a tardinha.

- Pois não! - respondeu Paula prazentemente.

E voltando-se para um dos espectadores:

- Diga lá na sacristia ao Marciano para deixar ficar o corpo.

- Pobre gente, meu Paula! - ponderou Monte.

- É verdade - murmurou o vigário - Desgraçada gente!

O velho Marciano, com todo o império de um sacristão ínfimo do sr. vigário, já havia respondido com um não redondo às súplicas do viúvo, quando lhe chegou o recado de Paula.

- Graças, meu Deus! - exclamou o viúvo, ouvindo o portador - Graças!

- Agora, sim senhor - advertiu-lhe Marciano; - manda quem pode.

O ajuntamento foi rareando gradativamente, e dentro em uma hora apenas eram vistos no templo o cadáver, muito espichado no pano azulado da rede, com uma vela amarelada à cabeceira, e algumas pessoas que ficaram de quarto com o viúvo.

Os paroquianos, porém, continuavam a comentar o procedimento do sr. vigário. Era incompreensível. A seca ainda não tinha dado senão os primeiros passos, e já ele, agoureiro como as corujas, pregava apontando-a como um castigo sem esperança de perdão. O seu olhar surpreendeu no desconhecido os horrores do futuro e desdobrou-os na pungente nitidez dos seus contornos. Daí a ineficácia das preces, onde o arrependimento bracejava, naufrago no oceano tenebroso da indiferença divina. Mas ainda assim esse congoçamento de lágrimas e dúvidas, de dores e desesperanças, esse caos de agonias que se enovelavam e se distendiam, afundavam-se e sobrenadavam, enoiteciam e clareavam no seio insondável do desconforto, dava à paróquia a solidariedade da desgraça, estendia por toda ela a mesma sensibilidade, como na circunferência de uma água-viva. Paula, não obstante, suprimiu as preces, como se quisesse interpor-se à terra e ao céu, separando-os para sempre com o esplendor dos dias estivos, fatal como a claridade bíblica às portas do paraíso. Não satisfeito ainda, voltou as costas a todos aqueles que precisavam do seu olhar de sacerdote cristão, para minorar os padecimentos da sua desventura. Era inqualificável tanta crueldade, e o próprio Marciano já resmungava à porta do templo:

- Eu posso perder o meu dia de trabalho, mas os sete palmos de terra não se dão de graça.

- Vamos nós tirar uma porção? - ponderou um grupo estacionado a pouca distância da igreja.

- Só assim não veremos outra cena igual à de hoje: um moribundo não ter quem lhe vá levar Nosso Pai e vir morrer na igreja.

- E o melhor; falemos nisso ao velho Monte, e se ele quiser está tudo feito.

Na mesma tarde começou-se a tratar da porção, ou subscrição paroquial para aumentar a cônica do sr. vigário, caso ele quisesse encarregar-se de todo o trabalho, ou então para contratar um coadjutor.

Paula, informado da resolução dos seus paroquianos, que era uma tácita censura ao seu procedimento, não aprovou nem desaprovou, mas refletiu secamente:

- Eu não preciso que me ensinem o caminho a seguir; só eu posso regular o meu procedimento, enquanto for vigário.

O seu despeito mostrou-se mais acentuado ainda à tardinha. Foi à igreja e aí, em face do cadáver já amortalhado, subiu ao púlpito para encetar uma nova série de práticas. Pôs-se a discorrer; mas em meio da descrição do quadro contristador da paróquia, seviciada pelo sol, estrangulada pela canícula, empestada pela febre, vendo-se aqui o luto - hóspede forçado em quase todas as

moradas - acolá o terror - companheiro sombrio de todos os homens -, por toda parte o pensamento do exílio emboscado em todas as consciências, Paula suspendeu a sua torrente de horrores. Lembrou-se do conselho dado a Antão Ramos, e imóvel, com os braços levantados, os olhos fitos na telha-vã da nave, o semblante ensombrado por um recolhimento ascético, lembrava os antigos profetas invocando o Deus de Israel. Só depois de longos minutos de espanto e de contrição dos ouvintes continuou a falar, mas agora com a hesitação dolorosa que é às vezes a eloqüência da sinceridade, e outras a arma da perfídia.

Sonho ou realidade, disse, acabava de esmagá-lo uma visão tremenda. Era um lugar para o lado do Norte, triste, abandonado, pouso das aves da noite, cercado de uma paisagem lóbrega. A vegetação combalida lembrava a floresta dantesca em toda a sua tristeza. Neste lugar ouviam-se queixas e gemidos de velhos e de crianças, que morriam, pedindo em vão socorro aos seus semelhantes, tanto ou mais desgraçados do que os que pediam. De repente um clarão enorme abriu-se nesse lugar de tantas dores e de tanta desventura. Espirais longas de fumo rolando pelo espaço, turbilhonantes como os anjos rebeldes na sua queda, embaciaram a transparência do espaço. Um fragor, soturno como o rodar de um ventilador, mas permeado de ruídos estridentes, fez-se ouvir e logo depois as labaredas vermelhas, assanhadas como um bando de cobras enclausuradas numa gaiola negra, relampejaram, colearam e ergueram-se faiscando sobre o pedestal de fumo. A multidão, que aí habitava, acordando em sobressalto, sem tempo ao menos para salvar os filhos, queria arremessar-se às chamas temerosas, e contida, subjugada, debatia-se na profundidade da sua imensa dor. A noite aqueceu-se no brasido enorme daquela rápida fogueira, e, ao amanhecer, os olhos viam caídos pela estrada, como se ao peso da maldição de Deus, dezenas de pessoas mordendo a terra, desconsoladas como a própria morte.

- Ninguém pode penetrar nos arcanos divinos – exclamou o vigário terminando. - O homem não tem olhos para sondar o futuro; o olhar se enturva se quer lobrigrar alguma coisa nesses domínios da Providência.

A palavra restabeleceu-lhe a força moral em toda a sua integridade; fazia tremer como nas primeiras prédicas repassadas da poesia tenebrosa das superstições. O seu vulto excepcional cresceu até a sua altura de outrora, e foi triunfante que desceu do púlpito, que lhe dava maior majestade do que um trono.

A sua perspicácia percebeu logo a inteireza da reabilitação, e Paula, com uma solicitude e sofreguidão pouco habituais, procurou entre os fiéis o timorato Antão Ramos. Quando o encontrou fez-lhe sinal para segui-lo até a sacristia, e aí o conduziu para o recanto de uma janela.

- Está ainda disposto a fazer aquela obra de caridade?

- Não sei, sr. vigário - respondeu o inspetor -, falta-me a coragem. Pensei no caso; pareceu-me perversidade; não tenho coragem. Eu fugirei daqui.

- E a paróquia, e todos ficarão expostos ao roubo, ao assassinato, porque a autoridade não tem força para fazer o bem geral. É muita covardia.

- Seja, sr. vigário; mas eu tenho filhos e pensei que pode não haver tempo de salvar as crianças.

- Pense melhor, sr. Antão Ramos; eu sou um ministro de Deus e não lhe aconselharia um crime. Os seus filhos serão talvez as primeiras vítimas. Roubado você, eles terão a mesma sorte. Pense que a conservação própria é um dever.

- Eu sou fraco, sr. vigário, não tenho coragem.

- Não é necessária a mão do homem para fazer o que virá diretamente da mão de Deus. Pode ir.

Paula afastou-se e foi ajoelhar-se em frente ao Cristo que ornava a grande mesa da sacristia.

O seu rosto sereno, sem a mais leve comoção, o seu olhar claro, embebido nos do crucifixo, alucinaram o simplório inspetor. Não era possível que Paula o aconselhasse a uma perversidade, quando podia fitar desassombradamente a imagem de Deus.

Este pensamento conquistou-lhe o espírito e expeliu o receio piedoso que o enchia, dando corpo às ameaças tremendas do vigário. Frio invencível percorreu-lhe o organismo; as pernas fraquearam-lhe, e, azoinado, sentindo arrepiarem-se-lhe os cabelos, o supersticioso inspetor caminhou até junto do vigário, que, parecendo arrebatado num êxtase, continuava a orar ao Crucificado.

- Eu vou, sr. vigário, vou já - segredou-lhe Antão Ramos -, não peça a Deus que faça cair sobre mim o sangue do povoado; eu vou, tenha piedade de meus filhos.

- A misericórdia de Deus não precisa do braço do homem, sr. Antão Ramos. O povoado será salvo pela graça do Onipotente.

- Não importa - resmoneou o supersticioso -, eu farei a Deus este sacrifício.

Levantaram-se ambos, e Paula, abraçando ternamente o inspetor, disse-lhe a sorrir:

- Está bem, meu amigo, acalme-se, o sacrifício, para ser recebido, deve ser feito de ânimo calino.

- Obrigado, sr. vigário, muito obrigado.

Os olhos de Paula foram então encontrar-se com os de Marciano, que a um canto da sacristia acompanhava atentamente a cena, sem poder compreendê-la. Esse olhar aguçado pela curiosidade fez estremecer o vigário.

- Marciano, vá acender as velas nos altares, e diga ao povo que eu vou rezar um responso por alma daquela infeliz.

O velho retirou-se, depois de acender uma vela junto ao Cristo, e os dois interlocutores puderam ficar sós.

- Eu posso detê-los por aqui por mais de uma hora; depois ainda há o enterramento; ninguém o verá, vá.

Antão Ramos saiu com o ímpeto da alucinação, enquanto Paula, sorrindo, vestia a sobrepeliz para ir rezar o responso.

- Não de agora respeitar mais os meus atos, sandeus; não vão de resmungar mais.

Era já noite fechada quando o inspetor estava preparado para levar a efeito o seu sacrifício à guarda da paróquia. O céu, apenas estrelado, não tinha luz para alumiar o caminho, e Antão Ramos pôde tomar a direção do Engenho sem que ninguém o visse. Só a consciência ia-lhe ao encalço, pondo ruídos assustadores na folhagem das árvores, abrindo mil olhos nos troncos

ressequidos, articulando psius indiscretos no rumor trépido dos matagais.

A superstição não o tinha investido da coragem necessária para ficar indiferente à revolta silenciosa do seu espírito contra si mesmo, e o inspetor estremecia, hesitava, corria, estacava, sentindo latejarem-lhe as têmporas, encandear-se-lhe os olhos, tornarem-se-lhe trôpegas as pernas ágeis.

Uma segura de febre ressequia-lhe a boca e aportava-lhe a garganta com a constrição do terror.

De repente parou, como se o tivessem chumbado ao solo. Estava no começo do cemitério, e a massa negra do cruzeiro pareceu-lhe um embuçado caminhando ao seu encontro, com os braços abertos, como para estrangulá-lo. Perdeu de todo a coragem e encostou-se à cerca para não dar em terra, tonto pela aluvião de pensamentos monstruosos que o salteavam, como num pesadelo.

Um rugido de chocalhos fez-se então ouvir no profundo silêncio, e uma voz rouca, ecoando forte, gritou claramente:

- Arriba, arriba!

Longe de acalmar-se, a exaltação do inspetor deu a estes sons uma origem sobrenatural. Pareceu-lhe que todas as covas se abriam, e que um bando de esqueletos, levantando-se morosamente das suas tenebrosas moradas, caminhavam para ele, brandindo grandes archotes e oferecendo-lhos por escárnio: "Toma, toma; vai incendiar o abrigo dos desgraçados".

Quis gritar, mas o seu espanto não tinha voz; quis fugir, mas conservou-se imóvel, como se um laço inquebrantável o amarrasse ao pau-a-pique da cerca.

- Arriba, arriba! - ecoou novamente na treva, de par com o bater dos chocalhos.

Um estrépito soturno, demorado, de tropa morro acima, ressoou em frente ao cemitério, e na treva alvejaram os pelos brancos dos animais e as camisas dos freiteiros. Mas Antão Ramos, no seu delírio, via nos que passavam seres sobrenaturais, e, vencido pelo cansaço, deu em terra com um corpo inerte.

A tropa, ressoando os seus chocalhos num passo cadenciado, subiu a pequena ladeira e entrou pela praça da paróquia a alegrá-la e a confortá-la.

- Boa noite!

- De quem? - perguntaram os transeuntes ao freiteiro.

- Do imperador - respondeu o freiteiro, o Marcelino de Silva, com a sua voz muito cantada e melosa. - É a esmola do imperador.

- Bom, homem, chega mesmo ao montar! Como vai por lá o Ceará? Houve chuva?

- Que esperança! Está tudo torrado e o povaréu vai por aí de cabeça a baixo que é até um destempero.

- Virgem!

- As carnaubeiras por aí fora estão num destroço; a força do povo deu nelas com a fome, que é

uma calamidade... É como uma mata brocada.

- É de morte?

- Está no Aracati o andação da febre e do desandamento da barriga: cai gente como folha seca. Mas parece que não há nada, porque o povo é como a cabeça d'água de uma enchente, transborda pela cidade.

- Forte desgraça!

- E como vamos por cá?

- Na mesma toada, homem; está de amarrar a alpargata; num mês já lá vão para mais de 20 ao cemitério. A gente cai para aí com um febrão que é um Deus te livre, e já se sabe que é ir comprar a mortalha. Em menos de quatro dias está lapeado. Na igreja está se encomendendo uma cabra de Maria Pereira.

- Então acho lá o sr. vigário.

- Visto.

- Tenho uma carta para ele e outra para o Monte, com muita recomendação.

O comboio estacou à esquina da igreja para deixar passar o saimento do cadáver. Um facho junto da rede e outro no meio da multidão alumiam o caminho aos habitantes do Engenho, silenciosos pelo respeito inato aos mortos. O vigário, sobressaindo na mó, com a sua batina de lila muito preta, aumentava a solenidade da cena.

O freiteiro, que se havia apeado, caminhou para Paula, e, tirando o chapéu de couro e saudando-o, entregou-lhe a carta, em cujo sobrescrito lia-se o S. P. dos ofícios do governo.

- Serviço Público - exclamou Paula. - Vejamos o que diz; chegue-me cá este facho.

O vigário sorria à medida que ia correndo os olhos pelo bastardinho cuidado da carta, e, terminando a leitura, exclamou alegremente:

- Muito bem; saibam que não passarão mais fome. Está tudo remediado. Você, Marcelino, vá ter com o José em minha casa e deixe lá a carga.

O freiteiro, cavalgando de novo, tangeu a tropa na direção da casa de Paula, enquanto os que se tinham demorado apressavam o passo para ficar mais próximo do caixão mortuário.

Uma impaciência invencível começou então a torturar o vigário; com o olhar agudo, penetrante, investigava todas as moitas, e, de vez em quando, enganado por um ruído, dirigia-se à beira da estrada para espiolhar.

- Como que ouvi pisadas - dizia ele, ao ver-se enganado.

- Seria capaz de jurar que as ouvi.

- Pois é engano seu, sr. vigário - respondiam-lhe alguns curiosos da paróquia que o vinham acompanhando.

Paula, porém, não se distraía do seu cuidado, e, sem poder mais conter a causa de tanta solicitude, perguntou:

- Viram na igreja o Antão Ramos?

- É verdade - responderam-lhe -, não apareceu lá, apesar de gostar de espiar tudo.

- E não estava também na venda - acrescentaram.

- Oh! diabo - exclamou o vigário.

Mas contendo logo a sua exaltação, ajuntou:

- Eu que precisava tanto conversá-lo!

- Isto é algumas diligências que ele foi fazer - ponderou um do grupo, que sorriu maliciosamente.

À porta do cemitério, o vigário pôde resfolegar livre da impressão que, mau grado seu, o subjugava. Algumas pessoas correram até junto da cerca, e, com exclamações de dó, puseram-se a levantar um homem que estava caído.

- Tragam cá o facho - clamaram -, está aqui um homem expirando.

Paula foi o primeiro a correr para o grupo, mas, em vez de entristecer-se como os circunstantes, o seu semblante alegrou-se.

- Ah! - exclamou ele, aspirando uma onda de ar -Felizmente.

E, como reparasse que tinha chamado a atenção de todos, acrescentou:

- Tive um aviso mau a respeito deste infeliz.

- Está ardendo em febre!

- Foi um susto, isto há de passar; chamem aí quatro desses homens para conduzi-lo até o povoado. Um gole de água com aguardente é quanto basta.

E, entre dentes, resmungou:

- Pedaco de poltrão!

## IX

O freteiro, depois de deixar a carga em casa de Paula, foi bater à porta de Rogério Monte para entregar-lhe a carta que vinha do Aracati.

O velho, depois de reparar para o sobrescrito, agradeceu e despediu o freteiro, dizendo-lhe tranqüilamente:

- É do meu correspondente, muito obrigado!

Pôs-se a ler; mas em meio da carta a sua fisionomia perdeu repentinamente a serenidade, e foi com as mãos trêmulas, os olhos banhados em lágrimas a custo retidas, que Rogério concluiu a leitura.

- Cão! - exclamou ele - E eu que fiava-me tanto nas suas palavras!

- O que foi, meu pai? - perguntou de dentro a voz meiga de Irena.

- Nada, filha, negócios - respondeu Monte buscando modificar a entoação colérica da sua voz.

Irena, porém, amedrontada pelo tom rude de seu pai, tom de que ele se apenas servia quando falava dos Feitosas, correu para junto de Rogério. Ao vê-lo estremeceu pelo seu amor: o semblante demudado, as lágrimas, que marejavam-lhe e bailavam-lhe nas pálpebras inopidamente, eram o testemunho de uma dor profunda, e esta dor, pensava Irena, só lhe podia causar um Feitosa.

Saberia ele já da sua paixão condenada? Saberia que a vida de uma filha dos Montes dependia hoje do amor de Augusto Feitosa? Na véspera, seu pai tinha estado com o vigário, e bem podia ser que esse homem sem coração, cujos olhos seguiam os passos de Eulália, como a cascavel o rasto da vítima, tivesse surpreendido alguma coisa que deixasse perceber não ser Eulália, mas sua amiga, a amante de Feitosa.

A palidez dos cadáveres estampou-se no rosto de Irena, desde que lhe roçou a imaginação a ponta de semelhante pensamento. Paula não seria tão discreto que o ocultasse; gostava de ferir, e não se importava com a profundidade do golpe, senão para torná-lo maior. Seu pai já sabia do seu amor, pensou Irena; e foi com um tom suplicante, quase ajoelhando-se, que ela perguntou a Rogério:

- Está zangado comigo, meu pai?

- Não; não estou mal contigo, não, minha filha; mas deixa-me: quero ficar só. Deus te abençoe.

Irena saiu torturada pela suspeita desesperadora. Cada hipótese que figurava para explicar a repentina tristeza de Rogério ia enfiar-se com o seu amor. Estava, pois, perdida, presa de um dilema horroroso: ou morrer, ou desonrar seu pai, que não lhe perdoaria nunca a profanação das tradições da família. Uma aluvião de pensamentos contraditórios tripudiavam sobre a sua exaltação. Ora via-se feliz, recebendo as carícias de Augusto, arrebatado num êxtase, suspenso da meiguice dos seus olhos azuis muito úmidos; ora via Rogério, taciturno, inconsolável, satisfazendo-se em agravar em silêncio a dor que ela, sua filha, causara-lhe já no declínio da vida, quando tinha direito a receber-lhe carícias, em troca das que lhe prodigalizara durante a infância e ainda agora na puberdade. Ora via-se pálida, desganhada, emagrecendo silenciosamente, irritando-se com tudo, aborrecendo todos, censurando intimamente seu pai como causa do seu infortúnio; ora o velho Monte, na intimidade de Queiroz, queixando-se da ingratidão inesperada, que o tinha vindo tomar de assalto na hora em que ele, com o coração transbordando de ternura, chegava-se, como de costume, à porta do quarto, para deitar a bênção à filha idolatrada.

E o espírito timorato de Irena, lutando na onda de contradições, não sabia resolver! Queria ao mesmo tempo a bênção paterna e as carícias de Augusto, e, no entanto, era obrigada a escolher entre elas, porque a fatalidade as separara para sempre.

Pé ante pé, Irena veio coser-se com o umbral da entrada da sala e espiar seu pai, o que era o mesmo que aqular o seu padecimento.

Rogério continuava sentado, mas o peso do sofrimento fizera-lhe pender a cabeça, que conservava sobre os punhos cerrados. A vela, com a sua claridade frouxa, colocada a pouca distância dos cabelos brancos do criador, repassava a sala de uma tristeza indefinível.

As lágrimas rolaram em borbotões dos olhos de Irena, que se viu forçada a fugir, para não ser traída pelos soluços.

- E sou eu a causa! - murmurava ela, sentada na rede do seu quarto. - Como pude ficar tão ingrata!

Monte, por sua vez, pensava em Irena. De espaço a espaço levantava a cabeça e, olhando para a porta por onde Irena tinha saído, agitava as mãos com os movimentos do desespero. Afinal levantou-se e caminhou até a porta do quarto da filha.

- Até amanhã, Irena! - exclamou; e como sentisse que ela se levantava para vir ter consigo: - não te incomodes, até amanhã.

Mas a moça não se conteve, e, saindo, tomou-lhe da mão, e, beijando-a, molhou-a com as suas lágrimas. Rogério tornou-se ainda mais desfigurado: abraçou-se com a filha, e deixou transbordar a sua comoção em soluços que pareciam vir do fundo de 50 anos de honestidade. Mas a energia do seu caráter para logo reportou-o à compostura do infortúnio honrado, e o velho, desligando-se delicadamente de Irena e enxugando morosamente as lágrimas, que lhe rolavam das pálpebras sobre os louros cabelos da filha, disse com uma resignação simulada:

- Guardemos as lágrimas para mais tarde, para quando tivermos de separar-nos eternamente. Vá dormir - acrescentou com um sorriso triste -, não seja manhosa.

Uma vez separados, Rogério foi tomar o seu lugar junto a mesa, e Irena deitou-se de bruços na sua rede, debruçada em lágrimas.

As palavras de Rogério tinham-lhe agigantado a suspeita: sabia já, decerto, tanto que lhe falara em separação eterna, pensava ela; e, injuriando-se, maldizendo-se, lutava com o seu amor como que para esmagá-lo.

Era uma luta inglória: o sentimento que a absorvera tinha raízes profundas e força tamanha que rompera através dos preconceitos de dois séculos. Bradava-lhe com o egoísmo impassível do avaro, que não ouve lamentações as mais doridas, e inexorável, frio, desdenhoso, levantava-se-lhe diante, exigindo-lhe vida e expansão.

- Minha mãe, minha boa mãe - repetiu Irena -, salvai-me!

Os soluços e o pranto estancaram-se-lhe por momentos, e levantando-se, alisando precipitadamente as têmporas, murmurou resolutamente:

- Vou dizer-lhe tudo, ele há de perdoar-me: não quero, não devo casar-me com um Feitosa.

Não chegou porém a mover o terceiro passo. Estatelada, comprimindo o seio com a mão alva e pequena, afogando-se de novo em lágrimas e soluços, exclamou com entoação desesperada:

- Não posso; não quero morrer!

Tamanho sofrimento foi na manhã seguinte duplicado ainda por um novo golpe.

Muito cedo o mal-estar da insônia fê-la deixar o conchego morno da rede, e levantar-se cautelosamente, para ir colocar-se à janela do quarto que dava para a horta. A claridade esparsa no calor da lua cheia afluía para o oriente, congestionando-o de luz. Os cajueiros muito

esgalhados, diante das gravioleiras folhudas, muito copadas, pareciam entes aflitos suplicando piedade a poderosos indiferentes. A hortaliça meio amarelada, quase rente com o solo nos canteiros escuros de estrume, como que pediam lhe que fizesse apressar a rega.

Começavam a chocalhar à entrada da pequena feira os animais de carga, e muitos dos moradores da praça vinham espreguiçar-se à porta, esticando os braços até bater nos umbrais com os punhos cerrados. Grande número de pessoas encontrando-se, parando, desviando-se, voltando atrás, subiam e desciam as ribanceiras descobertas do Jaguaribe, e uma vez sobre o seu leito, acoravam-se em torno dos poços para tirar água com as vasilhas negras de barro, ou com as *borrachas*, espécie de albornozes fechados, com um estreito gargalo.

Mas no céu, como na terra, não havia esse regozijo deslumbrante do nascer do dia, senão uma tristeza que buscava disfarçar-se com a prodigalidade da luz, com as risadas dos carregadores de água, com o verdor das gravioleiras.

Irena, com os braços seminus cruzados sobre o peitoral, os cabelos louros arrufados pelas reviravoltas da insônia, os olhos amortecidos, as pálpebras manchadas pelo pranto, olhava sem fixidez para tudo isso, como se tudo fosse novo, desconhecido para si.

De súbito, estremecendo toda, tiritou com um calafrio, e encurvou a mão em roda da orelha avermelhada pela pressão noturna. Fraco, porém perceptível, espalhou-se no silêncio o ruído do abrir de uma fechadura enferrujada, e momentos depois passou pela frente da horta, cabisbaixo, com um passo tardo, o velho Rogério Monte.

- Vai lamentar com os nossos amigos a minha desobediência - pensou Irena.

Depois, sacudindo tristemente a cabeça, exclamou:

- Desgraçado pai!

E imóvel como se estivesse presa, conservou-se na janela apesar do sol nascente envolver-lhe já a cabeleira farta no calor dos seus raios. Foi aí que o velho Monte, de volta da sua excursão matutina, veio abraçá-la e deitar-lhe a bênção paterna, e emoldurá-la num olhar suplicante.

- Estás doente, minha filha? Estás tão pálida!

- Fiquei triste ontem - respondeu timidamente a moça -, vi-o tão abatido!

- Ah! É verdade, estive deveras acabrunhado, mas passou.

Uma palidez mortal traiu-lhe porém o desassombro que afetava com as palavras, e os seus lábios depuseram convulsamente um beijo na fronte de Irena.

- Ouve cá, minha filha: prometes não ficar triste com o que te vou contar?

O olhar da moça teve o movimento inexprimível da resignação, enquanto os lábios mentindo ao coração, como valido ao seu rei, murmuraram com uma inflexão tristíssima:

- Prometo.

- Tua mãe era corajosa; no princípio da nossa vida tudo parecia conspirado contra nós, e ela confortava-me sempre. Tu és boa como ela, sê forte também. Prometes?

Irena meneou a cabeça afirmativamente, e acompanhou seu pai até a sala. Sentaram-se ambos. Então Monte, tirando do bolso a carta que recebera na véspera, leu com voz trêmula:

"Dificuldades de nossa casa obrigaram-nos a dirigir-nos a todos os nossos honrados amigos do sertão, a fim de nos entendermos sobre a maneira de liquidar prontamente as nossas transações.

Assim, pois, ficamos à espera de ordens de V. Sa. para que possamos, amigavelmente como até hoje temos sempre resolvido os nossos negócios, desobrigar-mo-nos mutuamente dos nossos encargos.

Pela conta corrente junta, verá V. Sa. que das nossas transações resulta para V. Sa. um débito de 4:578\$000, a que temos direito".

Irena resfolegou no fim da leitura: não era ela a causa do sofrimento de seu velho pai, e esta certeza deu-lhe ao coração azo para desafogar num suspiro.

Monte, comovido e quase humilhado, dobrou a carta e, depois de metê-la cuidadosamente no bolso, principiou a desdobrar a sua vida à filha atenta e compungida:

Ficara muito moço com os encargos da casa paterna, havia cerca de 40 anos, e através das perseguições que sofrera dos seus rivais, que se aproveitaram das comoções revolucionárias da época para continuar a série das suas vinganças, conseguiu honrar a memória de seus pais. À força de trabalho conseguira, com o concurso de sua finada esposa, colocar-se em pé de resistir à seca de 45 e manter-se sempre em posição que, se não era a abundância, era pelo menos o necessário para a vida e socorrer aos desvalidos. Agora, porém, a fatalidade tomara-o de assalto, e tinha de voltar talvez à penúria dos primeiros tempos da vida. Por isso, ao receber a carta que o sentenciava à pobreza, o seu primeiro impulso foi responder enviando para o Aracati, a fim de reembolsar os seus credores, os únicos bens de valor que lhe restavam: as suas duas mucamas, os três escravos e a cria que era o encanto da filha.

- Não há de ser preciso, meu pai; Deus lhe dará outros meios... Olhe! Para que não vende o sítio que não dá agora lucro nenhum? - perguntou Irena sofregamente.

Um sorriso desconsolado de Rogério Monte acolheu o conselho da inexperiência da moça. As terras nada valiam agora; o sol sugara-lhes a seiva e reduzira-as à infecundidade; ninguém daria hoje por elas nem a décima parte do seu preço. Os únicos valores atualmente eram os escravos, e era deles que lançaria mão na hora extrema. Ia ao Aracati combinar com os seus credores, e de lá voltaria para seguir para o Ceará, onde tinha parentes. Estava tomada a sua resolução, porque, apesar de não ser soberbo, não teria forças para pedir no lugar em que sempre dera.

- Está, pois, assentado - concluiu Monte. Devo partir amanhã e tu irás ficar na casa de Queiroz.

- Mas não seria melhor que ficássemos aqui? Vive-se com pouco tão bem como com muito - ponderou Irena.

Não entendes felizmente disto, minha filha; dentro em pouco a fome há de vir bater a todas as portas.

- Com licença - exclamou da porta o vigário Paula... - Continuem, se não é segredo.

- Não, não é segredo, e demais eu não os teria consigo. Entre e sente-se.

Irena saiu ao encontro de Paula para beijar-lhe a mão, e aproveitou o ensejo para sair da sala, onde era obrigada a sufocar o tumulto do seu coração contra a resolução tomada por Monte: a mudança da paróquia de *B. V.*

- Traz-me aqui hoje um interesse da religião e do governo - disse Paula -, e venho pedir-lhe auxílio.

Desencapou demoradamente o ofício que recebera à noite, e entregou-o a Rogério Monte.

- Leia; é o primeiro a quem me dirijo.

Era uma circular do governo. O coração benfazejo do velho presidente da província alarmara-se desde o segundo dia de abril, com a chegada de grupos famintos e maltrapilhos na capital. Nesta mesma noite o honrado funcionário fora até a praça da Assembléia levar a consolação e o amparo aos retirantes que aí tinham estadiado, inundando de consternação a cidade estupefata.

Desde logo o governo provincial, apesar de seus escassos recursos, pôs-se em campo a fim de evitar que o sertão desabasse para sobre as cidades do litoral, e criou comissões por toda parte, autorizadas a socorrerem os miseráveis, e a detê-los nas suas circunscrições. Tais instruções continha o ofício, pelo qual Paula, Rogério Monte e Francisco de Queiroz eram solicitados pelo presidente a aceitar o cargo de comissários dos socorros públicos.

- Infelizmente não posso ter a honra de servir - respondeu Rogério, restituindo o ofício ao vigário.

- Por quê?! Não era isto o que eu esperava de seus sentimentos caridosos...

- Vou liquidar os meus negócios aqui, meu amigo, e retirar-me da paróquia.

- Está zombando de mim, seu velho? Vá com Deus, porque eu também não me demorarei muito; mas enquanto está, aceite.

- Não posso. As minhas dívidas reduzem-me atualmente a precisar ser socorrido, e eu não quero ser acusado de tirar do governo às ocultas o que ele manda ser dado às claras.

- Ora, que escrúpulos tão fora de propósito!

- São modos de pensar.

Houve um silêncio embaraçoso, que foi finalmente quebrado pelo vigário.

- Quase que não tenho coragem de fazer-lhe um outro pedido.

- Paciência.

- Eu vinha pedir-lhe também consentimento para que a nossa meiga Irena fizesse parte de um grupo de virgens destinado a cuidar das crianças e dos enfermos. Mas a sua frieza...

- A minha tristeza antes. Irena não se negará decerto; eu não posso servir, leia esta carta e dê-me razão.

- Mas, que diabo! Por quatro contos e quinhentos você quer enforcar-se? - exclamou o vigário após a leitura.

- É tudo quanto possuo hoje!

- E as terras, e o gado, e tudo isso que o fazia tão estimado como esmoler?

- Ouça, Paula, você tem o mau sestro de rir sempre que os outros sofrem, e isto é mau.

- Não estou galhofando - respondeu sentenciosamente o vigário -, sinto até bastante o que lhe acontece, mas não hei de morrer por isto. Mande no que eu possa.

- Obrigado, meu... amigo; muito obrigado - respondeu Monte. E alteando a voz: - Quer você alguma coisa para o Aracati? Sigo breve.

- Boa viagem e pouca demora.

Paula saiu sem mostrar a mínima comoção. O seu coração frio, cheio de desprezo por tudo e por todos, bem que compreendesse quanto sofria o honrado criador, não teve para dar-lhe uma consolação sequer. A sociedade esmagara-lhe toda a aspiração lícita ao amor, e ele retribuía a opressora com a mais imperturbável perversidade. Por isso já uma vez havia dito:

- Não tenho parentes na terra; nada prende-me aos seus destinos: lavo portanto as mãos.

Para o velho Monte, pois, começara a via dolorosa da humilhação. Fora ele quem mais diretamente concorrera para que o padre Paula fosse colado vigário da paróquia. Dera-lhe a mais íntima familiaridade, estimava o mesmo, apesar de notar-lhe grandes erros e defeitos. Doeu-lhe por isso mesmo a inexplicável frieza que mereceu-lhe a história do seu infortúnio, e chamando por Irena, o velho disse com uma entoação sentida:

- Ouviste, filha? Olha como é o mundo: a adversidade tem o cheiro da lepra, que só pode ser tolerado pelos amigos sinceros.

- Se estes que nos conhecem tratam-nos assim, o que não farão os outros, meu pai?

Era uma reflexão dolorosa, mas verdadeira. Paula, com os seus oferecimentos e protestos de ponta de lábios, com a sua condolência banal, era apenas o primeiro termo da progressão de desgraças que lhes cumpria percorrer. O mundo da miséria, com as suas estradas tortuosas, lamacentas e fétidas, os seus dias de mendicidade suplicante e abatida em face dos insensíveis, dos maus e dos cruéis, rasgou-se-lhes diante com avareza cruciante de terra e de céu, de risos e lágrimas, de estimas e maldições, monótono, sombrio, esmagador. É verdade que o velho Monte não havia pensado em estender a mão aos transeuntes, em viver da comiseração passageira, da esmola sem carícia às vezes até desdenhosa dos agradecimentos que recebe. Mas o seu futuro era contudo um problema assustador, cuja solução limitava-se à piedade. Ou os seus credores recebiam-lhe a honra em caução das dívidas, ou teria de recorrer aos seus parentes e aos amigos velhos. Em todo o caso a sua vida ficava dependente da piedade alheia, e esta é sempre inconsistente e variável.

- A frieza dos desconhecidos doerá menos, minha Irena - concluiu Monte -, custará menor tristeza e humilhação.

- Mas não era hoje, meu pai, que vosmecê devia resolver; está ainda muito vivo o golpe.

- Amanhã estará ainda mais profundo e incurável: as feridas da infelicidade são mais fáceis de gangrenar que de cicatrizar. É preciso que partamos, que saíamos daqui, e prouvera a Deus que

pudesse ser já!

A comoção violenta, produzida por estas palavras no ânimo de Irena, bebeu-lhe de um sorvo todo o sangue. Pálida, entontecida, avassalada pela angústia, pediu ao velho Monte que a levasse para junto de Eulália, ou trouxesse esta para junto de si.

- Pobre filha - suspirou Rogério saindo para levar o chamado -, como sofre, e como é pobre de forças para o martírio que a espera!

## X

O vigário, retirando-se da casa de Rogério Monte, fora dar os bons dias e levar a honrosa nova ao professor. Francisco de Queiroz, porém, respondeu-lhe com os mesmos escrúpulos de Monte, e recusou formalmente a distinção que lhe era dada pelo governo.

Paula, que não achava decentes num professor público semelhantes razões, ponderou-lhe que era uma desculpa sem valor e concluiu por disfarçar uma ameaça:

- Se o governo souber que você negou-se à comissão sem um motivo justo, pode tirar-lhe a cadeira.

- Paciência - respondeu o professor -, serei castigado por ter brio.

Paula não perturbou-se com esta outra negativa, e calmo, escarninho:

- Fazem bem - disse a franzir os lábios; - já vejo que era até impossível servir com vocês: os escrúpulos deitaram longe.

- Já vê que procedemos bem; confesse-os você ao seu gosto e proceda como entender.

- E o procedimento há de ser aplaudido por todos. Ouça: um grupo de virgens se incumbirá de tratar das crianças e dos enfermos. Que lhe parece?

- Bom - respondeu sinceramente o professor -, muito bom.

- Então espero que a sua falta de religião não impedirá que suas filhas façam parte do grupo.

- Certamente.

- Eu contava com esta resposta; vamos a ver o que dizem as meninas.

Eulália e Chiquinha mostraram-se entusiasticamente dispostas a aceitar a tarefa, e a primeira acrescentou:

- É uma obra de caridade; assim é que devem ser tratados os infelizes, e não como naquela noite da expulsão da família chegada de Inhamuns.

Desde a vez em que Paula insinuara a Eulália que ela era uma doida, nunca mais tinham trocado palavras, exceto as de cumprimento à entrada e saída do vigário que, ao sentir o hálito morno do beijo habitual da moça, maldizia-se de haver-lhe provocado a frieza hostil. Eulália por sua vez pensava em Paula, mas com o desejo de vingar-se, de humilhá-lo, ferindo-o no seu crédito, desprezando-lhe a amizade. Olhou, pois, em face o vigário, para ver o efeito produzido pelas suas palavras.

- A caridade não deve exagerar-se ao ponto de proteger ladrões - respondeu Paula com máxima serenidade. - É verdade que os apóstolos de hoje pregam o contrário, mas em compensação fogem ao menor sacrifício.

- Não é por ser apóstolo que eu estranhei; é que sou sincera - replicou Eulália meio embaraçada.

- Deus a conserve sempre assim. Bem! Vou ao Antão Ramos.

A conversa passou de chofre para os comentários acerca do encontro do inspetor diante do cemitério.

- Ele vai melhor? - perguntou o professor.

- Deve estar bom já. Dormiu sempre ontem.

- Parecia estar doido; falava em incêndio, em serviço a Deus, nos retirantes...

- Era um delírio - interrompeu Paula, um pouco perturbado -, mas passou.

- Esteve mal o pobre homem; dizia que você o tinha mandado incendiar o Engenho. Que trapalhada! Que febre!

- É - ponderou o vigário -, talvez já estivesse doente quando lhe contei o sonho que repeti ontem na prédica; impressionou-se demais. Até logo, vou justamente à sua casa convidá-lo para fazer parte da comissão.

- Até logo.

Eulália e Chiquinha beijaram a mão do pároco, que batendo-lhes carinhosamente na face, agradeceu em nome do céu o favor que lhe iam fazer.

Em meio da sala das aulas, porém, o vigário foi obrigado a retroceder. Monte, que entrava na ocasião, pediu-lhe para servir de companheiro a Eulália até que entrasse em sua casa.

- Irena está tristíssima com a partida, e pediu-me para lhe levar a amiga. Faz-me este favor? - perguntou Rogério.

- Com todo o gosto.

- Ó Queiroz, deixa a tua filha ir ficar alguns minutos com a minha! - exclamou Rogério entrando na sala de jantar.

- Eu preciso de conversar, e Irena está inconsolável. O vigário ficou à espera para acompanhar Eulália.

O sobressalto da moça não deu lugar a que se acentuasse a contrariedade que lhe causava a companhia de Paula. Não hesitou; apenas demorou-se a consertar as tranças, e saiu muda e apressada.

O vigário, apertando um pouco o passo cadenciado, envolvia-a com a lubricidade do seu olhar. O seu vestido e cassa, muito justo no tronco e escorrido sobre as saias sem goma, iludia o recato virginal e deixava completamente desenhados os contornos luxuriantes, a altivez feérica dos seios impolutos, e a tumescência escultural dos quadris das Pomonas de mármore.

O sussurro do roçar das saias no chão arenoso da praça chegava-lhe ao ouvido com a sonoridade dos coros das lendas orientais: música suave, que era a surdina das frases quentes e das exuberâncias de gozos de paixões estimuladas por encantamentos de fadas. Paula, sentindo-se só na vida, como que queria dissolver-se nesse mágico som, como os palácios solitários, que eram o abrigo daqueles amores, dissolviam-se com as névoas nos primeiros rumores do dia, prestes, como se fossem eles os materiais com que a aurora construísse o vestíbulo cambiante que dá entrada ao sol no domínio absoluto do firmamento. Trêmulo, ofegante, delirando, o vigário seguia a jovem arrebatado pela paixão, a querer pedir-lhe um gesto, uma palavra, e no entanto mudo e automático. Os lábios secos pelo acesso violento de fascinação embebiavam-lhe a voz como a esponja seca embebe a gota de água, e ao passo que o seu andar rítmico devorava a distância, a celeridade desse turbilhão de formosura e pudor punha-lhe no crebro a vertigem da perdição.

Eulália percebia o esforço de Paula para colocar-se ao seu lado, e por isso mesmo esmerava-se em malográ-lo acelerando cada vez mais os seus passos. Maltratara-a muito, sem que lhe desse causa; era mister castigá-lo com a mesma crueza, deixando aos olhares da perspicácia maligna verem uma posição equivocada para o vigário, que não gozava de bom nome. Isto bastaria para sua vingança.

Mas entre a casa de Queiroz e a de Rogério Monte ficava a do velho sacristão, ao fundo de um pequeno terreno ensombrado por grandes cajueiros. Ao passar em frente, Eulália encarou com a Mundica, a rainha da formosura aclamada pelo povoado inteiro.

- Entre um instantinho, Eulália; há que tempos não a vejo - gritou Raimunda correndo para a cancelinha da cerca. E dirigindo-se a Paula: - Bom dia, sr. vigário; está também se tornando fruta.

- Não posso; vou com muita pressa - respondeu Eulália, que se limitou a acenar-lhe com a ponta dos dedos.

Mundica encostara-se à cancelinha e estendeu a mão ao vigário, detendo-o.

- Por que não veio ontem? - perguntou meigamente, repreensiva.

- Pelas ocupações, filha; até logo.

- Sim? - murmurou a voz suave de Mundica - Olhe que eu tenho ciúmes.

- De quem? - perguntou Paula afastando-se.

- De todas...

- E as outras todas nem se lhe aproximam..

Raimunda, que havia intrometido no engradado da cancelinha a cabeça sedutora, como um ideal de deusa pagã, contraiu os finos lábios num muxoxa; depois levando à mão a boca:

- Vá depressa; creio que o vento já está soprando para aquele lado - disse.

E assinalou Eulália.

A beleza oriental de Mundica fez espiarescer um pouco o vigário, que, reportando-se à frieza habitual, seguiu no seu passo ordinário. Eulália diminuiu também a celeridade do andar; por duas vezes voltou-se disfarçadamente para trás, e, mordendo os lábios, seguiu ainda mais devagar

como para se deixar apanhar. Mas o adiantamento que levava tornava impossível o vigário aproximar-se, sem que ela parasse, antes da casa de Monte, que estava à distância de uns vinte e tantos passos. Cada vez mais percebia-se no andar da moça a dissimulação da vontade de ver-se alcançar, descrita pelo poeta nas ninfas da ilha dos Amores. No entanto prosseguiu até que chegou à porta da casa, de onde via ainda a cabeça encantadora de Mundica.

- Anda muito - disse Paula reunindo-se-lhe a sorrir; - é em tudo a Diana caçadora.

- Muito obrigada pelo favor de trazer-me - respondeu Eulália.

E tomando-lhe a mão, inclinou-se para beijá-la.

Paula reteve na sua a mão de Eulália, e fixou nos dela os seus olhos, que fitavam-na com a magia de 15 anos de domínio. Amável, abandonada a uma força que era superior ao seu desejo de vingança, Eulália deixou-se ficar com os olhos baixos sob o magnetismo desse olhar invencível.

- Temos estado com os papéis invertidos - murmurou o vigário; - quem deve beijar-lhe a mão sou eu.

E fez menção de beijá-la; mas o pudor da mulher reagiu contra a fraqueza da menina de outrora, e Eulália, arquejante de vergonha e de energia, repeliu-o bruscamente, e entrando:

- Eu não sou a Mundica, ela ficou mais para trás - resmungou quase a chorar.

- Já tem ciúmes? - perguntou Paula baixinho.

E alteando a sua voz autoritária, acrescentou:

- Lembranças à Irena, ouviu?

Eulália em bicos de pés e despercebida, entrou até a sala de jantar.

O sol, debruçado por sobre a janela que dava para a horta, parecia um ladrão escarranchado no peitoril, com o pulo já firmado no pé fincado no solo. Um grande quadrilátero de luz punha um tom alegre no fulvo sombrio do enxadrezado do ladrilho. As cadeiras desarrumadas lembravam pessoas tresnoitadas, adormecidas aqui e ali, no desleixo do torpor.

Sobre uma corda, amarrada por uma das extremidades à parede da casa, um terno de roupa cheia de dobras e muito preta, aquecia-se, para ser desempoeirado. O abandono e a tristeza, congaçados no silêncio apenas quebrado pelo ferver pouco ruidoso das panelas, na cozinha próxima, davam a tudo um aspecto desolado.

A porta do quarto de Irena, apenas encostada, cedeu ao delicado impulso da mão de Eulália, e a claridade da sala rompeu o crepúsculo em que a janela cerrada mantinha o aposento.

Irena, toda vestida, estava atirada sobre a rede, a cujos pés uma cabocla velha, com o braço apoiado sobre um joelho, sentada no chão, cochilava e cabeceava. Eulália parou e inclinou-se diante da rede, e depois de contemplar o rosto pálido, as pálpebras roxas, as veias azuladas muito visíveis nos punhos e no colo de Irena, sentou-se em frente à cabocla, e encostou a cabeça à fronte lívida da amiga, que resfolegava demoradamente o seu pesado sono de prostração e de angústia.

Esteve muito tempo assim, até que em uma das contrações que de quando em quando obrigavam-na a exalar um longo suspiro, Irena abriu os olhos muito azuis, e conchegando a sua face à de Eulália, prorrrompeu num choro histérico, arquejantemente soluçado.

- Vá Matilde, vá cuidar das coisas - disse Irena à cabocla; - eu não tardo também.

- O que é isso, minha filha? - perguntou Eulália pela terceira vez. - Que desespero! Não sabe ter um pouco de paciência?

- Ah! Você não pode calcular o que nos aconteceu! Seu pai não lhe contou nada?

- Disse-nos que você ia amanhã lá para casa, porque seu pai vai ao Aracati a negócios.

- Não, não é só isto.

E interrompendo-se a cada instante, para dar curso ao crebro soluçar, Irena desfiou a história do repentino descalabro da casa paterna.

- Mas não vale a pena você afligir-se tanto - disse-lhe Eulália. - Moraremos todos juntos; meu pai há de gostar de poder retribuir ao seu as muitas finezas que lhe deve.

- Não é possível, minha filha, e esta é a causa da minha aflição; meu pai quer mudar-se da paróquia e ir para o Ceará, para não viver humilhado aqui. Já vê que eu tenho de partir também.

- Partir ... - repetiu Eulália.

E confundiu as suas com as lágrimas da amiga.

Conchegadas as faces, e misturando o pranto e os hálitos, jazeram por largo tempo. Cada olhar que trocavam era um fermento ao padecimento e fazia recrudescerem os soluços, e redobrar-se o amargor do choro.

- Mas, não; eu não parto!

- E seu velho pai, Irena?! Há de você desobedecê-lo, quando ele sofre tanto?

- Nunca pensei em proceder assim, mas é o meu destino.

- O desespero é quem está falando por você: pense melhor.

- Parece que você deixou de ser minha amiga, Eulália - disse a filha do criador, sentando-se de improviso no bojo da rede.

- Eu?!

- Sim, não era de admirar; o vigário, que se mostrava tão amigo de meu pai, soube indiferente da sua desgraça.

- Está bem - balbuciou Eulália sentidamente -, eu já dei motivos para ser igualada àquele ser abjeto!

As palavras da amiga, pronunciadas com o amargor do ressentimento, como que acabaram de alucinar a desditosa Irena. Descendo precipitadamente da rede, foi sentar-se junto de Eulália, e

abraçando-a, pousando a cabeça sobre o seu ombro, suplicou-lhe a arquejar:

- Não me queira mal, minha amiga; eu nem sei o que digo!

Estava como doida; o coração tornara-se insensível para tudo que não fosse Augusto, que não viesse dele, que não tendesse para ele. Olhando para o fundo da consciência, via todos os seus sentimentos estrebuchando aos pés do seu amor triunfante e bárbaro na vitória. A amizade por seu pai e Eulália ia a pouco e pouco afastando-se-lhe do coração, triste como ao pôr do sol retiram-se das bordas do açude as garças assustadiças. Tinha tido um sonho medonho, que era a tradução fiel de sua alma: Feitosa tinha saltado a janela do seu quarto, e, trêmulo, carinhoso, tinha-a tomado nos braços. Ela madornava, e só acordou traspassada pela frialdade da noite e pela claridade indiscreta do luar, mas nem sequer teve o menor estremecimento. O brilho sereno dos seus olhos pediam-lhe perdão e prometiam-lhe um mundo infinito de alegrias imaculadas, feito de constelações de beijos e das irradiações ardentes do seu amor. Passaram as horas a conversar venturas, a fazer castelos. Tomavam a vida entre os dedos, como a criveira a sua agulha, e com ela bordavam os relevos de um paraíso de amor no tecido de lágrimas do passado. Ao nascer do dia, ela tinha-se vestido de branco, cercado a cabeça por uma coroa de flores de laranjeira e ensombrado o rosto com um véu de escumilha; Augusto, vestido de preto, dera-lhe o braço, e sozinhos, absortos no seu íntimo contentamento, foram ajoelhar-se aos pés do vigário Paula e juraram amar-se até além da morte. A igreja estava solitária, e o Cristo, emoldurado pela claridade da lanterna acesa, tinha a quietação de quem duvida e espera. Ela e seu noivo subiram ao altar, e, depois de ajoelharem-se e rezar, levantaram-se para casar para sempre as suas almas num beijo deitado aos pés do Homem-Deus. Feitosa tomou o crucifixo, e, conchegando o rosto muito descorado ao seu, que escaldava de rubor, aproximou o corpo do Cristo aos lábios de ambos. Porém, como neste momento levantassem os olhos, não viram na cruz o Deus que perdoa, mas Rogério Monte, de uma lividez transparente, deixando ver o coração a sangrar pela fenda de uma punhalada.

- Uma gota de sangue - concluiu Irena - caiu entre nós, e então uma força que eu não via começou a separar-nos sempre, sempre, até a morte!

- Minha pobre amiga.. ai! Nós somos bem infelizes.

- Eu; você não, porque não ama.

- É verdade - exclamou Eulália, dominando um tremor convulsivo -, não amo!

- Não sabe que dor profunda é amar - continuou Irena exaltando-se - sem poder dizer a ninguém que este amor vive, cresce, escraviza, e matará!

- Ai! Desgraçadas de nós! - soluçou Eulália com uma entoação desesperada.

Calaram-se, e cruzando as cabeças uma sobre o ombro da outra, quedaram abraçadas estreitamente, como se quisessem consorciar as suas dores gêmeas.

O isolamento dava-lhes uma investidura sobrenatural. Pensar-se-ia, ao vê-las, ter diante dos olhos uma dessas páginas rendilhadas dos bons tempos da cavalaria, em que os donzéis galhardos justavam lanças pela posse de nobres damas. Elas eram as castelãs requestadas, lacrimosas, inconsoláveis, no desvão desornado do castelo feudal, sem outra coragem do que enviar na virgindade e esperar resignadamente que a morte viesse entressachar de goivos as suas grinaldas

puras.

De fora vinha a toada triste de uma canção sertaneja, muito prolongada em assonâncias contraltinas, e de quando em quando um arrulho de rolas, escoado dentre as copas das árvores. De mistura com eles ouviu-se dentro em pouco uma voz gutural, áspera, roufenha, arremedando a toada tristonha que os escravos do criador cantavam revolvendo nos canteiros a terra ressequida.

- Que voz tão feia - ponderou Eulália, desligando-se dos braços de Irena -; causa-me calafrios.

- Há de ser o Joaquim Maluco, que vem almoçar - disse Irena. - Ele também há de sentir muito, quando eu me for embora.

A toada e o arremedo continuaram, até que o doido, sacudindo-se na cerca, bradou num assomo de cólera:

- Calem-se, não cantem que podem acordar minha filha. Eu não quero que ela vá hoje confessar-se com o vigário; calem-se!

Uma gargalhada respondeu ao grito adoidado daquele coração de pai, sublime ainda na loucura.

- Cabocla, vai dizer lá fora que não zanguem o doido! - gritou Irena.

E pálida, desfigurada, voltando-se para Eulália, acrescentou:

- Eu morreria de dor, se meu pai enlouquecesse.

- Não fale, não fale assim... Esse homem é uma perseguição; antes morresse.

- Padece muito; ainda há pouco, desapareceu de casa, e só dois dias depois foi encontrado, porque souberam pelo vigário que ele estava no cemitério.

A toada sertaneja cessou, e o doido, deixando a cerca, acrescentou:

- Vamos, vamos ao outro anjo, ao anjo do velho daqui, meu amigo; quando a minha filha acordar há de vir também.

- Coitado! - murmurou Irena.

E levantando a voz, chamou pela cabocla.

- O que é que você vai fazer? - perguntou Eulália.

- Mandá-lo entrar para comer.

- Não, não o faça entrar; eu tenho medo, tenho vergonha dele.

- Você?

Eulália escondeu o rosto nas mãos, como que para ocultá-lo de si mesma, e murmurou:

- Sempre que o vejo, lembro-me do sr. vigário, e tenho medo.

- O sr. vigário é um perverso, frio como as cobras -acentuou Irena.

Eulália confirmou e continuou a maldizer do vigário. Parecia deleitar-se em torturá-la sempre. Desde a procissão de prece, nunca entrou em conversação consigo sem acerar no fim uma grosseria que a ficava pungindo cruelmente. Mas o pior, o que a assustava, era que as suas insinuações já como que lhe compraziam; eram como um remédio sobre uma chaga prestes a cicatrizar. E certo que lhe doíam muito, mas era uma dor que passava rápido, uma nuvem negra que se desfazia logo, para deixá-la mais claramente ver o passado que era todo de Paula. Lembrava-se das suas afabilidades de então, e via-o muito carinhoso, chamando-a para junto de si inclinando-se cheio de ternura e beijando-a nas faces. Nesse tempo, o vigário não a maltratava. Tinha, ao contrário, por si desvelos de pai. Queria saber se tinha estudado, como ia cosendo, como já crivava e, sempre que havia portador para o Aracati, mandava-lhe vir bonecas bonitas, com os cabelos louros como os de Irena. Agora que, sem razão, não tinha a dizer-lhe senão palavras desabridas, ela voltava-se para o passado, onde ouvia aquela mesma voz repassada de ternura. Ah! Se pudesse esquecê-lo, se houvesse o que lhe suprimisse da memória os 15 anos de bondade e de carinhos, como seria feliz!

Irena, que se ia impacientando à medida que Eulália confiava-lhe o segredo do seu pensamento para com Paula, teve um movimento brusco ao ouvir estas últimas palavras.

- Mas então esse vigário continua a fazê-la sofrer?

- Muito, muito!

- Oh! Meu Deus! - ponderou Irena receosamente. - Quer ver que você o ama!

- Eu?! - interveio Eulália, profundamente enleada. - Amo-o sim... como sua filha.

À esta mesma hora o vigário conversava com Antão Ramos.

Paula sentia-se bem, tinha tomado uma sangria para se desencalmar, pois viera soalheira em fora, para não dar ao inspetor o azo de pensar que ele se esquecia dos amigos. O quarto, ainda que estivesse com as janelas fechadas, era fresco, atraía pelo asseio e além disso pela presença da mulher de Antão. Era uma trintona de carnes luxuriantes, muito afável, rindo a mostrar toda a dentadura sã, e deixando cair a cabeça para trás, movimento que lhe mostrava o pescoço roliço como um estipe, braços fortes e principalmente olhos prometedores. Estava aleitando uma criança robusta, que, já meio saciada, brincava, ora abandonando, ora pegando de novo no seio nu, moreno, que ele sustinha entre as mãos pequeninas. Paula para a enquijilar, ia de espaço a espaço meter-lhe os dedos entre os lábios e afastar o bico do seio, que depunha na face próspera da criança a gota de leite pendente, essa pérola sacrossanta do eterno diadema da mulher. A criança, revirando-se no colo, voltava-se para o vigário, mas em vez de enfadar-se sorria, e Paula então, cravando com um delambimento hipócrita os seus olhos negros nos da senhora, gabava tamanha mansidão.

- Não foi coisa de cuidado, e ainda bem, porque faria agora grande falta - ponderava o vigário, de quando em quando.

- Hoje, sr. vigário; mas ontem quando este homem entrou em braços, pensei que os meus filhos iam ficar sem pai.

E a sra. d. Teresa passava a mão pela testa do marido, como se temesse ainda perdê-lo e não quisesse regatear-lhe carícias.

Alguns minutos depois da chegada, Paula tinha ferido o ponto principal da sua visita, e recebera de Antão Ramos a resposta que esperava.

- Muito agradecido pela honra, a Vossa Mercê; conte comigo.

- As pequenas compras de gênero não de ser feitas na sua casa... Felizardo ! - acrescentou o vigário - Vai ser milionário...

- Qual, sr. vigário! A farinha e a carne não dão para isso.

A conversa estancou de pronto, porque o sr. vigário tinha ainda de ir arranjar um terceiro comissário. Queria que ele fosse o Augusto Feitosa; era um rapaz que tinha algo de seu e pelos modos parecia bom procedido. Retirou-se, portanto, o presidente da comissão de socorros em direção à casa do indigitado.

Contava com o efeito das suas visitas àquela hora, porque importava um sacrifício. O sol no meridiano lançava sobre a terra os raios potentes, como o tigre as suas unhas tremendas nas carnes da presa. O solo irradiava o calor de um ferro em brasa, e nem um sopro de vento refrescava a atmosfera. Os grandes como os pequenos dormiam nas suas redes, sem ousar pôr pé fora de casa: seria apanhar febre maligna, que era andaço e que não tinha cura. Só o vigário ousava afrontar a canícula, por amor da caridade, e isto impunha a aceitação do que pedia.

Foi, portanto, sem nenhum transporte que recebeu do moço a resposta de que aceitava a comissão.

Amanhã, pois, o senhor estará em nossa casa para fazer comigo a distribuição de víveres.

- Sem dúvida, sr. vigário; hei de fazer por cumprir o que me for ordenado.

Paula começou a discorrer longamente sobre o que tinham a fazer, as medidas para manter o moral entre os desgraçados, os cuidados com que teriam de lutar para bem distribuir os socorros. Concluiu pelo grande concurso que viria à comissão do auxílio de um grupo de moças que se incumbissem das crianças e dos enfermos.

Teriam neste número as filhas das maiores pessoas do lugar, o que era um exemplo às outras, e ao mesmo tempo a segurança com que trabalhariam. Entre essas graciosas belezas da paróquia estava Eulália, a filha do professor, uma flor de carne que exala perfumes do céu.

- O senhor conhece Eulália, não é verdade, sr. Augusto Feitosa?

- Conheço - respondeu Feitosa ingenuamente. - É para o meu modo de entender uma das boas almas daqui, um coração leal e dedicado, fidalga nas afeições.

- Então conhece-a bastante?

- Muito, muitíssimo. Porém, permita-me uma indiscrição: a Irena Monte faz parte do grupo?

- Não podia deixar de convidá-la: dou-me, há muitos anos, com Rogério, e hoje, que ele está próximo da miséria, devo ao menos salvar as aparências.

- Longe de mim a menor censura contra o seu procedimento, sr. vigário. De coração lhe confesso, estimo até que assim entendesse.

- É um nobre procedimento - disse Paula meneando a cabeça como quem está admirado.

Os olhos do vigário desmentiam-lhe, não obstante a aparente cordialidade. Revestia-os já o brilho felino habitual, e foi saturando de escárnio as suas palavras que reatou a conversação.

- Está definitivamente assentado; espero-o amanhã pelas dez horas.

E tomou o seu chapéu redondo para sair.

- Eu não me furtarei a nenhum trabalho; mande, sr. vigário.

- Para o inferno - resmoneou este -, raça de cães e assassinos

Depois acrescentou alto:

- Hei de aconselhá-lo.

O ódio recalcado de Paula, insurreccionado pela espontaneidade de Feitosa, pintou-lhe o movimento de caridade como indecente manobra para obter mais tranqüilas, mais fáceis, mais longas entrevistas. Cabisbaixo, vacilando como se estivesse tonto pelo ardor da soalheira, caminhava para casa com a celeridade dos seus pensamentos apaixonados. Não via, não atendia, não cumprimentava, e à porta de venda do inspetor não se demorou senão para certificá-lo da aceitação de Feitosa.

Mundica, que viera assentar-se a coser sob o arborizado da frente de sua casa, convidou-o em vão para descansar, mas ele respondeu friamente:

- Estou a arder com dores de cabeça.

- Há de ser cansaço; venha deitar-se na rede e verá como fica bom.

- É o que vou fazer.

- Mas por que não me faz a vontade, vindo descansar aqui?

- Prefiro o silêncio; adeus

Passou adiante e, vendo na sala da escola Queiroz e o velho Monte, limitou-se apenas a dizer que voltaria depois; agora precisava de repouso.

Mas em casa o primeiro cuidado de Paula não foi fechar-se no seu quarto para deitar-se. Sentou-se diante da mesa da sala de visitas e tirou de sob os papéis um canivete-punhal, cuja lâmina pôs a nu. Limpou-a cuidadosamente na manga da batina, provou-lhe o fio na palma da mão e, fitando-o com uma atenção de joalheiro, murmurou sombriamente:

- Ê preciso que estejas ao meu lado; quem sabe o que teremos de fazer!

## XI

A tristeza entrara na casa de Queiroz, e muito principalmente na de Monte, para não mais deixá-las.

Algumas horas tinham bastado para ruir até os fundamentos do edifício construído, havia dois

séculos, e cimentado com tremendas mortualhas. Rogério Monte, o último dos representantes que podia bruxulear o brilho dos seus maiores, via diante de si a miséria, e, ameaçado por este inimigo tremendo, não tinha outra saída além da humilhação da esmola ou a prisão perpétua do favor.

O velho Queiroz, apalpando com o tato finíssimo todo o horror da situação do seu velho amigo, sofria com a mesma intensidade o desgosto profundo que lhe havia sido reservado para os últimos dias da existência.

- Parto, pois, amanhã - disse-lhe Monte no silêncio da sala das aulas; - se eu morrer no Aracati, espero que minha filha não ficará sem pai.

- Basta o que já sofres, homem - respondeu-lhe Queiroz; - não me fales em morte.

Os dois honrados amigos não tinham, entretanto, medido a extensão da mútua desgraça, apesar da larga e tristíssima face que lhes era dado ver. Para que os seus corações fossem precisamente cruciados pela realidade, era mister que penetrassem no quarto de Irena.

Aí as duas amigas continuavam a agravar pela imaginação os seus sofrimentos.

O amor violento e intratável de Irena sobreexcitava-se quase até a loucura, e como que despertava no espírito da amiga o desejo de ser também infeliz pela mesma causa e com o mesmo arrebatamento.

- Sabe o que hei de fazer, Eulália, sabe o que eu hei de fazer ... Não, não posso dizer.

E alucinada, escondendo o rosto nas mãos brancas de jaspe, contava à amiga que tinha medo. Parecia-lhe que a alma de sua mãe, condenava-lhe o amor: ela não tinha conhecido as veemências da paixão; levava uma vida serena do berço até a cova, cercada pelos afagos de seus pais, pela afeição calma do esposo, pelas bênçãos sinceras da pobreza, de que fora mãe desvelada. Sua alma tinha-se desprendido do corpo sem uma contração dolorosa; saíra como o ar respirado pelas plantas; imperceptivelmente. O seu viver foi calmo e bonançoso; nos dias de penúria ela banqueteara-se com o farto quinhão de afetos que lhe talhava o esposo na própria vida. Não podia, pois, compreender por que um outro coração se exaltasse até o delírio e principalmente sendo esse coração de sua filha. A alma de sua mãe devia por força amaldiçoá-la à esta hora.

A tristeza de semelhante pensamento fazia com que Irena não exprimisse a sua resolução; julgava que, fechando-a na consciência, escondia-a do olhar do duende que a sua imaginação mesma criou para torturá-la. À semelhança do Caim do poeta, que sobrepunha muros a outros muros e mandava construir moradas subterrâneas para furtar-se a um olho medonho, que o espiava desde o dia do fratricídio, Irena procurava esconder no seio da ternura filial, da saudade, das lágrimas, da amizade sincera, do silêncio, do desespero enfim, a triste resolução que lhe foi aconselhada pelo amor infeliz. Mas, como a sentinela de Caim não se rendia ao cansaço, a consciência de Irena não se deixava vencer e, de quando em quando, a moça, enxugando as lágrimas, repetia:

- Sabe o que hei de fazer, Eulália?

- Ser um pouco mais resignada, e esperar - respondeu-lhe a amiga.

- Não - replicou por fim a mísera Irena: - fugir!

- Nunca, minha amiga, nunca! Seria a morte de seu pai.

- É a esperança do meu amor.

- Doida! soluçou Eulália.

- Desgraçada é que eu sou.

A compleição fraca e doentia não lhe dava forças para comportar a violência da paixão e arcar com o horror do seu fadário.

À noite, um relaxamento muscular invencível invadiu-a, e, depois de escandescê-la na intensidade de uma febre delirada, prostrou-a na atonia semelhante à da inalação prolongada do clorofórmio.

Durante a febre falava em pujança de cavalos, gabava-lhes o esgalgado dos canelos, a compostura nobre com que enfreavam, resfolegando alto e batendo vigorosamente o chão com a presteza da andadura. Faziam-lhe entretanto medo, porque eram russos, e na claridade do luar podiam servir de alvo à perseguição; demais disso, relinchavam freqüentemente, como se quisessem denunciá-los. Se eles fossem murzelos, se tivessem no pêlo o colorido negro do destino dos cavaleiros, seria muito melhor; mas até a cor dos animais rebelava-se contra o seu afeto.

Monte, lendo nos olhos de Eulália a impaciência e o temor que lhe causavam as palavras de Irena, perguntou-lhe de que falava a filha, se lhe conhecia algum segredo que justificasse o delírio: ela repetia freqüentemente que a odiavam, que era impossível obedecer, e que preferiria morrer!

- É uma história que lemos de dois noivos, que fogem, porque os pais se negam a consentir no casamento - respondeu Eulália.

- E que motivos tinha o pai? - sorriu bondosamente Rogério Monte, desafogado da impressão que lhe causara o delírio de Irena.

- Odiavam a família do noivo!

- Não era motivo bastante; se ele fosse digno...

- Ouvindo essa história, Irena observou-me que seria muito desgraçada se amasse um Feitosa.

- As mulheres pensam sempre em impossíveis! - acudiu Rogério com exaltação. - Uma filha dos Montes não pode dedicar o coração a um filho daquela raça amaldiçoada!

- Felizmente ele não ama - disse Eulália corando muito.

- Felizmente; porque eu preferira não vê-la mais levantar-se daí!

- Augusto! Augusto! - bradou a doente. - Não insultes meu pai!

- É muito singular este delírio! - ponderou o velho Monte.

- É o nome do noivo - explicou Eulália. - Ela impressionou-se muito; o senhor sabe quanto Irena sente as dores alheias.

O velho Monte, porém, não despreocupou-se de todo com as explicações de Eulália, e um receio assustador lhe sobreveio.

A semelhança da história com a situação das duas famílias rivais, o nome do protagonista, podiam ter inclinado o espírito de Irena para o representante dos Feitosas, que era galhardo e sedutor.

De madrugada, ao despedir-se para partir, parou junto da rede em que Irena ressonava a sua profunda prostração. Olhou por largo tempo para aquele rosto pálido, para as olheiras roxas e os cabelos desfeitos pelo desalinho, e disse ao velho Queiroz:

- Estou com vontade de ficar; não sei o que me diz que faço mal em deixá-la.

- É o mesmo que a faz sofrer: a tristeza da separação, a saudade antecipada.

- Deve ser isto só!... Não é possível que Irena ame Augusto.

- E se fosse?...

- Matava-o! - interrompeu Rogério Monte. – Mas... é impossível.

Pousou na testa de Irena um beijo, longo como as noites de insônia, e saiu a enxugar as lágrimas que lhe choviam nas barbas brancas.

- Adeus; eu estarei de volta em oito dias, em princípios de junho - disse abraçando Queiroz. - Vele pela minha filha; Deus sabe se não será você em breve o seu pai, ou se eu não a chorarei.

- Coragem! Isto é desanimar antes de tentar os meios de remediar. Vá tranqüilo por este lado, meu velho; eu a confundi sempre com Eulália. O pior é criar fantasmas.

- Não seria o primeiro caso, e a fatalidade não mede os golpes. Mas eu devo obedecer à minha palavra de honra: adeus.

- Até breve; que volte mais animado.

Quando Monte se afastou e sumiu-se no declive da ladeira, Francisco de Queiroz voltou-se para Eulália que os ouvia:

- Tu deves saber se Irena ama o Feitosa; não mintas a teu pai.

- Eu não sei - respondeu Eulália -, mas, se soubesse, meu pai mesmo me ensinou que não revelasse nunca o segredo das minhas amigas.

Queiroz abaixou a cabeça, humilhado pela indiscrição, sem ter forças para encarar com Eulália. Toda nobreza da sua alma ergueu-se desde então para resgatar a falta momentânea, e a revelação de Irena ficou sendo aparentemente uma inconseqüência de delírio.

## XII

O serviço dos socorros tornou-se a preocupação de Paula. Passava os dias assistindo ao corte das rações, distribuindo-as, e visitando as casas das pessoas mais abastadas para pedir-lhes consentissem que as filhas se ocupassem do socorro aos enfermos e às crianças. Tinha perdido em parte os modos rudes para com os retirantes, que já subiam a mais de quinhentos, e era com

afabilidade que tratava os desvalidos do povoado.

Somente alguns malévolos resmungavam de uma providência que foi tomada por Sua Reverendíssima, e era que os socorros distribuídos às mulheres deviam ser recebidos em sua casa.

Mas essa murmuração dissolveu-se no seu próprio eco; a pureza das intenções do vigário ressaltava para o juízo geral do povoado, da corporação de virgens que ele havia formado.

- Que tal está o serviço? - perguntava Paula, anho e satisfeito. - Pode haver tão bom, hein? Porém melhor há de ser difícil.

- Nem tão bom - respondiam-lhe sinceramente os paroquianos.

Era merecido o elogio: todas as semanas um dos comissários estava à porta da despensa, para ouvir as queixas das socorridas e assistir à distribuição das rações, proporcionais ao número das pessoas de família. À tarde o comissário corria o interior do Engenho. Então já os habitantes tinham transbordado pelos arredores. Uma porção de palhoças alinhadas junto às suas faces, constituíam o centro de um núcleo de povoação a que o vigário chamou cidade da miséria. O comissário visitava também as ruas, no seu trabalho vespertino, e parava de porta em porta para atender os queixosos.

A corporação das virgens encarregava-se de ir à casa do vigário receber os socorros para as crianças e os enfermos, as roupas para as mulheres, e à tarde, ia também à “cidade” examinar se tinham cumprido as suas prescrições.

Paula não se furtava aos mais árduos trabalhos do seu ministério; dizia missa todas as manhãs e à tarde levava o Sacramento aos moribundos. Todos os dias dobrava de dedicação e com este exemplo mantinha o pessoal no entusiasmo dos primeiros dias. Logo a excelência do serviço fez o povoado inteiro julgar que tinha sido injusto com o seu pároco, e dar razão ao professor Queiroz, que o apregoava como homem superior. Toda a severidade dos bons tempos mudou-a ele em cordura para os desgraçados, em dedicação temerária mesmo, porque passava horas nos cubículos fétidos dos disentéricos e à cabeceira dos doentes de febre, enfim, nos próprios focos da epidemia, que prosseguia, grassando com intensidade.

A satisfação era, pois, geral, a excetuar-se o velho Marciano, que entendia não estar pago do acréscimo do serviço com os gêneros que recebia da comissão, para alimentar a família. Passou dias azedando silenciosamente, até que estourou em queixas ao próprio sr. vigário.

O vigário desrevestia-se depois da missa e, ao desapertar a alva, notou que estava ficando magro.

- E isto é Vossa Mercê, que pode passar bem - resmungou a sacristão; - imagine os pobres cristãos que nada tem...

- E quais são eles?

- Eu há muitos dias que ando para dizer ao sr. vigário: a minha vida não pode continuar assim.

- Você fala de barriga cheia, meu caro - disse Paula, batendo-lhe no ombro.

Estava já em batina e recostou-se pachorrentamente na alta cadeira de espaldar, com um joelho apoiado na beirada da mesa. Mandou fechar a porta da sacristia e pôs-se a enrolar um cigarro.

O Cristo parecia ter voltada a cabeça para não vê-los.

- Então o que é que lhe falta? Peça por boca e não se zangue.

Ó velho sacristão desenrolou a meada das suas queixas. Faltava-lhe principalmente o sossego. A Mundica passava os dias a maldizer-se e a arrepiar a irmã, a Amelinha, porque, dizia ela, falava agora muito no sr. vigário: era um inferno. Mundica estava sempre a queixar-se, e ultimamente agravara-se o seu mau humor, porque o sr. vigário havia já seis dias não se tinha dignado ir àquela choupana. O sr. vigário bem devia saber o que são raparigas quando estimam deveras. Levava a falar em desprezo, em ingratidão, em mil coisas, e nem a própria autoridade paterna era por ela respeitada.

- Ora, já Vossa Mercê avalia - concluiu ele -, que não é possível continuar a viver assim; não tenho sossego, e nem ao menos tiro algum interesse.

- Mas você tem gênero para a sua gente, homem, e pode guardar o que ganha.

- Vossa Mercê diz bem; mas não é uma cuia de farinha um taquinho de carne o que dá para o futuro dos filhos.

- Ah! você quer então contos de réis? Não os tenho infelizmente.

- Mas Vossa Mercê podia ao menos aumentar-me o ordenado.

- Não se adiante tanto, Marciano - respondeu o vigário.

E levantando-se acrescentou:

- Quando for tempo terá, mas por agora diga a sua filha que não estou para a aturar.

Bateram neste momento à porta, e o vigário, que se ia retirar, abriu-a com precipitação..

- Sou eu que vim saber a causa da demora de meu pai; nós tínhamos ficado no corpo da igreja, à espera - murmurou Mundica enleada.

A humildade daquela voz, comparada com os arreatamentos descritos pelo sacristão, dava a medida da afeição que a rapariga votava a Paula; a utilidade do pretexto realçava-lhe a veemência da paixão que a fazia imponente de dedicação, a melancolia que lhe envernizava de tons de santidade a figura escultural, duplicava-lhe a grandeza do sacrifício.

Paula estremeceu, como se tivesse diante de si um juiz inexorável; mas tomando-lhe a mão carinhosamente, aproximou-a de si, e fitou-a compassivo.

- Vá, pode ir - disse Marciano sorrindo maliciosamente; - diga às outras que lá vou ter em casa.

Mundica tentou retirar-se, porém, o vigário deteve-a com uma branda pressão, e dirigindo-se a Marciano:

- Vá você apagar as velas do altar - disse -, enquanto eu ouço Mundica repetir as queixas de que você me falou.

O velho saiu com a impassibilidade da desfaçatez, e o vigário, fechando de novo a porta, perguntou a Mundica:

- Tem tido muita raiva de mim?

A moça não respondeu; limitou-se a olhá-lo com os seus negros olhos úmidos e a sorrir; mas como Paula tentasse colhê-la nos braços:

- Olhe - murmurou.

E estendeu o indicador apontando.

O Cristo, muito lívido, parecia, de envergonhado, ter pendido mais a cabeça sobre o peito ensangüentado. Paula recuou, como que impelido por uma força invisível, e Mundica, correndo à porta e destrancando-a murmurou, acenando-lhe com os dedos:

- Até logo, sim? Eu espero!

Mas o vigário parecia não ver a onda lúbrica emprocelada nos olhos negros de Mundica. Continuou a fitar atentamente o Cristo, com a prevenção de quem espera ser agredido. Dir-se-ia que ele o via descer da cruz e, ameaçador como as visões dos pesadelos, caminhar direito a si para fazê-lo estalar entre os braços, à semelhança dos demônios exorcismados.

Mundica por sua vez embevecia-se na contemplação do seu ídolo. Paula não foi o seu primeiro amor, nem foi ele quem, pela primeira vez, fê-la curtir longas ansiedades suspiradas ao pôr-do-sol, ou ao luar sob as árvores da entrada de casa. Mas com certeza couberam-lhe todas as veemências daquele temperamento selvagem, toda a pletora daquela voluptuosidade silena, e era com elas que Mundica o encarava.

- Vamos, menina, são horas, - resmungou no corredor o velho Marciano, fazendo retinir a cambada de chaves; - as outras lá estão à espera.

Mundica afastou-se com os olhos baixos; o sacristão entrou arrastando os chinelos e, olhando de soslaio para o pároco, foi colocar a um canto o caniço de que se servia para apagar as velas. Voltou para junto do vigário, colocou as mãos nas ilhargas, e sorrindo tranqüilamente:

- Há muito tempo - disse - ando com vontade de falar com Vossa Mercê, para mandar fazer um nicho com uma cortina para aquela imagem. O que acha?

- Não vale a pena - respondeu Paula distraidamente.

- Sempre era mais bonito e fazia melhor vista; eu mesmo o faria.

- É uma imagem velha e sem valor. Temos outras necessidades.

- Pois eu, no caso do sr. vigário, já havia tomado esta providência; podia ficar mais à vontade, sem temor do olhar de Deus.

- Aquele - exclamou Paula escarninho - não faz medo; é um olhar de verniz. Vou almoçar.

E saiu deixando após si, embasbacado e imóvel, o velho Marciano.

Mundica retirava-se já com as irmãs e a mãe decrépita, que tossia muito a sua asma, quando Paula assomou na capela-mor. A família, ao vê-lo, parou e foi em companhia dele que deixou a igreja.

Iam já em meio da praça, quando à janela da casa de Queiroz apareceu o busto sedutor de Eulália, vestida de branco, toucada a cabeleira negra em uma chuva de tranças, que lembravam uma *pieuvre* enorme agarrada no alto da cabeça a apertar-lhe o colo e as espáduas com os seus poderosos tentáculos.

- Lá está a Eulália - disse Mundica.

E pôs-se a acenar com o lenço.

Acompanharam-na todos, mas nem por isso Eulália correspondeu ao cumprimento.

- Está distraída - observou Paula.

- Ou arreliada - objetou Mundica; o sr. vigário vem nos acompanhando...

- Qual arreliada! Está olhando para outro lado.

- Quando não se quer ver alguém, há sempre desculpa.

E foram conversando até a porta de casa, Paula defendendo e Mundica acerando insinuações contra Eulália.

- Então até logo, sr. vigário.

- Não sei ao certo, filha, tenho tanto que fazer!

- É - respondeu Mundica a morder os lábios -, os pobres retirantes... O melhor é não vir mais ver-nos, para não desgostar...

- Seja feita a sua vontade; eu danço conforme tocam.

E afastou-se em face da perplexidade de Mundica.

- Tu hás de pagar-me, sirigaita - resmungou ela; - andas a passar por santa? Eu te mostro.

### XIII

A suspeita de Mundica foi para o vigário um motivo de contentamento. Parou à janela do professor e desfez-se em afabilidades com Eulália: Era ela de todas as moças da paróquia a mais pressurosa em socorrer os desgraçados; viam-na todos como a um anjo: com fé, com resignação, com amor. Falava-lhe assim em nome dos desgraçados, que não queriam senão a si; pedia-lhe, pois, que não faltasse à tarde no Engenho, porque, nos dias em que não ia, azoïnavam-no com perguntas e queixas.

- É bem provável que hoje não vá; meu pai tem estado a queixar-se de dormências nas pernas.

- Ah! é o reumatismo: não vale nada.

- Não, está se sentindo esquisito, com a voz rouca. Desde o dia da partida do sr. Monte, não se tem sentido bem; fez-lhe mal passar a noite em claro.

- Veja se pode ir; na volta viremos juntos, e eu visitarei o velho. Há de ser alguma cisma.

Eulália beijou-lhe a mão e ele retirou-se.

À tarde, porém, o vigário esperou debalde no Engenho a chegada de Eulália, e levou a entediar-se por largo espaço, ouvindo uma aluvião de queixas que faziam as outras moças incumbidas dos socorros. Não podiam com essa gente, diziam; nunca estava satisfeita, faltava-lhe sempre tudo. As roupas, que lhe eram dadas, desapareciam como por encanto e todos se apresentavam trapilhos e imundos:

- Bem - ponderou o vigário -, não querem ser tratados com bondade? Terão o rigor.

Deixaram-no finalmente só no Engenho entre a massa dos retirantes, a passear de um lado para outro e a expedir de espaço a espaço portadores para ver se vinham ou não "os dois anjos de Deus", como chamavam os retirantes a Eulália e Irena.

Mas, começando a anoitecer, Paula reconheceu que era em vão esperar e, acompanhado por dois retirantes, pôs-se a caminho. Quando chegou à parte já povoada da estrada, despediu os companheiros.

- Digam lá às mulheres que amanhã de manhã não venham cá à paróquia, esperem por mim no Engenho. Quanto a vocês, já sabem, vão para o serviço do adobe.

Seguiu a passos largos a sua caminhada, e depois de conversar com Antão Ramos sobre a probabilidade de faltarem gêneros para a população adventícia, que aumentava dia a dia, enveredou para a casa de Queiroz.

A noite sem luar afastara da praça os passeadores; quase todas as casas estavam fechadas, e o silêncio prolongava e avultava o som das suas passadas na areia.

De repente Paula estremeceu, levou uma das mãos ao pavilhão da orelha e encurvou-se para a frente, arregalando muito as pálpebras. Um vulto caminhava apressadamente diante de si e na mesma direção.

- Quem será? - resmungou Paula, como se falasse para algum companheiro.

Apertou por sua vez o passo no encalço do desconhecido, mas não conseguiu alcançá-lo, porque o vulto levava grande distância de si, e demais disso, era necessário pisar cautelosamente para não fazer rumor. Para maior precaução, Paula desviou-se da trilha geral, e seguiu mais para o meio da praça. De súbito, já em face da horta de Queiroz, o vulto sumiu-se como se a noite o houvesse devorado.

Olhou para todos os lados, surpreendido e atento: não viu senão a homogeneidade da noite; depois ajoelhou-se e aplicou o ouvido, mas nenhum rumor percebeu.

- Distraí-me e perdi a pista - murmurou levantando-se; - ficará para outra vez.

Dera apenas algumas passadas, quando um rosnado de cães e um latido, que para logo cessaram, chamaram-lhe violentamente a atenção.

- Ah! - exclamou levando a mão à testa. - Até que enfim!

Havia nesse brado represso a satisfação da pantera esfaimada, a pousar o olhar esgarado sobre a presa! Como se tivesse adquirido de chofre a elástica celeridade do tigre, colheu a batina e correu

sem ruído para o ponto em que o vulto desaparecera. A cerca de pau-a-pique ergueu-se-lhe diante como invencível barreira. Forcejou para ver se podia destacar algum dos mourões, mas estavam solidamente fincados e a aspereza das suas faces magoava-lhe as mãos.

- Mas eu vi - murmurou guturalmente -, vi!...

Começou então um trabalho paciente de ladrão, abalando, ao de leve, um por um todos os paus: estes resistiam a sua pergunta sem frase, com a pertinácia de cúmplices. Mas Paula não desanimou; a paciência da vingança premeditada, unida à alucinação do ódio, o impelia e fazia persistir. Afinal um dos mourões estremeceu, e os lábios do vigário arregaçaram-se na treva, enquanto as mãos removiam cautelosas o obstáculo à sua passagem. Entrou, depôs o chapéu junto à cerca, mas logo aos primeiros passos foi obrigado a parar e a esperar: os cães investiram-no furiosamente, e só calaram-se depois de reconhecerem-no. Agachou-se e espantou com um aceno os companheiros impertinentes, que voltaram correndo para o fundo da horta.

Paula pôs-se então a gatinhar vagarosamente, até que se pôde coser com o tronco de um cajueiro. Daí espiou em vão para todos os lados: nem o menor ruído perturbava o silêncio noturno.

Ficava próximo um pano de hortalíça que, machucada pela carreira dos cães, recendia na treva o seu cheiro ativo. A altura dos canteiros e das plantas ocultava perfeitamente um homem a caminhar de rastos, e Paula, deitando-se sobre as mãos, começou a arrastar-se por entre eles. Depois de longo tempo desta excursão penosa, a sua curiosidade foi enfim satisfeita. O cicio de uma conversação a meia voz veio acender-lhe toda a cólera, até então contida. Levou precipitadamente a mão ao bolso e, depois de tirar de lá o canivete-punhal, prosseguiu na sua marcha de serpente, até que novamente parou perto de uma gravioleira, junto à qual conversavam dois vultos, um vestido de negro e outro de branco.

- Amanhã, no Engenho - ouviu o vigário. - Vocês demoraram-se mais, deixam anoitecer e partiremos. Tenha coragem; bem sabe que é o último recurso que nos resta. Adeus!

Alguns soluços abafados responderam ao ousado plano e, à despedida, e o vulto negro afastou-se demoradamente, deixando estático junto da gravioleira o que estava de branco.

Paula seguiu-o de rastos até a cerca, com a precaução dos selvagens. Reconheceu facilmente Augusto Feitosa, e quando este, já da parte de fora, ia voltar-se para colocar no seu lugar o mourão arrancado, o vigário aprumou-se, e, levantando o braço armado, desfechou brutalmente o golpe na altura das espáduas do seu suposto rival.

- Eu morro! - bradou o agredido, cujo corpo esbelto vergou sobre os joelhos e deu redondamente em terra, a golfar sangue.

Os cães investiram coléricos para o lugar do crime, porém esbarraram de encontro à cerca, porque o vigário já havia tomado o chapéu e consertado rapidamente o pau-a-pique.

Paula fez-se então ao largo na praça e renovou por algum tempo o processo pelo qual se aventurara na horta até junto dos dois amantes, enquanto algumas janelas da vizinhança abriam-se precipitadamente, e os vizinhos, sem ousar sair inermes, perguntavam-se mutuamente se não tinham ouvido um grito.

Para logo o barulho dessas perguntas em voz alta mudou-se em alvoroço, e os moradores puseram-se a saltar pelas janelas e a correr aspirando o eco de uma voz, que bradava desesperada:

- Socorro, está aqui um homem morto!

Um grande grupo de curiosos engrossou imediatamente em torno do agredido; mas a perplexidade, a indignação, a piedade confundiam o movimento e o impossibilitavam de tomar qualquer resolução. Comentavam todos, maldiziam, praguejavam, mas ninguém se lembrava de socorrer o ferido e perseguir o criminoso.

- Tragam luzes - gritou por fim o professor, que tinha sido o primeiro a sair e era quem mostrava maior sangue-frio.

Ao frouxo clarão de uma vela reconheceu-se Augusto Feitosa.

Estava caído de costas, com o rosto muito pálido saindo do capuz do capote, arregaçado em parte pelo braço que se voltara de modo a ficar sobre a ferida aberta próximo à espádua direita; seus olhos, feridos pelo estupor do além-túmulo, tinham a majestade misteriosa da morte.

- Está morto! - exclamaram todos.

Queiroz, porém, como se não ouvisse a exclamação dolorosa, ajoelhou-se e, debruçando-se por sobre o corpo, aplicou o ouvido naquele peito sem resfolegar.

- O coração ainda palpita! - gritou jubiloso.

E desabotoando-lhe o capote apertado na garganta, acrescentou:

- Levê-mo-lo para dentro; talvez ainda o possamos salvar.

Levantaram o corpo, despiram-lhe o capote, que foi atirado de encontro à cerca, onde se esparralhou uma posta de sangue coagulado, e o grupo inteiro entrou pela casa de Queiroz.

Uma pessoa, porém, ficou de pé no mesmo ponto, com uma vela na mão, na atitude inconsciente de uma sonâmbula. Foi Eulália. O estupor geral compartiu ela com força dúplice, porque uma suspeita horrorosa alevantou-se-lhe no espírito desde que reconheceu Feitosa. O olhar de todos parecia-lhe convergido sobre si, a pedir-lhe que dissesse o nome do criminoso e desse contas do sangue derramado. E então como que sentia que, irritados pelo seu silêncio, os paroquianos possantes agarravam-na, rasgavam-lhe o colo, arrancavam-lhe o coração e liam nele o nome do culpado; mas ainda assim, imóvel impassível ante o furor geral, ela calava-se como se de nada soubesse.

Quando se viu livre do olhar dos curiosos, sacudiu de sobre si essa pressão humilhante. O rosto contraiu-se-lhe com a expressão do sobressalto, e trêmula, ofegante, pôs-se a olhar em roda, como a procurar alguma coisa. Aproximou-se da cerca ensangüentada, e alumiou-a com atenção. De repente, levando precipitadamente a mão à cerca, puxou dentre os mourões um objeto, gotejante de sangue: era o canivete-punhal do vigário Paula.

- Eu estou sonhando, meu Deus! - suspirou tristemente a infeliz - Não pode ser senão um sonho.

E trêmula, quase sem se poder sustentar de pé, Eulália escondeu no vestido o objeto que tanto a impressionara, entrou, atravessou a sala, e foi trancar-se no seu quarto.

Aí, atirada sobre a rede, soluçou por largo tempo; mas de repente, tirando do bolso a arma do crime, abriu pressurosa a caixa em que guardava as suas roupas, e sob elas acautelou e escondeu

a prova esmagadora contra o criminoso.

Na sala a mais clamorosa injustiça dirigia a suspeita dos circunstantes. O comissário Antão Ramos, na sua qualidade de inspetor, fazendo o inquérito e autuando o coro de delito, meneava a cabeça a cada resposta, e afinal não pôde ter-se que não dissesse de onde lhe vinham as suspeitas.

- Querem vocês saber de uma coisa? O melhor meio de castigar o criminoso é mandar mudar aquela peste que lá está no Engenho.

E dava as suas razões: Feitosa estava na paróquia havia apenas cinco meses. Não se malquistara, antes enfeixara simpatias pelos seus modos urbanos, pelos seus cumprimentos de cavalheiro e franquezas de fidalgo. O povo da paróquia não era dos tais que assassinam e roubam: era prudente, morigerado e, portanto, não havia hipótese pela qual se justificasse uma suspeita contra qualquer paroquiano. Podia-se, pois, afirmar com a mão na consciência que o assassino era retirante.

- Mas para que pôr a culpa sobre os que estão morando aí? Lembre-se do Feiticeiro e dos outros - ponderou Queiroz.

- É verdade - concordou Antão Ramos.

E, como se temesse pelos seus bens, quis logo retirar-se.

- Alto lá! - impediu-lhe o professor. - O senhor é a autoridade e tem por obrigação acompanhar o ferido até a casa.

- Pois então avie-se, homem; o que aconteceu a este pode acontecer a minha mulher e a meus filhos, e quem os perde sou eu.

Queiroz pensou a ferida como pôde e, fazendo armar uma rede, entregou-a ao inspetor, que logo acompanhou o moço semimorto na direção da casa dos parentes.

- Não pode escapar - disse Queiroz aos vizinhos que se retiravam -, o golpe foi mortal: deve ter varado os bofes.

- E que alma do diabo perverso será o assassino?

- Não sei; só sei que há de escapar, porque o inspetor tem maior medo dos Viriatos do que do próprio inferno. Boa noite.

- Boa noite, sr. professor.

Queiroz, depois de ter fechado a porta, dirigiu-se para a sala de jantar, de onde partiam soluços abafados.

- Vamos, não é preciso chorar; o rapaz ainda está vivo: vocês o agouram.

- Não, não é isto - murmurou d. Ana -, é uma outra desgraça.

- Outra desgraça?! - perguntou Queiroz.

- Irena está como morta.

- Oh! céus, nós bem os suspeitamos.

O estado de Irena era com efeito assustador. Os seus lábios contraídos deixavam ver os dentes cerrados tenazmente, os braços e as pernas estavam rijamente inteiriçados, o rosto demudado e pálido; a algidez de todo o corpo fariam tomá-la por um cadáver, se uma frouxa respiração e o bater do coração não atestassem que a vida não a abandonara.

Havia longo tempo que estava assim. Depois de acalmado o primeiro espanto, Eulália dera por falta de Irena, e saíra em sua procura pela horta, onde a foi encontrar, imóvel e fria, caída no meio dos canteiros.

Queiroz não teve mais forças para dar um passo, e sentou-se em frente a sua velha irmã, que se debulhava em lágrimas.

- É uma coisa esquisita isto que se está passando com estas duas meninas - murmurou d. Ana; - de uns tempos para cá como que estão sempre a chorar. Agora, enquanto a outra se conserva fora de si, Eulália fica como doida, e até parece ter febre.

- Não é esquisito só, minha irmã, é muito triste. É a desgraça que persegue o pobre Monte.

D. Ana, que não podia atinar com o sentido das palavras de Queiroz, fez um gesto negativo.

- Eu no seu caso procurava saber tudo de Eulália.

- Não é preciso; infelizmente eu sei a razão por que julgo o meu pobre Monte completamente desgraçado.

Calaram-se. D. Ana dirigiu-se apressada para o quarto da sobrinha, mas foi detida ainda por uma pergunta do professor:

- Os escravos de Monte ficaram também em nossa casa?

- Não - respondeu d. Ana ingenuamente.

E entrou.

Queiroz, não podendo mais conter as lágrimas, deixou-as correr livremente; mas receoso de que lhe perguntassem a causa, que ele não daria nem por ameaças à sua vida, levantou-se e, quase arrastando-se, foi fechar-se na sua alcova.

- Oh! Que horrorosa suspeita! - exclamou com voz sumida.

Alta noite, quem espiasse para dentro veria ainda o honrado professor recostado na rede, com a cabeça apoiada sobre os braços cruzados, a olhar com a tristeza da insônia para a vela que se extinguiu.

Eulália, com a energia própria do seu caráter, reagiu contra a espécie de alucinação que a assaltara, causada pelos inesperados sucessos atropelados em tão poucas horas. Enxugou as lágrimas, domou a comoção, e assim conseguiu não aumentar a inquietação de Chiquinha, e principalmente de d. Ana, cujos olhares lhe faziam perguntas incessantes.

Mas como a chama de uma lâmpada, cujo maior clarão coincide com o momento da sua extinção,

a razão de Eulália pareceu-lhe baquear com esse esforço; a moça sentiu-se adoidar pelo sofrimento e sua imaginação começou a delirar acordada. Via diante de si o vigário ainda com as mãos tintas de sangue, perseguido pelo clamor de toda a paróquia, entrar pelo seu quarto, com os traços em desordem, os lábios ressequidos pela febre, os olhos fuzilando o temor do castigo degradante, mas ainda assim desfiando frases ternas para si, perfumando com a sinceridade do seu afeto o cruor tonteante do sangue derramado, a pedir-lhe que lhe pagasse com o amor a desgraça que lhe votara o destino. O pudor de virgem, os escrúpulos de moça educada endureciam-na e cegavam-na às solicitações trépidas daquela paixão explosiva, que irrompera alucinada do seu mistério e demolira a punhal o obstáculo que julgou impedi-la do objeto amado. Mas os gritos dos perseguidores aproximavam-se cada vez mais; o tropel tornava-se mais distinto; já se diferenciavam mesmo as vozes de alguns vizinhos, que exigiam a viva força que entregassem o criminoso. Seu pai, o velho Queiroz, severo e corajoso, impedia a passagem a essa gente, bradando: "Aqui é o quarto de minha filha, e não um couro de assassinos!" Mas não o atendiam; queriam entrar e haviam de entrar. Ombros robustos encostavam-se à porta e impeliam-na com a tresdobrada pujança da cólera. A madeira fraca já estalava, e no entanto Paula ali estava, hirto, com os cabelos ouriçados, tendo ainda à flor dos lábios uma frase de amor paralisada pelo susto. Então o seu recato de donzela soluçou, mas o coração, pagando a temeridade da paixão insensata de Paula, ordenou-lhe que indenizasse em ternura o que o infeliz lhe dera em sacrifícios, e ela, dócil, contente pela idéia de salvá-lo, desfazia as longas tranças negras, e, lavando-lhe as mãos com uma torrente de lágrimas, enxugava-as na sua cabeleira farta e cheirosa das murtas da virgindade. Um riso largo e bom enchia-lhe os arcanos da sua sensibilidade; já não temia que entrassem: era ela mesma que desejava abrir passagem. Repentinamente porém teve de recuar, porque via diante de si um dedo, curvo e brilhante como a lua no crescente, apontar inexorável para a caixa, indicando aos perseguidores uma testemunha do crime. Então Eulália, vendo burlada toda a sua esperança, teve um acesso de choro... e prorrompeu realmente em soluços.

Quando as lágrimas dissolveram os traços horrorosos deste quadro, a imaginação substituiu-o por um outro não menos contristador e travoroso. Era Irena que se alentava, e inteiriçada no seu espasmo, encostava-lhe os seus lábios repassados da frialdade dos mortos, e com esse beijo, que parecia ser dado pelo mistério de além-túmulo, acordava-lhe no seio o remorso insopitável e sanhudo, a espremer-lhe do coração a imagem de Paula, com a impassibilidade de um médico a espremer um furúnculo. Então o vácuo deixado escancarava-se como um abismo, e daí surgia, todo banhado em sangue, com a ferida muito aberta e vermelha, como ouvia na infância pintar a garganta do inferno, o corpo lívido de Feitosa a implorar-lhe vingança a troco do paraíso.

Agitada por estas visões, Eulália, ora passeava, ora parava, sem saber o que fizesse, até que, vindo ajoelhar-se junto de Irena, disse-lhe com voz sumida, sufocada entre soluços:

- Acorda, minha amiga, acorda; o teu sono mata-me.

E sacudia-a, e beijava-a, e unia àquelas faces frias a fronte escaldada pela febre.

Em vão! O espasmo continuava com a pertinácia da morte, apesar dos cuidados de d. Ana.

#### XIV

O vigário, esporeado pelo pavor, esgueirou-se cautelosamente, ora recolhendo-se, ora arrastando-se, com receio de ser visto. Quase no fim do largo ficava a sua casa, alvejando o caio novo e deixando perceber luz no interior, pela porta escancarada. Paula afinal parou em frente e,

colando-se ainda mais com o solo, pôs-se a escutar. Nenhum outro ruído lhe chegava ao ouvido, além do sussurro das vozes dos vizinhos reunidos no lugar do crime. Ergueu então a cabeça, observou: ninguém passava. A porta de casa, ali tão perto, asserenou-lhe o ânimo. Deu alguns passos, e... estava salvo!

Entrou pé ante pé com a batina muito colhida, penetrou na sala escura e silenciosa, e resfolegou longamente. Não o tinham visto, e nem os próprios criados deram pela sua prevenida entrada.

- José, traz-me luz - rouquejou com azedume.

Entrecerrou as bandeiras da porta, ficou à espera, e quando o pequeno, todo trêmulo, com os olhos apertados pelo sono e pelo choque da claridade, entregou-lhe o castiçal:

- Estão frescos guardas para a casa - disse. - Safe-se, moleirão!

Fechou-se cuidadosamente, enquanto o pequeno trancava a porta da rua e, pisando de manso, entrou no quarto de dormir, colocando o chapéu e o castiçal sobre a mesa, onde o velho Cristo quedava na sua perpétua escravidão de piedade.

Paula, encarando despreocupadamente com a imagem, foi deitar-se na rede; espreguiçou-se muito, escancarou um prolongado bocejo, ajeitou-se nos travesseiros e jazeu tão calmo que dir-se-ia ter adormecido.

Mas pouco depois, levantando-se de um salto, pôs-se a examinar miudamente a batina e em seguida o chapéu redondo de grandes borlas pretas. A roupa empoeirada e empastada pela terra da horta, úmida da rega vespertina, estava felizmente intacta; só alguns dos botões tinham desfiado um pouco pelo prolongado roçar. No chapéu não havia o menor vestígio, a não ser uma pequena mancha de sangue.

Dirigiu-se até o lavatório, improvisado com um alto mocho e uma bacia de ferro, sobre a qual refletia o polido embaciado de um espelho. Com a cabeça baixa, os lábios contraídos num sorriso, lavou tranqüilamente as mãos e a orla da manga da batina. Depois, pingando com a ponta dos dedos gotas de água no pêlo empastado do chapéu, demorou-se a esfregá-lo com a unha. Voltou então para junto do lavatório, onde, depois de enxugar as mãos, atirou desdenhosamente com a toalha. Calmo, foi a um cabide pendurar a batina e o chapéu, e resmungou finalmente com um sorriso mais franco e acentuado:

- Procurem agora pelo homem da capa preta!

Ao pronunciar a última palavra, porém, tinha suspenso a cabeça e os seus olhos depararam com a sua imagem no polido do espelho. Inclinou-se sobre ele, passou a mão aberta sobre as faces e, a estremecer como um friorento, veio buscar a vela que deixara junto ao Cristo, tornando a ir mirar-se ao espelho.

- Sangue! - disse com um sussurro gutural.

E, depositando a vela sobre o lavatório, pôs-se a lavar o rosto sofregamente. Enxugou-se com a mesma precipitação, levantou a tremer a vela e de novo olhou para o espelho. O sorriso voltou-lhe na inteireza da sua perversidade, mas não demorou muito a extinguir-se: um fio de água sanguinolento, escorrendo sobre a volta, molhara-lhe a camisa e aí deixara uma grande mancha comprometedora.

- Que teiró - resmungou desabotoando-as convulso e atirando-as com arrebatamento a um canto.

O ar fresco do quarto ladrilhado envolveu-lhe o tronco despido, e o frio momentâneo que lhe causou como que lhe pareceu o contato do braço de um agente da justiça, que o segurasse pela nuca. Encurvou-se todo e, trôpego, caminhou para uma caixa de folha, que estava por debaixo da mesa.

A postura em que se achava punha-lhe a cabeça na altura do semblante do Cristo. Paula, ao inclinar-se, roçou por ele e fez vacilar na pequena penha a cruz negra, de verniz já deteriorado. O fraco ruído produzido bastou para fazê-lo recuar desvairado, e como olhando em roda de si nada avistasse, encarou irritado para a imagem.

- Não, não me assusto - resmungou com acentuado escárnio; - não tremo, olho-te de face.

Mas à proporção que o desvairamento lhe inspirava estas blasfêmias, a consciência punia-o tacitamente. Todo o corpo tremia-lhe, a garganta vasculejava as palavras, os olhos esgaravam-se, os cabelos ouriçavam-se. Malgrado seu, os joelhos dobraram-se-lhe na atitude da prece, enquanto as mãos trêmulas seguravam o crucifixo. Então as lágrimas e os soluços romperam-lhe em quentes borbotões, deslizando-se pelo corpo frio do Cristo, que ele, mordido pelos remorsos, apertava contra o seio.

- Perdão! Perdão!... - soluçou contritamente. - Eu não era mau, Senhor; fizeram-me perverso; vós conheceis a minha dor... Oh! meu Deus! Ocultai a minha vergonha, escondi o meu crime para sempre!

Quem o visse, prostrado, sufocando-se em soluços, afogando-se nas lágrimas, cheio de arrependimento momentâneo, julgá-lo-ia resgatado.

As lágrimas do remorso lavam na imaginação dos crentes a mancha dos maiores crimes. Venha embora a miséria bater à porta da vítima a pedir-lhe as filhas para o alcouce, os filhos para os quartéis, a viúva para o nivelamento tristonho do hospital, não importa; a onipotência divina volta as costas aos que sofrem, e prepara os caminhos estrelados do céu para o criminoso arrependido!...

Mas Paula não se conservou por muito tempo nessa postura de penitente; erguendo-se de súbito, com o crucifixo apertado em uma das mãos, caminhou direito à batina, cujos bolsos revolveu freneticamente.

- Não está - pronunciou guturalmente -, não está!

Pegou então na vela com um dos dedos da mão com que segurava o Cristo, e dirigiu-se à rede, de dentro da qual tirou toda a roupa, que sacudiu por terra.

- Não está, não está! - repetiu cada vez mais ofegante.

E caminhou para a sala.

Todos os papéis que estavam sobre a mesa foram remexidos com impaciência febril; em seguida revistadas atentamente todas as cadeiras; mas ainda uma vez desanimado, lacrimoso, proferiu na garganta o pavoroso desengano:

- Não está!

A busca minuciosa prolongou-se por toda a sala, pelo quarto e pelo corredor; nem por isso o vigário pede achar o desejado lenitivo à desilusão angustiada, que o estortegava nas suas garras afiadas.

- Deixei-o então ficar por lá! - exclamou soluçando aterrado. - Estou perdido, perdido inteiramente!

Tinha-se deixado cair sobre uma cadeira; mas, com a inconstância dos pensamentos horríveis que se encontravam na sobre-excitação do seu cérebro, levantou-se e abriu uma das janelas.

A vela apagou-se sussurrando a uma esfuziada de vento. Cercada por uma auréola cor de ouro vinha surgindo a lua cheia, rubra como se se houvera espojado em uma sangueira. Uma claridade mortecida enchia já a praça e empalidecia a serenidade do céu, por onde nuvens muito brancas desfilavam com a celeridade das locomotivas, e rentes com o azul como com o solo do hipódromo os ventres dos cavalos disparados. Vinha um ramalhar uivado e tristonho do arvoredo dos quintais, misturado com o chocalhar e o bufar dos animais, que raspavam nos cercados os últimos folíolos de erva.

Paula chegou-se à janela e espiou timidamente para todos os lados. A solidão era completa. Fez então um jeito de trepar; o castiçal ressoando deteve-o, e ele, apressado e trêmulo, veio colocá-lo à mesa. De volta, ficou imóvel por algum tempo, como se temesse que o fraco ruído tivesse sido ouvido por alguém. A claridade tornava-se a pouco e pouco maior, e o vigário pede ver na areia o rastro que deixara.

- Está tudo, tudo a condenar-me, meu Deus! - disse baixinho.

E olhando para o crucifixo, acrescentou:

- Senhor, defendei-me, defendei-me!

O luar, pondo em relevo a pujança daquele corpo seminu, parecia rir de tamanha fraqueza, assustadiça ao menor ruído, trêmula diante de um fraco vestígio sobre a areia.

O vigário olhou ainda uma vez para a extensão da praça, fechou a janela, e foi, tiritando mais de medo que de frio, mergulhar-se na rede, onde afinal adormeceu abraçado tenazmente com a imagem do Cristo.

Só no outro dia levantou-se estremunhado com o bater desesperado do pequeno, que vinha lembrá-lo de que eram horas de celebrar a missa.

Um sossego farisaico voltara-lhe já inteiro; apenas o semblante denunciava, pela morte-luz do olhar, a luta indescritível da sua noite de remorso.

Saiu, conforme seus hábitos, a cortejar com o sorriso de bonomia e escárnio os simples paroquianos que se descobriam à sua passagem, e quando na sacristia ouviu do velho Marciano o acontecimento da noite, não teve senão uma comoção muito natural. Vestiu-se e, quando ia conchegar a alva aos cordões, perguntou serenamente:

- E morreu?

- Felizmente ainda está vivo, mas todos dizem que ele não escapa.

- Pobre rapaz! Era digno de melhor sorte!

De volta do altar, desrevestiu-se, queixando-se do calor, e, sentando-se na sua cadeira de espaldar reatou a conversação sobre Feitosa.

- E aonde apanhou o golpe, Marciano?

- Rente com a espádua, sr. vigário.

- Muito largo?

- Não, senhor; parece que foi punhal.

- Então foi muito fundo?

- Deve ser, para que ainda hoje o moço esteja tão prostrado e em perigo de vida...

- Mas não há certeza então da arma?

- Cisma-se que foi com um punhal, mas não se achou a arma.

- E quem desconfiam que seja o criminoso? - perguntou resfolegando.

- Da paróquia Vossa Mercê há de concordar que não foi ninguém; o moço está aqui há pouco tempo...

- É exato.

- Não tem vexado ninguém.

- É verdade - continuou Paula sacudindo a cabeça.

- Há de ser por força algum desses ladrões, pelos quais Vossa Mercê apanha soalheiras e faz chorar a pobre Mundica.

- Bem, bem, Marciano, não é bom fazer juízos temerários. Há testemunhas?

- Infelizmente não; porque se houvesse o tihoso havia de ser feito em postas.

Paula levantou-se e, espreguiçando-se demoradamente, exclamou entre um bocejo:

- Veja como são os juízos dos homens! Os nossos avós diriam sabendo deste crime: foi algum dos Montes. Você, Marciano, diz hoje que são os pobres retirantes. Ah! mundo, mundo!

E saiu com o seu passo imperturbável.

- E quem sabe se ainda hoje não se pode dizer o mesmo - resmungou o velho sacristão, pondo a mão sobre a casula que dobrava; - o ódio de Rogério é tão vivo hoje como o de seus antepassados!... Mas, não - exclamou continuando o trabalho -, não pode ser ...

## XV

Desde a noite fatal, a essa de Queiroz perdeu inteiramente o ar alegre que a distinguia entre as da paróquia.

Os meninos deixaram de cantar, reunidos em aula, a musica monótona das suas contas e leituras. Entravam e saíam com uma vaga tristeza daquela sala grande, que lhes fazia saudades na ausência, e freqüentada entristecia-os.

- O mestre está bem doente.

- Vamos ter muitos suetos: é este mês *todinho*.

De feito, o velho Queiroz, na manhã seguinte à tentativa de assassinato contra Augusto Feitosa, queixava-se ainda mais das dormências e dores pelas pernas e braços. À tarde, indo espairecer pela horta, sentira as pernas fracas, como que desarticuladas nos joelhos, pesando muito. Dera apenas algumas voltas e, no entanto, chegando a casa, dizia-se cansado, como se houvera feito uma jornada fadigosa.

Passara este dia inteiro muito triste; ia de vez em quando à cabeceira de Irena, que havia despertado do seu prolongado espasmo, porém se conservava em grande prostração. Isto o impressionava muito e, para cúmulo de infelicidade, o vigário não tinha aparecido para dar o seu quarto de hora matinal, nem viera depois para distraí-lo com a bisca e com os comentários que necessariamente faria a respeito do sucesso da noite.

- E o Paula? - ponderou ele a sua irmã. - Como que vai se esquivando da gente pouco a pouco!

- Anda agora entretido com os seus pobres.

- Não é razão; sempre veio aqui apesar disso.

- Você é muito desconfiado; pelo vigário ponho eu a minha mão no fogo.

- Eu hoje não juro nem por mim - murmurou Queiroz; - há coisas que não se explicam.

- É verdade, e uma delas é a doença de Irena.

- Ora é muito boa esta! Pois o estado do pai, a certeza de que vai sair do lugar onde nasceu, é pouco?

- Mas também um sentimento assim é demais.

- São gênios; sempre foi assim quando pequena. Você já não se lembra que ela adoecia quando quebrava as bonecas?

Desculpando, porém, com tanto zelo a filha do amigo, Queiroz mostrava não ter convicção do que dizia, e as suas palavras junto da rede de Irena eram um desmentido solene que a si próprio dava.

D. Ana, por sua parte, limitava-se a sacudir os ombros.

Três dias depois dos múltiplos sucessos da noite do crime, um novo desgosto veio juntar-se aos muitos que torturavam o professor.

O inspetor Antão Ramos veio visitá-lo, e pediu-lhe um instante em particular. O começo da conversação foi dolorosamente embaraçoso para ambos, até que se ferisse o ponto.

- Você sabe, Queiroz: eu não desconfio nada do velho Monte.

- Mas para que declarar isto, homem?! Deve-lhe ele alguma coisa? Conte certo o pagamento.
- Antes fosse por isso; neste ponto ninguém lhe põe o pé adiante.
- E então por que havia de desconfiar?
- Eu lhe digo: rosnam que a partida do Monte para o Aracati foi uma chicana.
- E quem é que rosna este desaforo?
- Toda a gente.

O professor endireitou-se na cadeira, e baixou os olhos para esconder a sua contrariedade.

- E a propósito de que dizem esta grande tolice?

Antão Ramos demorou-se muito a responder; compreendia que as suas palavras arrastariam o professor a um transe doloroso. Mas, afinal, disse com longas reticências:

- Você sabe, bem? Deu-se aquele desastre com o Feitosa, e o rapaz não tem um só inimigo... Para serem os Viriatos, eles não se contentariam com tão pouco, tanto mais que o rapaz não trazia nada consigo. E então..
- E então?... - perguntou Queiroz, trêmulo e indignado, a olhar fixamente para o inspetor.
- Toda a gente se recordou do ódio que há entre Montes e Feitosas.
- Mas pensam esses malvados que foi Rogério quem o quis matar?
- Eu por mim não creio mas... O velho mesmo disse muitas vezes que tinha coragem de atravessar o coração a um por um dos Feitosas.